DARLAN SOARES

O menino que colecionava sonhos

2ª EDIÇÃO



novo século®

DARLAN SOARES

O menino que colecionava sonhos

2ª edição

novo século®

São Paulo. 2015

O menino que colecionava sonhos
Copyright © 2015 by Darlan Soares
Copyright © 2015 by Novo Século Editora Ltda.

GERENTE EDITORIAL
Lindsay Gois

EDITORIAL
João Paulo Putini
Nair Ferraz
Vitor Donofrio

GERENTE DE AQUISIÇÕES
Renata de Mello do Vale

ASSISTENTE DE AQUISIÇÕES
Acácio Alves

AUXILIAR DE PRODUÇÃO
Luís Pereira

DIAGRAMAÇÃO
Dimitry Uziel

CAPA
Monalisa Morato

REVISÃO
Thais Coutinho
Cristiane Martini Toledo
Daniela Georgeto

Texto de acordo com as normas do Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa (1990), em vigor desde 1º de janeiro de 2009.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Soares, Darlan
O menino que colecionava sonhos - 2a ed.
Darlan Soares
Barueri, SP: Novo Século Editora, 2015.

1. Ficção brasileira I. Título. II. Série.

14-05718 CDD-869.93

Índice para catálogo sistemático:
1. Ficção : Literatura brasileira 869.93

NOVO SÉCULO EDITORA LTDA.
Alameda Araguaia, 2190 – Bloco A – 11º andar – Conjunto 1111
CEP 06455-000 – Alphaville Industrial, Barueri – SP – Brasil
Tel.: (11) 3699-7107 | Fax: (11) 3699-7323
www.novoseculo.com.br | atendimento@novoseculo.com.br

E-ISBN: 978-85-428-0381-5

Este livro é dedicado à minha esposa Andreza; aos meus pais, Jayme e Socorro; às minhas irmãs, Rosana, Fernanda e Nathália; aos meus sobrinhos, Kauanne, Ítalo e Samuel; aos alunos da Escola Estadual Marlene Martins Reis, em Pratinha/MG; e a cada um dos meus amados leitores.

“O futuro pertence a quem crê na beleza de seus sonhos.”
ELEANOR ROOSEVELT

Na sua cidade…
Bem aí, na sua rua…
Mora um menino que, enquanto você dorme, coleciona sonhos.

um

Antony acordou cedo.

– Domingo! – exclamou cerrando o punho direito.

Em sua cabeça começou a repassar uma a uma as tarefas que havia programado para seu dia. Não havia uma sequência muito lógica ou nada daquelas chatices que os adultos perdem tanto tempo fazendo. Suas tarefas eram divertidas e ninguém precisava obrigá-lo a fazer nenhuma delas. Entre ela estava escalar uma árvore, cavar um túnel em algum monte de areia que encontrasse na calçada, lavar suas bolinhas de gude e muitas outras coisas que só os meninos da idade dele entendiam. Ele mesmo as criava e as realizava, mesmo que fossem demoradas. O importante para ele era se divertir.

Levantou-se rapidamente e puxou a cortina. Por um instante sentiu a euforia inicial indo embora, como que escapando pela janela. O céu estava cinza naquela manhã, trovões que mais pareciam explosões indicavam que a chuva não demoraria a dar as caras. E isso só significava uma coisa: dificilmente conseguiria sair de casa.

Sentindo o vento frio entrar pelas pequenas frestas da janela, Antony puxou as mangas de sua blusa na tentativa de cobrir as mãos. Notou que seus dedos estavam enrugados. Sorriu ao ver as ondinhas de pele. Virou-se de costas para a janela e caminhou de volta para sua cama. Deitou-se, cobrindo-se por completo. Olhou para seu cobertor verde-escuro, que há muito precisava ser trocado. Estava cheio de buracos e parecia esfarelar-se à medida que o menino se mexia. Mas, embora fosse velho, Antony achava gostoso enrolar-se nele e sempre agradecia a Deus por ter um cobertor para dormir, porque, segundo havia visto na TV, muitas crianças dormiam na rua. Por isso, ele deveria estar sempre feliz com o pouco que tinha.

Antony virou-se de lado em sua cama. De longe, viu seu reflexo no pequeno espelho que ficava fixado na parede ao lado da cômoda. Sorriu.

Não que estivesse feliz. O que ele queria mesmo era ver seu novo dente que começara a nascer e aos poucos ia tampando sua “janelinha”. No mais, tudo permanecia igual. Sua aparência era um pouco diferente da dos outros meninos de oito anos. Era franzino e pequeno, não aparentando ter mais do que seis anos. Seus olhos eram bem pretos, como duas grandes jabuticabas. Os cabelos pretos e lisos formavam uma espécie de franja impossível de ser desfeita. Por mais que ele tentasse empurrá-la para trás com as mãos, não adiantava; bastavam dois passos e lá estava a franja cobrindo-lhe os olhos novamente.

Desviando o olhar, Antony concentrou-se no porta-retratos sobre a cômoda. Nele, sua mãe sorria. Suspirou.

Antony era filho único, como a maioria dos meninos que ele conhecia. Pelo que sabia, sua mãe trabalhava em um bar do outro lado da cidade. Na maioria das vezes, chegava embriagada em casa. Eram raros os dias em que Antony podia conversar com ela. Uma vez por semana, geralmente aos sábados, talvez pelo fato de não trabalhar e não ter como se embriagar, Sophia o levava ao shopping, onde iam ao hipermercado e, juntos, escolhiam tudo o que julgassem necessário para que não passassem fome durante a semana. No restante do tempo, passeavam olhando as vitrines, mas não se atreviam a entrar nas lojas.

Antony sentia-se feliz aos sábados, não somente pelo passeio, mas pelo fato de ver sua mãe sorrir da mesma forma que sorria quando não precisava trabalhar no tal bar, o qual ele nunca pôde conhecer. As conversas eram agradáveis. Sophia queria saber tudo a respeito da semana dele. O que havia feito para o jantar, como tinha se saído na escola e muitas outras coisas que o menino guardava a sete chaves durante a semana para poder contar a ela no sábado. As coisas boas, porque situações ruins, como as que ele passava na escola, ficavam bem guardadas em seu coração.

Nos outros dias, a vida era completamente diferente. Sophia ia ao bar por volta das seis da tarde e só voltava na manhã seguinte, quando Antony já estava pronto para ir à escola. Mesmo sentindo-se culpado, ele se escondia para que a mãe não o visse e o beijasse com aquele cheiro insuportável de álcool e o deixasse com o mesmo cheiro. Era triste, mas necessário. Escondido atrás da cortina da sala, via a mãe cambalear até a cozinha derrubando tudo o que encontrava pela frente e, depois, voltar ao quarto, onde se jogava na cama sem nem mesmo tirar os sapatos.

Mas, naquele sábado, Antony estava entediado. Não queria ficar deitado. A chuva começava a cair e atingir a janela formando gotas que escorriam em diferentes direções. Em um solavanco, levantou-se. Calçou os chinelos e correu até a cômoda. Abriu a gaveta que ficava próxima ao chão. Sorriu ao ver o embrulho azul. Lembrou-se do dia anterior, que, para ele, tinha sido o "melhor de todos os sábados"!

Depois de irem ao mercado, Sophia o levou a um lugar "incrível", como ele mesmo disse: à livraria do shopping! Foi amor à primeira vista. Pilhas e mais pilhas de livros, ali, à sua espera, um mais lindo que o outro, com um cheiro inigualável de papel novo. Era tudo com que Antony sonhara. Como a mãe jamais lhe contava histórias, poderia descobri-las sozinho e fazer sua imaginação voar.

Antony folheou vários livros. Queria levar todos para casa, mas era impossível. O presente da mãe parecia resumir-se ao passeio e nada mais. Embora apaixonado pelos livros, ele sabia que o dinheiro que sua mãe recebia era pouco, e que ela já gastava o suficiente para pagar uma escola particular, talvez na esperança de fazer dele um homem bom no futuro e que não precisasse trabalhar em um bar de madrugada.

Antony saiu da livraria assim que percebeu Sophia acenando para ele. Despediu-se dos livros com um sorriso, como se fossem seus amigos.

– Mãe, meu sonho é ter muitos livros! – disse segurando a mão de Sophia.

– Que lindo, filho! – Sophia respondeu acariciando os cabelos do menino. – Amei seu sonho!

– E o que eu devo fazer para realizar meus sonhos?

– Seja bom, meu filho, trate as pessoas sempre com muito amor, ajude os outros a realizarem seus sonhos e, com certeza, um dia seu sonho se realizará.

– Ajudar os outros? – Antony sentiu-se confuso.

– É como um ciclo, meu filho. Não se preocupe tanto com você, preocupe-se com os outros. Quando você ajuda as outras pessoas, você as faz felizes e fica feliz também. Agora, se você se concentra em seus próprios desejos, pode se machucar quando não conseguir o que quer e, o pior, pode se transformar em alguém egoísta. Por exemplo, muitas pessoas têm livros e não são felizes. O que você precisa entender é que, mesmo se um dia conseguir ter seus livros, deve continuar ajudando as outras

pessoas a realizarem os sonhos delas, pois só assim é possível ser feliz de verdade, entendeu?

– Entendi, mãe! Realizar os sonhos das outras pessoas!

– Isso mesmo, garoto! Parabéns! Agora coloque a mão na minha bolsa e divirta-se!

Antony mal pôde acreditar quando viu o embrulho dentro da bolsa da mãe. Abriu imediatamente o pacote. Surpreendeu-se! Um livro! Seu primeiro livro. Seu sonho havia se realizado. Sua mãe o havia mostrado na prática como realizar o sonho de alguém. E lá estava ele, com seus olhos fixados naquele que ele chamou de "o melhor presente do mundo": *O Pequeno Príncipe*! O livro tinha o mesmo nome com o qual sua mãe muitas vezes o chamara. Era perfeito.

Antony voltou para casa abraçado ao seu livro. Enquanto caminhava, olhava para o céu azul, onde pássaros dançavam como ao som da mais bela canção. E a cada passo dado repetia a si mesmo, enquanto segurava firme a mão de sua mãe:

"Realizar os sonhos dos outros."

"Realizar os sonhos dos outros."

"Realizar os sonhos dos outros."

Antony sentia aquelas palavras passearem por dentro dele como seus carrinhos passeavam pelos túneis que ele cavava na areia, indo cada vez mais fundo, incentivando-o a encontrar saídas para chegar ao seu destino.

Com aquelas palavras na cabeça, Antony sentou-se no chão e abriu seu livro. Sentiu-se tocando em um pedaço de sonho. Imaginou como seria bom se todas as crianças do mundo pudessem ter um livro como aquele. Pensou em uma maneira de poder realizar os sonhos dos outros, mas nada lhe veio à cabeça. Nessa hora sentiu seu estômago doer. Estava com fome. Cheirou o livro. Fechou-o e o colocou de volta no embrulho antes de guardá-lo na gaveta. Olhou mais uma vez pela janela. Não percebeu mais nenhuma gota. A chuva parecia não querer mostrar-se de vez. Pensou em quanto tempo perderia se ficasse esperando por algo que nem sabia se aconteceria. Decidiu que sairia assim mesmo. Então se levantou, tirou a franja da frente dos olhos, acariciou a foto da mãe e saiu do quarto.

dois

– Tommy, Tommy! Vamos brincar, hoje é domingo! – gritou Antony em frente à janela da casa de seu graaannde amigo.

– Calma, Antony, eu já vou… Estou tomando meu café! – respondeu o garoto, aparecendo na janela.

Tommy era o que Antony costumava chamar de "melhor amigo!". Os dois faziam tudo juntos. Era como se fossem irmãos de verdade, só que morando em casas diferentes. Os dois tinham muito em comum. Antony jamais se esqueceu da primeira conversa que tiveram. Ali mesmo, em frente à sua casa.

– Oi, você mora aqui? – disse Tommy, aproximando-se.

– Sim – respondeu Antony, levantando a cabeça e fitando o menino gordo de bochechas vermelhas.

– Eu acabei de me mudar. Moro naquela casa ali – disse, apontando para o outro lado da rua. – A casa amarela. Moro com minha mãe. E você?

– Eu também.

– Você não tem pai?

– Eu não o conheci…

– Ah, tá… E você brinca de quê?

– Quase nada. Não tem ninguém para brincar por aqui.

Naquela conversa que durou longos minutos, Antony descobriu muitas coisas sobre Tommy e percebeu que os dois tinham muito em comum. Os pais haviam abandonado suas mães, os dois eram bastante pobres e, o mais importante, os dois amavam brincar. Foi uma amizade instantânea. Naquele mesmo dia, decidiram que não ficariam mais sentados na calçada vendo o tempo passar. Teriam que ter uma aventura. Teriam que explorar novos lugares. O bairro vizinho passou a ser a meta. Embora ficasse uma rua abaixo, Antony ouvia falar coisas terríveis de lá e

nunca tivera coragem de atravessar a fronteira, mas, agora, com a ajuda de um escudeiro, tudo poderia ser diferente.

Além de descobrir que Tommy ficava vermelho nas bochechas sempre que corria, Antony também ficou sabendo do passado do amigo. Tommy havia nascido no centro da cidade. Seu pai era um executivo influente e famoso. Lá Tommy tinha tudo o que uma criança poderia desejar. Estudava em uma escola grande e bonita, morava em uma casa que ocupava um quarteirão inteiro e tinha muitos amigos. Mas tudo mudou, certo dia, quando Tommy escutou os pais discutindo. As palavras de seu pai dizendo que ele e a mãe eram um grande estorvo nunca lhe saíram da cabeça, embora ele nem soubesse direito o que significava a palavra estorvo. Tudo o que ele sabia é que não era algo muito bom, tanto que a mãe o tirou de casa sem permitir-lhe levar nenhum de seus brinquedos e nem se despedir de seus amigos. No princípio pensou que voltariam logo para casa, mas enganou-se. Nunca mais voltaram. Mudaram-se para aquele humilde barracão próximo à casa de Antony.

Antony ficava encantado com as histórias fantásticas que Tommy contava a respeito de sua antiga casa, de sua antiga escola. Era difícil para ele imaginar como seria morar em um local com quatro quartos, onde as pessoas ficam trazendo as coisas, limpando tudo a toda hora e, o mais incrível, onde pudesse escolher com qual cobertor dormiria à noite. Tommy certa vez contou sobre sua “casa de aventuras”, que ele construiu com grandes ripas de madeira e cobertores como telhado para, segundo ele, proteger-se do ataque dos inimigos. Antony encabulou-se ao ouvir aquela história. Afinal, se a casa fosse dele, os inimigos com certeza o acertariam através dos enormes buracos que havia em seu cobertor. Mas todas aquelas histórias eram passado para Tommy; serviam apenas para passar o tempo quando já haviam brincado de tudo o que se pudesse imaginar. E olha que era difícil parar de brincar e correr pelas ruas do bairro. As árvores gigantescas e floridas, que espalhavam um colorido mágico pelas ruas, eram ideais para as aventuras dos dois meninos. Era melhor do que passear no parque com a empregada, como Tommy fazia quando ainda morava no centro. Subir nas árvores e fingir observar as trincheiras inimigas era a brincadeira principal. Desse jeito os dois conseguiam pouco a pouco avançar em direção ao que chamavam de “território a ser dominado”, referindo-se ao bairro vizinho, onde, na imaginação dos dois, era terminantemente proibido pisar.

Os domingos eram aguardados com toda a ansiedade do mundo pelos meninos. Cada um tinha um calendário onde marcavam os dias da semana com caneta preta para terem certeza de que o domingo se aproximava. Durante a semana, era bem mais difícil brincar, pois, além da escola, Antony tinha de tomar conta de casa, e isso incluía lavar, cozinhar e fazer todos aqueles serviços que a mãe não conseguia devido ao emprego no bar. Apenas nos fins de semana ele tinha uma folguinha durante os passeios com a mãe.

Tommy saiu de casa vestindo uma camisa azul e comendo um último pedaço de pão. Antony olhou assustado para o amigo ao vê-lo com dificuldade para mastigar algo tão grande. Pensou em como o amigo conseguia comer tanto. Talvez aquilo explicasse o porquê de ele sempre demorar mais para chegar ao topo das árvores que escalavam.

– E, então, vamos avançar mais um pouco hoje? – perguntou Antony, olhando para o amigo que coçava a cabeça.

– Não sei. O que você acha? Parece que vai chover.

– Eu sei. Mas já faz duas semanas que não andamos nem um pouquinho.

– Mas é perigoso. Todo mundo diz que as ruas do bairro vizinho ficam cheias de água quando chove. Não dá pra andar por lá.

– Então, o que vamos fazer, Tommy?

– Não sei. Podemos brincar de carrinho dentro de casa. Você ainda tem aquele seu carrinho azul?

– Tenho. Mas tá faltando uma roda.

– Não tem problema. Dá pra brincar assim mesmo. Pode ser na minha casa.

– Está certo. Vamos lá então. – Antony correu em direção à casa do amigo. – É bom que, assim, eu mostro o livro que minha mãe me deu ontem.

Por dentro, a casa de Tommy era mais simples que por fora. Havia apenas um quarto onde ele dormia com sua mãe Cristina, além de uma sala com duas cadeiras e uma televisão pequena; havia também uma cozinha de onde sempre vinha um cheiro maravilhoso de chocolate, proveniente dos bombons que a mãe do amigo fazia para vender.

Antony brincou com Tommy por um longo tempo, na verdade, não tão longo assim, porque o amigo cheinho sempre parava um pouco para descansar. E foi durante um desses descansos que Antony contou a ele sobre seu livro e sobre o que Sophia havia lhe ensinado. Aproveitou para perguntar ao amigo sobre os sonhos dele:

– Queria ter um videogame – disse o garoto deitando-se no chão.

– Videogame? O que é isso, Tommy? – interrogou Antony, espantado.

– Você não sabe o que é um videogame, Antony?

– Eu não! O que é?

– Puxa, você é pobre mesmo. Não ter é uma coisa, agora, não saber nem o que é… – Tommy gargalhou.

Antony abaixou a cabeça sem graça.

– É um jogo que a gente joga na televisão – completou Tommy.

– Como assim?

– A gente liga na televisão, aí os desenhos ficam passando lá e a gente mexe os bonequinhos.

– Como você consegue mexer os bonequinhos? Sua mão entra na televisão?

– Não, seu bobo! A gente usa um controle cheio de botões. Cada botão mexe o boneco de um jeito. Um serve para mexer os braços; outros, para mexer as pernas. Além disso, dá pra jogar futebol, apostar corridas e muito mais.

– Ah! Entendi! Mas você nunca teve um?

– Eu tinha, mas não trouxe. Quando minha mãe saiu de casa, eu tive que deixar tudo lá. Minha mãe disse que me daria outro, mas aí ela ficou pobre e nunca comprou.

– É muito caro?

– Acho que sim.

– Quanto deve custar um videogame?

– Sei lá, Antony. Deve ser quase uns vinte reais!

– Vinte reais? É muito dinheiro, Tommy! Você devia ser muito rico mesmo!

– Eu era. Só que agora não sou mais. Mas um dia vou realizar meu sonho de ter um videogame novo, você vai ver!

Antony sentiu seu coração vibrar ao ouvir a frase do amigo. Ele conhecia alguém que tinha um sonho e poderia ajudá-lo. Se bem que vinte reais pareciam para ele uma fortuna. Algo que talvez só conseguisse ter

depois de adulto. Durante o tempo em que permaneceu na companhia do amigo, dedicou-se a pensar em alguma forma de ajudá-lo. Pensou em pedir ajuda à sua mãe antes que ela saísse para trabalhar. Decidido, levantou-se e disse ao amigo que precisava voltar para casa. Usou como desculpa os trovões que pareciam cada vez mais fortes. Então, depois de dar um forte abraço em Tommy, correu em direção à sua casa, onde esperava encontrar a mãe com um lindo sorriso e uma grande ideia que o ajudasse a realizar o sonho de seu grande amigo. Porém, as coisas não seriam tão fáceis como ele pensou.



Antony entrou correndo em casa. Nem mesmo se lembrou de tirar os chinelos sujos de lama. Foi direto ao quarto da mãe. Abriu a porta e entrou, mas ela não estava lá.

Saindo do quarto, Antony correu para a cozinha. Nada. Nem um sinal dela. Voltando para a sala, olhou para o pequeno relógio que ficava em cima da estante. Os ponteiros marcavam pouco menos que quinze minutos para as cinco da tarde.

– Mas minha mãe só sai às seis! – exclamou coçando a cabeça. – Logo hoje que eu preciso falar com ela.

Desanimado, Antony foi para seu quarto. Quando entrou, percebeu que sua cama estava forrada com um lençol branco, bem limpo. O chão estava varrido e os objetos sem valor, sobre a cômoda, cuidadosamente alinhados. Tirando os chinelos, jogou-se na cama. Virando seu corpo, enfiou a mão embaixo do móvel. Puxou sua mochila, preta e comum, sem desenhos de super-heróis ou personagens de desenho animado como os que ele via nas mochilas de seus colegas de classe.

Antony abriu a mochila e retirou seus cadernos. Todos encapados com plástico amarelo para não virarem a mesma bagunça que no ano anterior, quando as capas ficaram “por um fio”, como Sophia dissera certo dia.

Com um lápis, Antony começou a rabiscar a primeira folha em branco, na esperança de ter pelo menos uma ideia que o ajudasse a conseguir os vinte reais. Imaginou como deveria ser triste para Tommy não ter mais tudo o que tinha antes, principalmente seu videogame. Começou a pensar então em uma forma mais fácil de conseguir o dinheiro para comprar o videogame para o amigo, mas, segundo seus cálculos, para

conseguir aquele valor ele precisaria crescer e se tornar rico. E talvez até lá Tommy já tivesse ficado rico também; talvez ele já nem gostasse mais de jogar o tal “videogame”.

Não, não! Antony não poderia esperar tanto tempo.

Depois de muito pensar e perceber que sua imaginação não estava tão boa como de costume, Antony virou-se de lado na cama. Olhou atentamente para os objetos sobre a cômoda. Lá viu o seu boneco favorito. Um caubói montado em um cavalo, bem pequeno e da mesma cor. Nada muito interessante. Havia o encontrado na rua certo dia enquanto voltava da escola. De repente, lembrou-se do que Tommy tinha lhe dito quando lhe mostrou seu “achado”.

– Que legal, Antony. Seu boneco se parece muito com um que eu tinha na minha coleção. Você coleciona também?

Nessa hora Antony teve o que denominou de “uma grande ideia”!

Minha coleção de sonhos

Antony lembrou-se de que, naquela conversa, Tommy lhe disse que todo menino devia colecionar alguma coisa. Depois daquele dia, ele sempre tentava encontrar o que colecionar. Primeiro pensou em colecionar carrinhos, mas eram muito caros. Outra vez, enquanto brincava no quintal, cavou o chão com um pedaço de pau e encontrou uma minhoca. Não teve dúvida! Colecionar minhocas era fácil! Bastava cavar o chão e teria quantas quisesse. Só que, pouco tempo depois, desistiu, pois todas as minhocas eram iguais, e Tommy disse que uma coleção precisava ter coisas diferentes, por exemplo, minhocas de todas as cores.

Agora, colecionar sonhos seria perfeito! Com certeza ninguém teria o mesmo sonho e, o melhor, ele não precisaria gastar nada! Apenas a ponta do lápis para escrever em seu caderno. A coleção de sonhos iria começar, e, o mais legal, ele já tinha dois sonhos!

Sonho número um:
Sonho do Tommy: Ganhar um videogame novo!
Como realizar? Basta eu conseguir vinte reais.

Sonho número dois:

Sonho do Antony: Ter um montão de livros!
Como realizar? Não sei ainda. Já tenho um. Talvez tenha que crescer antes e ficar rico para poder comprar os outros.

Antony olhou eufórico para seu caderno. Porém, ao ver seu sonho, pensou se aquilo valia. Afinal, a mãe disse que ele devia ajudar a realizar o sonho dos outros, e aquele não era um sonho de outra pessoa, mas dele mesmo. Só que, se apagasse seu sonho, restaria apenas o sonho de Tommy, e mais uma vez ele fracassaria em ter uma coleção, pois coleção tem que ter pelo menos duas coisas.

– Já sei! – gritou, sentando-se imediatamente na cama. – Meu sonho pode fazer parte da coleção! Eu só não preciso realizá-lo antes. Assim, ele fica no caderno só para deixar a coleção mais bonita.

A ideia até que tinha sido boa. Agora Antony podia dormir feliz por ter sua primeira coleção. Desejou muito que a semana voasse e o outro fim de semana chegasse logo para ele poder dizer a Tommy que tinha uma coleção, mas nesse momento sentiu um pouco de medo. E se o amigo não gostasse que ele colecionasse o sonho dele? E mais: se Tommy soubesse da sua coleção, não haveria surpresa nenhuma quando Antony conseguisse os "vinte reais" e comprasse o videogame. O que faria então?

A vontade de contar a Tommy sobre sua nova coleção parecia saltar-lhe à boca. Decidiu então! Contaria a Tommy que tinha uma nova coleção. Só não diria qual era a coleção, pelo menos por enquanto, só até ele conseguir de alguma maneira ainda não imaginada conseguir os tais vinte reais.

Voltando sua atenção para o "caderno de sonhos", Antony sorriu. Deitou-se e fitou o teto. Imaginou que aquele era o primeiro passo dado em direção a uma vida feliz e cheia de novas aventuras. Porém, aquela alegria incontrolável que sentia não duraria muito tempo.

três

Antony acordou assustado. Ouviu ruídos estranhos vindos do banheiro. Olhou pela janela e viu que ainda estava escuro. O barulho de um grilo cantando na rua lhe confirmou o que pensava. A mãe havia chegado mais cedo em casa. Temeroso, levantou-se. Chegou até a porta do quarto para ver melhor o que estava acontecendo. Nenhuma novidade. Ela havia chegado em casa embriagada como sempre. Mas os gemidos da mãe desta vez pareciam agonizantes, por isso achou melhor deixar o orgulho de lado. Calçou então os chinelos e aproximou-se do banheiro.

A porta estava aberta, e Antony espiou. Desesperou-se ao ver a mãe deitada no chão, agarrada ao sanitário.

Antony aproximou-se. A mãe não pareceu notar sua presença. Colocou a mão sobre a cabeça dela. Sentiu seus cabelos úmidos, encharcados de suor. Nessa hora reparou dentro do vaso. Um líquido verde com um cheiro horrível o fez sentir náuseas também.

Antony sentiu-se atordoado ao ver aquela secreção nojenta. Já havia visto a mãe embriagada centenas de vezes, já a havia visto quebrar as coisas e até mesmo cair enquanto entrava em casa, mas vê-la daquele jeito era demais para ele. Um frio esquisito percorreu-lhe o corpo. Sentiu vontade de ajudar a mãe. Teve muito medo. E se não soubesse o que fazer? Mas não era ele o "homem da casa"? Teria que ajudá-la. Respirou o mais fundo que pode. Sentiu seus olhos enchendo-se de lágrimas. E, com as mãos trêmulas, voltou a alisar os cabelos de Sophia.

– Mãe, acorda, por favor. Você está bem?

– Suma daqui. – Sophia virou a cabeça e fitou-lhe os olhos. – Não preciso de você aqui. Ninguém pode me ajudar. Ninguém. Veja como estou! Você acha que isto tem solução? Eu quero morrer, sabia? Eu quero morrer.

Antony deu um passo para trás, assustado com as palavras que acabara de ouvir. Paralisado, presenciou a batalha da mãe para conseguir ficar de pé. Depois só percebeu o solavanco da mão da mãe o empurrando antes de sair cambaleando em direção ao quarto.

O garoto saiu correndo do banheiro. Entrou em seu quarto e fechou a porta. O cheiro do vômito da mãe parecia grudado em seu corpo. O pescoço doía. Parecia sentir ainda os dedos dela o empurrando. Triste, sentou-se na cama. Lembrou-se imediatamente da mistura de sangue e líquido verde que vira no sanitário. O que era aquilo? Será que a mãe estava morrendo?

Ainda apavorado, ele olhou em direção à janela e percebeu que os primeiros sinais da manhã surgiam no céu. Logo deveria se arrumar e ir para a escola. Levantou-se e começou a arrumar a mochila. Entre os cadernos estava aquele em que sua coleção de sonhos repousava. Desta vez não teve nenhuma reação ao vê-lo. Apenas o guardou antes de fechar a mochila e começar a se vestir.

Enquanto se arrumava, Antony era atormentado pela imagem da mãe passando mal. A cena insistia em voltar à sua cabeça sempre que ele fechava os olhos. Pensou se deveria procurar ajuda ou, quem sabe, faltar à escola e ficar de guarda caso ela precisasse de algo. Mas uma vontade de escapar daquele sofrimento, mesmo que fosse indo à escola, onde ninguém ia com a cara dele, pareceu falar mais alto em sua consciência. Então, depois de pentear o cabelo e ver a franja cair novamente, cobrindo-lhe um dos olhos, respirou fundo, esperando lá no fundo do seu coração que sua mãe estivesse bem, e saiu em direção ao seu tormento diário.



Antony correu. Não que estivesse atrasado ou algo parecido. A escola ficava apenas a vinte minutos mais ou menos de sua casa, e ele sempre saía mais cedo. Pelo que sabia, era o único que ia a pé para a escola. Era bem lembrado disso por seus colegas. A corrida era apenas uma maneira de se sentir melhor. Ele não sabia por que, mas, sempre que estava tenso ou agoniado, correr lhe ajudava a esquecer e a diminuir aquela sensação estranha que tomava conta de sua garganta e parecia não querer abandoná-lo.

O portão da escola estava fechado quando ele chegou. Ofegante, sentou-se em um pequeno degrau que se formava junto ao muro principal do prédio. Era naquele local que se formava a fila para a entrada. E dali Antony viu os alunos chegando à medida que o tempo passava. Professores e diretores não entravam por ali. Pelo que sabia, o acesso ficava na rua de trás, onde um grande estacionamento recebia carros incríveis, dos quais ele nem mesmo sabia o nome.

Seus colegas de classe não demoraram a chegar.

– Olha ali o Antony – gritou uma das meninas (uma gordinha mal-encarada que nunca o cumprimentava), apontando para ele para indicar a suas colegas onde encontrá-lo. – Hoje ele chegou cedo. Deve ter vindo de ônibus lotado.

O menino levantou a cabeça e viu todos rindo. Os olhos deles pareciam cuspir algo ruim, que, de alguma forma, o atingia direto no coração. Ele não deveria estar ali – pensou abanando a cabeça. Sabia que não era querido. Não entendia qual a diferença entre ir andando para a escola e ir de carro, acompanhados pelos pais, como os outros alunos faziam.

A fila de entrada começou a se formar ao lado de Antony. Ele permaneceu sentado. Havia alguns garotos da sua classe, incluindo Arthur, que era sempre o primeiro a lançar piadas a seu respeito, tirando sarro de seus tênis mais comuns e do fato de ele aceitar sempre o lanche da escola em vez de levar o seu próprio. Nessa hora, ele abaixou a cabeça. Bastaram poucos segundos para sentir um pé atingi-lo de leve nas costas. Depois ouviu risos. Quando olhou para os garotos, todos disfarçaram e seguiram em frente na fila, que começara a andar.

Antony sofria com aquilo todos os dias. Nunca disse nada para a mãe. Sabia que era um sonho dela que sua educação fosse das melhores. Ela pensava no futuro dele.

Mas naquele dia o garoto também pensou muito em sua mãe. Sentado naquele pedaço de concreto gelado, viu a fila se distanciar e diminuir à medida que todos os alunos passavam pelo portão principal depois de apresentarem suas carteirinhas ao velho porteiro. Pensou na mãe, sozinha, jogada naquela cama dura, em seu quarto abafado. Será que estava precisando dele? Sentindo a garganta fechando de novo e o aperto em seu peito aumentar, Antony levantou. Caminhou lentamente até o portão. De lá pôde ouvir os gritos dos alunos que tomavam suas carteiras dentro das

salas de aula. Imaginou quais seriam as piadas do dia. E, após sentir seus olhos queimando e enchendo-se de lágrimas, chegou à conclusão de que não era ali que ele deveria estar. Então respirou fundo, segurou firme nas alças da mochila e correu de novo. Só que dessa vez de volta para casa.



Antony chegou em casa voando. Pensou até que teria batido o recorde mundial de velocidade. Se Tommy estivesse com ele, poderia confirmar com seu cronômetro de brinquedo. Ao entrar, dirigiu-se ao quarto da mãe.

Sophia estava dormindo. Antony parou por um instante ao lado da porta. Percebeu o tórax dela subindo e descendo num ritmo desconjuntado. Tímido e nas pontas dos pés, aproximou-se da cama.

– Eu te amo, mãe – sussurrou, passando a mão no cabelo de Sophia. Notou que o semblante da mãe parecia mais tranquilo.

"De certo foi apenas alguma coisa estragada que ela comeu", pensou, respirando aliviado.

Sentiu a maciez dos cabelos da mãe. Era bom acariciá-los, embora ele gostasse mais quando ela fazia aquilo nos seus.

Temendo acordá-la, Antony desvencilhou sua mão bem devagar. Aproximou seu rosto lentamente e beijou a testa de Sophia. Levantou-se, então, e caminhou lentamente para o seu quarto.

Assim que se sentou na cama, Antony sentiu o estômago roncar. Não havia conseguido comer nada naquela manhã. Sentia como se algo pesado e grande lhe fechasse o caminho entre a boca e o estômago. Era uma sensação horrível, como se ele estivesse sendo mastigado por dentro. Lembrava-se a todo momento do ocorrido naquela madrugada. Quando poderia ser feliz? Até quando veria a mãe naquela situação? Imediatamente, teve uma ideia. Arrancou a mochila das costas e a abriu. Tirou de lá seu caderno de sonhos e um lápis. Deitou-se na cama e começou a escrever.

Sonho número três:
Ver minha mãe curada, sem beber nunca mais!
Como realizar? Não sei! Vou pedir muito a Deus que me ajude.

Os olhos de Antony brilharam ao ver o que acabara de escrever. Sua coleção de sonhos havia aumentado. O único problema é que não tinha a mínima ideia de como conseguir realizá-los na prática. E embora aqueles fossem sonhos dele mesmo, passou a desejar que eles se realizassem o mais rápido possível, não importava se sua coleção deixaria de valer.

Por um instante se perdeu imaginando como seria bom se sua mãe estivesse bem e feliz todos os dias. Poderiam se divertir sempre, e não apenas aos sábados. E para ser feliz não precisaria realizar todos os sonhos, apenas o de ver sua mãe livre do alcoolismo. Pensou em falar do seu sonho para a mãe, mas teve medo de como ela reagiria. Então, deixando aquela ideia maluca de lado, guardou o caderno e seguiu até a cozinha, onde tentaria matar a fome e também aquelas imagens ruins que começavam a voltar a sua cabeça.

quatro

A manhã seguinte foi bem mais tranquila. Sophia não foi trabalhar naquela noite. E o melhor, acordou cedo e preparou o café da manhã. Antony comeu feliz, sem aqueles sentimentos que fechavam sua garganta. Sophia estava sorridente e não parecia se lembrar de nada ou, pelo menos, fingia não se lembrar. Mas não queria nem saber. O importante era que ela não estava passando mal e até lhe deu um beijo carinhoso antes de ele sair de casa e ir para a escola caminhando lentamente e bem tranquilo, ao contrário do dia anterior.

Dessa vez Antony não titubeou. Passou pelo portão azul enorme que dava acesso à escola e correu para sua sala, onde se sentava na primeira carteira, bem em frente à mesa da professora. De lá podia se concentrar nas aulas e não padecer tanto na mão de seus nada amigáveis colegas.

Antony respirou fundo enquanto tirava seu caderno da mochila. Embora gostasse muito de estudar e amasse ler, não se sentia muito bem ali. Desde que entrara na escola fora o motivo principal das piadas e maldades das outras crianças. No princípio não entendia o porquê, mas depois de um tempo ficou claro que tudo se devia a sua “condição social”, uma coisa que Antony nem mesmo sabia direito o que era. Tudo o que percebia era que algumas crianças da escola olhavam com cara de nojo para ele e diziam não entender como um menino com a “condição social” igual à dele podia estudar na mesma escola que eles.

Uma vez Tommy explicou que no centro as pessoas que tinham muito dinheiro eram conhecidas como pessoas de “condição social elevada”. Antony não entendeu tão bem assim a explicação do amigo, mas pelo menos compreendeu que as outras crianças não gostavam dele porque ele era pobre. Estudava em uma escola particular, era verdade, mas seus lápis, cadernos e até mesmo seus tênis eram simples, assim como seus pensamentos.

A matéria do dia era Matemática. Antony não era muito bom com os números. Preferia Português, com os ditados e principalmente as redações, nas quais podia soltar sua imaginação e criar história como ninguém. Mas era preciso estudar todas as matérias se quisesse encher sua mãe de orgulho. E foi isso que ele fez. Com seu lápis preto, que já estava gasto em mais da metade, passou a anotar cuidadosamente tudo o que a professora magra, alta e mal-encarada escrevia na lousa. E dessa forma fez por toda as duas horas que antecederam o recreio, que, assim como os outros dias, apresentaria suas dificuldades.

Antony lanchou no refeitório e depois foi correndo para o playground da escola. Lá ele se sentou em um dos muitos bancos de madeira que ficavam espalhados por sob as árvores grandes e bem verdes que proporcionavam uma sombra deliciosa.

Antony abriu seu exemplar de *O Pequeno Príncipe* e começou a se encantar com cada palavra lida. Enquanto isso, percebia as outras crianças desfilarem com seus lanches caros.

– Oi, Antony – disse o "tal Arthur", aproximando-se. – Onde você achou esse livro?

– Foi minha mãe quem me deu! – respondeu Antony, esboçando um sorriso na esperança de que as coisas talvez estivessem mudando.

– Então foi ela que roubou! – completou Arthur, rindo e se afastando.

Antony suspirou, sentindo-se triste com o que acabara de ouvir. Em volta, todas as outras crianças pareciam se divertir, sempre enquanto ele estava ali, sozinho, como se ninguém gostasse dele. Quanta saudade sentiu de Tommy. Antony sabia que tinha um grande amigo, daqueles que os adultos costumavam dizer não existir na vida real. Mas Tommy estudava na escola pública do bairro e, infelizmente, naquele momento não haveria a menor chance de eles estarem juntos.

Tommy sempre dizia que ele era seu "grande escudeiro" e seu "amigo perfeito", e isso o deixava sempre muito feliz! Já as crianças da escola eram bem diferentes com ele. Costumavam chamá-lo de "morto de fome", "comedor de lixo" e "vergonha da escola". Tudo era muito dolorido. Certa vez, quando Antony chegou atrasado à sala de aula, um dos alunos disse a ele que ali não era chiqueiro e que ele havia entrado no lugar errado. Todos riram, inclusive a professora, que parecia sempre divertir-se com as piadinhas que os outros alunos faziam com Antony. Ela costumava dizer que tudo não passava de brincadeiras inofensivas e que precisava se

acostumar com seus colegas. Se ao menos a mãe estivesse presente nas reuniões de pais, poderia reclamar e exigir que tratassem o filho com respeito, mas Sophia nunca havia ido a uma sequer e, por ele, jamais saberia de tais ocorridos.

O sinal indicando o fim do recreio soou alto. Antony voltou para a sala de aula segurando seu livro e torcendo para que o restante da aula fosse tranquilo.

Sentado em sua carteira, observava enquanto todos entravam alvoroçados, correndo e gritando. O menino abaixou a cabeça em sua carteira, desejando que ninguém reparasse nele. Aquele não estava sendo um dia legal, e o que ele menos queria era ser incomodado com apelidos e brincadeiras de mau gosto. De onde estava, conseguiu ouvir a conversa de duas de suas colegas. Uma menininha branca de cabelos ruivos e compridos, de quem ele não lembrava muito bem o nome, conversava com outra aluna. Antony tentou não escutar o que elas diziam. Afinal, sempre falavam sobre coisas de ricos e, é claro, muito mal de quem não tinha dinheiro. Mas uma frase em especial o fez dirigir toda a sua atenção àquele diálogo.

– É meu sonho! – disse a menina ruiva.

– E por que você não pede para o seu pai?

– Meu pai não gosta que eu coma chocolate. Ele diz que estraga meus dentes, mas eu não quero nem saber, um dia eu como uma daquelas barras sozinha.

Um sonho! A menina ruiva tinha um sonho! Comer uma barra de chocolate sozinha. Mas é claro que não se tratava de uma barra de chocolate qualquer, e sim da barra mais cara. Aquela que aparecia em um filme que ele havia visto na televisão. Não tinha problema. Era um sonho e entraria para a coleção de sonhos de Antony. Ele imediatamente pegou seu caderno na mochila e, sem que ninguém percebesse, escreveu:

Sonho da menina ruiva da escola:
Comer uma barra de chocolate igual à do filme.
Como realizar? Comprar uma no mercado.
Peço à minha mãe no sábado!

A aula recomeçou, mas os pensamentos de Antony estavam bem longe. Quem sabe se realizasse alguns dos sonhos de seus colegas, eles passariam a gostar mais dele? Poderia fazer mais amigos, ser compreendido. Pensou em contar à menina sobre seu caderno de sonhos. Afinal, apesar de nunca ter falado com ele, a menina ruiva jamais o havia chamado por apelidos. Devia ser uma boa pessoa. Mas contar a ela? E se depois a mãe não comprasse o chocolate? Com que cara ficaria? Com certeza se tornaria alvo de mais uma série de gozações. Preferiu então ficar em silêncio e voltar sua atenção para aquele monte de contas que tomavam conta da lousa.

cinco

Mais uma semana passou voando, e lá estava Antony, sentado em sua cama, acordando para mais um sábado excepcional ao lado de sua mãe. Era o dia de começar a realizar o sonho de sua colega ruiva. Se bem que para isso precisaria contar com a boa vontade de Sophia em comprar-lhe a "tal" barra de chocolate.

Antony levantou-se. Espreguiçou-se enquanto olhava a evolução de seu dente novo através do espelho de sua cômoda. Sentiu-se orgulhoso ao ver que o dente já ocupava quase a metade da sua janelinha. Apressou-se em tirar o pijama. Dobrou-o do jeito que a mãe o havia ensinado e cuidadosamente o guardou na primeira gaveta de sua cômoda. Abriu a segunda gaveta e pegou sua camiseta favorita, azul, com o desenho de um rosto sorrindo, presente de sua mãe. Segundo ela, era com aquele sorriso largo e feliz que ele deveria acordar todos os dias de sua vida.

A camiseta já estava bem alinhada, assim como sua calça jeans, esta um tanto desbotada, gasta pelo uso excessivo e as muitas lavadas. Antony abaixou-se e calçou os tênis, pretos de solas grossas, amarrou os cadarços segundo aprendera com Tommy, no método do passa e puxa, que para ele era bem mais fácil que fazer as famosas orelhinhas de coelho como a mãe insistia em mostrar. Estava pronto quando ouviu o ruído inconfundível dos chinelos de sua mãe.

– Bom dia! Como está meu pequeno príncipe hoje? – perguntou Sophia abrindo a porta e sorrindo.

Antony olhou-a com alegria. Percebeu que ela estava radiante e em nada lembrava a Sophia pálida e sem força dos últimos dias.

– E, então, garotão! – Sophia adentrou o quarto com os braços abertos. – Vai ficar só me olhando? Cadê o abraço da mamãe?

Antony não pensou duas vezes! Jogou-se no colo da mãe e beijou-a com tanto carinho que até ficou um pouco envergonhado depois. Sentiu o

cheiro agradável de seus cabelos recém-lavados com xampu e afagou o rosto em seu casaco macio e bem lavado.

– Ah, que gostoso! – sussurrou Sophia dando um beijo no rosto do filho. E, então, vamos passear ou não vamos?

– Vamos!

– Ok, mas antes escove os dentes e tome seu café da manhã para podermos ir logo. Hoje passaremos na livraria e você poderá escolher o livro que quiser!

– Verdade, mamãe?

– É claro, meu filho!

Antony sentiu-se exultante com a promessa da mãe, mas algo dentro dele pareceu falar mais alto.

– Mãe, eu não sei se vou querer outro livro – disse abaixando a cabeça. Sophia tocou-lhe o rosto, levantando-o.

– Como assim? Não me diga que não quer ganhar um livro?

– Querer eu quero, mas é que eu estava querendo outra coisa também.

– Outra coisa? O que seria mais importante para você do que ganhar um livro novo?

– Eu queria uma barra de chocolate igual àquela do filme.

– Uma barra de chocolate? Pra quê? Você nunca foi muito chegado a chocolate!

– Eu sei, mas é pra eu fazer uma coisa boa.

– Uma coisa boa? Que coisa?

– Ora, uma coisa… – Antony sentiu um ardor percorrer suas bochechas e evitou encarar a mãe.

– Menino, menino, veja lá o que você vai me aprontar, hein! Vamos, vá escovar seus dentes. Pode deixar que eu compro a barra de chocolate. Mas não vai dar pra comprar o livro também. Essa barra é muito cara!

– Tudo bem. Obrigado, mãe. Essa barra vai me fazer muito feliz!

Antony correu para o banheiro. Seu coração batia acelerado. Muitas coisas passavam por sua cabeça. Imaginou-se na escola, rodeado de novos amigos, todos o aplaudindo e parabenizando por ser tão bom e ajudar a sua colega de classe a realizar seu sonho. Imaginou como seria bom não ser mais humilhado, xingado de nomes feios e até mesmo agredido pelos outros meninos da escola. Pensou que poderia aproximar-se de cada um deles e perguntar a respeito de seus sonhos para que, enfim, pudessem compartilhar uma coleção gigante de sonhos!

Seus pensamentos voaram e voaram e voaram, enquanto seu sorriso ficava cada vez mais parecido com o desenho de sua camiseta. Antony por um momento esqueceu-se de tudo. Mas de tudo mesmo!

– Antony, cadê você? Já tá tarde, saia logo desse banheiro!



Antony olhava admirado para todas as vitrines do shopping, enquanto aquele cheirinho gostoso de pipoca percorria todo o corredor e repousava bem no seu nariz. Gostava de ver as pessoas andando para lá e para cá, procurando alguma coisa para comprar, mesmo que não precisassem. Achava graça sempre que via pessoas tropeçarem ao sair das escadas rolantes que ligavam os três grandes pavimentos.

Desta vez foi obrigado a passar direto pela livraria. Desejava muito entrar e ver todos aqueles livros lindos e bem escritos, mas sabia que se ultrapassasse aquela porta não resistiria à tentação de pedir o livro que a mãe havia prometido. Preferiu então abaixar a cabeça e acelerar os passos para deixá-la logo para trás. Respirou fundo antes de entrar no hipermercado. Evitou olhar para trás. Pensou no quanto aquilo era difícil para ele, pois estava abrindo mão de um sonho seu para realizar o sonho de outra pessoa. Talvez a felicidade valesse a pena no final. Então, sem titubear, arrastou a mãe pela mão até chegar ao corredor onde os chocolates estavam expostos.

Antony parou diante daquele imenso mar doce e colorido. Tímido, olhou para a mãe enquanto balançava um dos pés em sinal de nervosismo.

– Vamos, meu filho. Não precisa ficar tímido. Pode escolher o que você quiser.

Antony olhou para Sophia e sorriu. Sentiu-se grato por ter uma mãe tão carinhosa – isso quanto estava sóbria, é claro. Mas aquilo não importava agora. Estavam bem e pronto.

– É esta – disse, apoderando-se da enorme barra de chocolate embalada em papel roxo com o nome escrito em letras douradas. Sentiu o peso do pacote e sorriu. Pensou no quanto aquele presente deixaria sua colega feliz. Aos poucos começava a entender o quão prazeroso pode ser ajudar alguém.

– Olha, parece ser delicioso, meu príncipe. – Sophia acariciou seus cabelos, fazendo com que sua franja voltasse a cobrir-lhe os olhos.

– É sim, mãe. Eu tenho certeza de que esta barra vai mudar a minha vida.

– Tem certeza de que não quer me contar o que vai fazer com ela, meu filho? Não vai me dizer que está procurando um cupom pra visitar a fábrica?

– Claro que não. Eu sei que aquilo é só de brincadeira.

– Então, pra que quer a barra?

– Já disse, mãe. Pra fazer uma coisa boa. Pode confiar em mim.

– Está bem. Eu confio em você, mas não sei, não. Acho que meu menino tá querendo se tornar um homenzinho. – Sophia cutucou o braço de Antony com o cotovelo.

– Não tem nada disso, mãe! – exclamou Antony sentindo as bochechas queimarem, algo que só acontecia quando sentia muita vergonha.

As brincadeiras continuaram, bem como as tentativas de Sophia em descobrir para que ele queria a barra de chocolate. Mas Antony se manteve firme e por nada revelou seu grande segredo. É claro que ele contaria para sua mãe um dia, mas antes precisava realizar o primeiro sonho de sua coleção. E para isso ainda era preciso esperar até segunda-feira. Por um instante, chegou a pensar em procurar pela casa da colega, tamanha a ansiedade. Mas não tinha nenhuma pista de onde ela pudesse morar. Decidiu então controlar a ansiedade e aproveitar o resto do dia na companhia de sua mãe. Queria ficar deitado em seu colo enquanto assistiam a um bom filme e conversavam sobre coisas que só mãe e filho sabem conversar.



– Bom dia, dona Cristina!

– Bom dia, Antony! Como você está?

– Estou bem e a senhora?

– Muito bem, meu querido!

– Que bom! A senhora está muito bonita!

– Oh, Antony! Sempre gentil, muitíssimo obrigada, são seus olhos!

– E o Tommy, onde está?

– Dormindo, é claro! Pra tirá-lo da cama no domingo é um verdadeiro sacrifício. Mas pode deixar, vou avisá-lo que está aqui. Quem sabe assim

ele se levanta?

– Obrigado!

– Por nada, meu anjo. Você já tomou seu café da manhã?

– Não precisa, dona Cristina, obrigado.

– Não foi isso que eu perguntei, Antony. Perguntei se já tomou o seu café da manhã. Ainda não, não é mesmo? Pois pode se sentar aí, que eu vou servi-lo. Aqui tem torradas e chá bem quentinho! Fique à vontade enquanto vou acordar o Tommy.

Antony sentou-se à mesa redonda com quatro cadeiras pintadas de vermelho. Percebeu o jeito triste de Cristina. Ela nunca conversava muito, apenas o essencial antes de se afastar. Era mais ou menos igual ao que ele fazia quando não queria encontrar-se com sua mãe bêbada. Um tipo de medo diferente dos outros medos. Um medo que às vezes parecia mais vontade de que tudo estivesse bem do que propriamente um medo. O motivo era o trauma causado pela separação e pela fuga repentina no meio da noite, segundo Tommy havia dito. Era muito triste.

Por um instante o menino pensou se seu pai não teria agido da mesma forma com sua mãe, a agredido e humilhado, mas ele não sabia nada a respeito. Apenas que o pai havia morrido antes mesmo de ele nascer e nada mais.

Antony pegou uma pequena torrada e mordeu. De longe escutou os passos pesados de Tommy arrastando os chinelos em direção à cozinha. Sorriu quando viu o amigo aparecer com o cabelo bagunçado e os olhos cheios de sono.

– Oi, Antony. Hoje você veio cedo, hein? – disse o menino, sentando-se e enfiando uma torrada inteira na boca.

– Cedo? Já são quase dez horas. E domingo é o único dia que temos para brincar.

– Eu sei, eu sei. Mas o que vamos fazer hoje?

– Vamos brincar lá em casa. Tenho que te mostrar uma coisa.

– Então tá. Vamos logo. – Tommy pegou mais duas grandes torradas e correu em direção à porta.

Antony levantou-se apressado e o seguiu. Afinal, o tempo que tinham para brincar era sempre muito pouco, e aquele domingo estava repleto de tarefas, o que incluía subir em uma árvore maior do que a da última semana, dar a volta em todo o quarteirão sem parar para descansar e, é claro, fazer planos para entrar no bairro vizinho. Mas tudo aquilo teria que

esperar pelo menos mais um tempo, pois havia algo que Antony não aguentava mais guardar dentro da boca.

– Uma coleção?

– Isso mesmo! Eu tenho uma coleção, Tommy!

– Que legal, Antony! E o que você está colecionando? Podemos brincar com sua coleção? – perguntou Tommy pulando sobre a cama de Antony.

– Desculpa, mas eu ainda não posso te contar o que eu coleciono.

– Como assim?

– É que eu não sei se você vai gostar.

– Não me diga que você está colecionando alguma coisa daquelas que a gente vê em filmes de chineses e não pode me contar para eu não ser raptado por eles?

– Claro que não! Eu nunca faria isso.

– Então o que é? Me conta, por favor! Não existe segredo entre nós, lembra? Somos amigos e entre amigos não pode haver segredos. Ou você me conta ou nunca mais vou ser seu amigo.

– Não, por favor, você é o único amigo que eu tenho.

– Então me conta. O que você está colecionando?

– Está bem. Eu estou colecionando sonhos.

– Sonhos? Daqueles de padaria?

– Não, Tommy. Não é sonho de comer, seu doido.

– E então?

– Lembra que você me disse outro dia que seu sonho era ter um videogame novo?

– Sim, lembro.

– Então, isso é um sonho!

– E como se coleciona isso?

– Eu escrevo no meu caderno o sonho das outras pessoas, bem, eu escrevo alguns meus também. Assim eu tenho uma coleção de sonhos que as pessoas têm. Você entendeu?

– Mais ou menos. E o que você faz com isso? Como você pode brincar com sua coleção?

– Tentando realizar o sonho dos outros, ora!

– Sério? E como você vai fazer isso?

– Não sei, mas aos poucos acho que vou conseguir. Alguns só depois que eu crescer e for rico, mas isso é bom, assim minha coleção vai durar mais tempo!

– E você colocou meu sonho na sua coleção?

– Seu sonho?

– Isso, meu sonho, o do videogame novo? Você colocou?

– Sim, coloquei. Você fica zangado com isso?

Tommy ficou em silêncio por alguns minutos, com a cabeça baixa, como se demonstrasse certa tristeza. Antony não sabia o que dizer ao amigo. Será que o havia magoado? De repente viu que algo molhou o lençol de sua cama. Uma lágrima havia caído dos olhos do amigo.

– Tommy, eu…

Antes que Antony pudesse completar a frase, Tommy abraçou-lhe com força. O abraço durou um longo tempo.

– Obrigado, Antony, por ser meu amigo. Obrigado por querer realizar meu sonho. Eu prometo ser seu amigo pra sempre, eu prometo!

– Que bom, Tommy. Eu pensei que você ia ficar com raiva.

– Claro que não. Eu gostei muito. Agora me mostra sua coleção.

– Está aqui. – Antony abaixou-se e tirou seu caderno da mochila. Entregou-o a Tommy, que o abriu, imediatamente folheando com curiosidade as páginas.

– Que legal, Antony. Meu sonho está aqui mesmo.

Antony sentou-se na cama ao lado de Tommy. Ficou observando as expressões engraçadas do amigo enquanto lia seus sonhos. De repente pareceu parar, como se ficasse sem reação.

– O que foi, Tommy?

– Quer dizer que a menina ruiva da sua sala quer uma barra de chocolate? Você tá apaixonado! – Tommy gritou e começou a bater palmas.

– Cala a boca, Tommy. Eu não tô apaixonado. Eu nem falo com ela. Eu a ouvi contando pra outra menina que queria uma. Aí eu pedi à minha mãe pra comprar.

– Você pediu à sua mãe?

– Pedi. E ela comprou.

– Ela comprou? – Dessa vez o grito de Tommy pareceu atravessar as paredes de tão alto. – Então você vai levar o chocolate pra ela?

– Vou. Amanhã na aula. Acho que depois que fizer isso todo mundo lá vai começar a gostar de mim.

– Cara, você é muito doido. Sua coleção é a melhor do mundo.

– Eu sei, eu sei. – Antony riu. – Agora vamos pra rua. Temos que subir na árvore da pracinha e planejar a viagem para o outro bairro.

– Já sei. Por que não escreve no caderno o nosso sonho de ir ao bairro vizinho?

– Ótima ideia, Tommy. Vou escrever!

Sonho do Tommy e do Antony:
Chegar ao bairro vizinho e conversar com alguém de lá.
Como realizar? No próximo fim de semana avançaremos até a
fronteira e tentaremos entrar.

Após escreverem seu sonho no caderno de Antony, os amigos correram para a pracinha do bairro, onde subiram em uma árvore maior do que a que haviam subido no fim de semana anterior. Jogaram bola na rua, contaram piadas e riram muito. Tommy não parava de repetir que o caderno de sonhos de Antony era “de outro mundo”.

Antony brincou muito naquele domingo. Só voltou para casa ao anoitecer. Mas, embora a diversão tomasse conta de seu dia, bem lá no fundo ele desejava que o tempo passasse logo para que enfim pudesse realizar seu primeiro sonho. Porém seus sonhos de menino e sua vontade de se tornar alguém aceito entre seus colegas não passaria de uma grande ilusão.

seis

Antony chegou à sala de aula uma hora antes dos outros alunos. Com o cabelo bem penteado e cheirando a perfume, retirou a barra de chocolate com cuidado da mochila e colocou-a em cima da carteira da menina ruiva. Junto à barra, um papel com seu nome escrito para que ela soubesse que havia sido um presente dele.

O tempo parecia não passar. À medida que os minutos avançavam, o coração de Antony disparava cada vez mais, como que querendo fugir pela boca.

Já sentia os lábios secos quando enfim a menina ruiva chegou. O rosto de Antony corou e sua respiração ficou ofegante. Pelo canto do olhou, percebeu a colega se aproximando da carteira.

– Olha! Uma barra de chocolate igual à do filme! – exclamou a menina, dando pulos e mostrando às amigas.

Todos pararam e começaram a olhar para a menina que parecia sonhar com sua barra de chocolate nas mãos.

– Você ganhou uma barra de chocolate inteirinha pra você! – gritou uma de suas amigas. – Quem te deu?

– Eu não sei, já estava aqui quando eu cheguei.

– Olha, tem um papel aqui. Eca! Que nojo!

– O quê?

– Quem te deu foi o morto de fome, pobretão! Você não vai comer, né? Com certeza ele roubou de algum lugar.

Antony levantou-se para tentar explicar que havia sido sua mãe quem comprara a barra, mas não adiantou. A menina ruiva pegou o papel com o nome de Antony, picou-o em vários pedacinhos e jogou em seu rosto. Depois atirou a barra de chocolate no lixo e disse que não queria nada de alguém como ele.

Nessa hora Antony pensou em pegar o chocolate na lixeira, mas lembrou-se que todos o chamavam de catador de lixo e por isso desistiu. Sentou-se quando viu a professora chegar. Assim que ela viu os pedaços de papel picado no chão, ordenou que o responsável os juntasse.

Com os olhos cheios de lágrimas, Antony levantou-se e juntou pedacinho por pedacinho. Depois os jogou na lixeira e voltou para o seu lugar, onde se sentia um estranho em meio a lobos vorazes prontos para devorá-lo. Queria desaparecer, esquecer que um dia teve uma coleção de sonhos, esquecer a maldade do mundo.

sete

Antony agradeceu a Deus por ser sábado. Não tinha aula. Sorriu aliviado. Havia passado a semana inteira escutando piadinhas de seus colegas de classe. “O ladrão de chocolates” era o apelido do momento. Bastava a professora deixar a sala para começarem os escárnios. Aquela foi a semana mais dura de sua vida. E o pior ainda estava para acontecer.

Antony pulou da cama e vestiu-se rapidamente. Não queria se atrasar para o seu tão esperado passeio. Pensou em pedir à mãe que o levasse ao zoológico ou a algum parque da cidade. Precisava respirar ar puro. Tentar esquecer o fracasso de sua coleção. Acabava de pentear a franja para trás quando ouviu sua mãe tossir e arrastar os chinelos pelo chão.

Assustado, Antony abriu a porta. Conseguiu ver a mãe de costas caminhando em direção ao banheiro. Assim que entrou, pareceu trancar a porta.

Os ruídos já conhecidos fizeram Antony gelar. Uma sensação de arrepio percorreu sua espinha. Sabia que Sophia estava vomitando. Mas logo no sábado? Era muito injusto.

Antony aproximou-se e bateu na porta do banheiro. Sophia demorou a responder.

– Mãe, você está passando mal?

A porta se abriu. Sophia apareceu enxugando o rosto em uma pequena toalha cor-de-rosa. Antony percebeu que os olhos dela estavam vermelhos e que grandes olheiras o rodeavam. Sua mãe estava pálida.

– Eu estou bem, meu filho. Deve ser alguma coisa que comi.

Antony queria acreditar, mas o hálito da mãe não o deixou se enganar. Aquele cheiro de álcool era inconfundível. Sophia estava bêbada. Com passos inseguros, caminhou de volta para o quarto. Antony segurou as lágrimas. Queria ajudar, mas quando deu por si ouviu o barulho da chave. Sua mãe havia trancado a porta.

Confuso e ainda mais triste, Antony correu para seu quarto. Precisava de ajuda, de alguém com quem desabafar. Pensou que ficar em casa só pioraria aquela dor que ele começava a sentir em seu estômago. Então, depois de enxugar a única lágrima teimosa que conseguiu escapar pelo canto do seu olho direito, abriu a mochila, pegou seu caderno de sonhos e correu em direção à porta da frente.



– Você não pode rasgar seu caderno, Antony. Essa é a sua coleção mais legal.

– Mais legal nada, Tommy. Eu não quero mais saber dessa porcaria de realizar sonhos. Faz uma semana que eu sou a piada da escola. A menina jogou o chocolate na lixeira e o bilhete na minha cara.

– Mas você não pode desistir da sua coleção só por causa daquela vaca! Há sonhos muito importantes nela, e são sonhos de pessoas boas. Lembre-se disso. Com certeza os outros vão dar certo.

– Por que ela fez aquilo comigo?

– Eu já disse, Antony, porque ela é uma vaca!

– Mas as vacas são sagradas na Índia – disse Antony, conseguindo esboçar um pequeno sorriso, o primeiro do dia.

– Por isso mesmo ela não mora na Índia, mora aqui! Agora deixa de bobeira e esquece isso. Hoje é dia da gente se divertir e não perder tempo pensando nessa vaca!

Antony achou esquisito o jeito como Tommy se referia à menina ruiva da escola, mas sentiu-se seguro com as palavras dele. Percebeu que podia contar com o amigo em qualquer situação. Por isso decidiu escutá-lo e não rasgar o caderno com sua coleção, apenas pegou uma tesoura e cortou o pedaço da folha onde havia escrito o sonho da menina ruiva. Depois se arrependeu e colou-o no mesmo lugar. Só para não deixar a coleção muito pequena. Quanto aos outros sonhos, ele decidiu que ia continuar tentando realizá-los. E não havia tempo a perder. O bairro vizinho estava à sua espera, se é que o que encontrariam era o que esperavam.



Era inacreditável! Antony estava ali, a uma rua do bairro vizinho. O sábado, afinal, não havia sido tão ruim, e ainda restava o domingo. Estava anoitecendo e, com certeza, não teriam coragem de atravessar “a fronteira” durante a noite. A localização ficaria bem mais difícil, e eles ainda não tinham seus óculos de visão noturna, equipamento considerado indispensável em momentos como aquele. Teriam que marcar a conquista.

Antony resolveu usar um método não muito convencional. Ao menos sabia que ninguém nunca havia marcado um território conquistado grudando uma goma de mascar em uma árvore. Geralmente usavam bandeiras dos respectivos países, mas na falta delas não houve alternativa. Bastou ele virar a cabeça, enquanto Tommy tirava seu chiclete mascado da boca e o grudava na árvore, que ficava bem na esquina que separava os dois bairros.

Então ele virou-se e viu que a goma estava grudada bem no pé da árvore. Faltava pouco até a grande vitória.

Relâmpagos que clareavam assustadoramente as ruas ficavam cada vez mais frequentes. Antony decidiu então despedir-se se Tommy e correr para casa. Esperaria o dia seguinte para dar os primeiros passos no território inimigo e, quem sabe, voltar a acreditar em seu caderno de sonhos. Se bem que as coisas pareciam não querer colaborar com ele.

oito

Quando o outono chegava, as ruas ficavam enfeitadas de folhas de todas as cores que se desprendiam das árvores. A rua em que Antony morava ficava coberta por pequenas folhas amarelas de ipê, que se juntavam formando um grande tapete onde as pessoas pareciam flutuar.

De sua janela, Antony ficava observando famílias passeando juntas, andando com seus cachorros, crianças correndo com seus pais, dando gargalhadas. Todo mundo parecia sempre tão feliz! Por que ele não? Por que tinha tantos problemas? Deveria ser ele a estar ali com sua mãe, passeando por sobre aquelas folhas amarelas. Deveriam estar se abraçando, sorrindo e sendo felizes como uma verdadeira família. Mas não estavam. Ele estava em frente a um vidro embaçado vendo os outros se divertirem, enquanto sua mãe dormia depois de mais uma noite de dor e gemidos.

Aos poucos Antony ia descobrindo que não era tão fácil realizar os sonhos dos outros. Talvez a mãe houvesse dito aquilo a ele como uma forma de afastá-lo das decepções de seus próprios sonhos. Talvez fosse mais fácil para ele aceitar as decepções dos outros de que as suas próprias. De uma forma ou de outra, estava aprendendo como funcionava a vida.

Antony se virou, deu dois passos lentos e sentou-se em sua cama. Perguntou-se por que as pessoas podiam ter reações totalmente diferentes diante de situações totalmente iguais. Era estranho o fato de ser desprezado por fazer um ato bom, como no caso da menina ruiva da escola. Ser desprezado por ser pobre. Ver sua condição financeira, seja lá o que significasse aquilo, ser colocada à frente de suas boas ações e de seu bom coração. Talvez fosse por isso que tantas pessoas não conseguiam realizar seus sonhos. Por colocarem o mais importante sempre em segundo lugar e serem tão más umas com as outras. Sophia havia dito a ele que, fazendo o bem aos outros, as coisas boas também viriam para ele. Se isso

era verdade, então o contrário também deveria ser. E talvez estivesse aí a explicação para tantas coisas ruins no mundo: ao fazerem coisas más para os outros, em troca, as pessoas recebiam mais coisas más. Isso era assustador. Em seu caderno, Antony pediu para que sua mãe ficasse boa logo. As crises dela haviam aumentado consideravelmente. Eram raros os momentos em que não vomitava aquele líquido verde e vermelho que Antony conhecia tão bem. De seu quarto ele ouvia os gritos cada vez mais sofridos e doloridos da mãe. A essa altura, não se arriscava mais a oferecer ajuda. Apenas fechava os olhos e pedia a Deus que a ajudasse. Depois cobria a cabeça com o travesseiro, apertando-o com toda a força a fim de abafar os gritos da mãe. Quando eles cessavam, saía do quarto sem fazer qualquer barulho e ia espiar a mãe deitada em sua cama. Concentrava-se no tórax dela para ver se ela continuava respirando e ali ficava por um bom tempo.

Antony assustou-se com o trovão mais alto que ele já tinha escutado em toda sua vida! A chuva desabou tão rapidamente que ele ficou sem entender de onde podia vir tanta água. Triste, olhou para seu caderno de sonhos que repousava sobre a cômoda. Aquele era o dia em que ele e Tommy avançariam para o bairro vizinho. E se conseguissem, ele poderia dizer que sua coleção funcionava, nem que fosse só um pouquinho. Depois, segundo desejava, poderia acabar com sua coleção e esquecer tudo o que havia escrito nela.

Antony aproximou-se da janela. O céu estava escuro e não havia mais ninguém na rua. As folhas amarelas foram levadas pela água, e com elas haviam partido também as famílias e toda a sua alegria. Com certeza todas aquelas pessoas estavam agora em suas casas tomando o café da manhã juntas, sentadas em um sofá bem macio, rindo e contando histórias. Já a ele restaria enrolar-se novamente em seu velho cobertor e voltar a dormir.

Antony voltava para sua cama quando ouviu uma batida na porta que lhe soou familiar. Seria mesmo possível?

Desvencilhando-se de tudo o que via no caminho, Antony correu e abriu a porta. Ficou admirado, espantado, eufórico! Não sabia bem ao certo o que estava sentindo. Olhou mais uma vez para ter certeza. Sim! Ele estava lá! Não se importara com a chuva. Estava lá e não o deixaria sozinho naquele dia triste. É claro que não! Eram amigos, e amigos não se separavam nem mesmo em dias de chuva.

– O que você está fazendo aqui, Tommy? – perguntou sorrindo.

– Hoje é domingo, esqueceu?

– Não. Mas como está chovendo, eu pensei que…

– Pensou errado. Olha, eu trouxe uma capa de chuva pra você.

– Pra quê?

– Pra gente sair, ora. Você não vai querer se molhar todo, ou vai?

– Mas eu pensei que nós íamos ficar em casa.

– Pensou errado de novo. Acho melhor você deixar só eu pensar por aqui. Vamos, vista logo. Não temos muito tempo.

– E aonde nós vamos?

– Terminar nossa missão, lembra? Temos que chegar ao bairro vizinho. Hoje vai ser bem mais fácil. Não tem ninguém nas ruas. Poderemos até mesmo fazer uma inspeção nas ruas de lá.

– Você tem certeza de que é seguro, Tommy? Está chovendo.

– Claro que tenho. É até melhor. Eu já não disse que não tem ninguém nas ruas?

– Está bem. Então vamos. Antes, deixe só eu ver se está tudo bem com a minha mãe.

Antony vestiu a capa de chuva amarela que mal lhe cobria os sapatos. Caminhou até o quarto da mãe e abriu lentamente a porta. Ela estava enrolada em dois cobertores tão velhos quanto o que ele tinha. Parecia dormir tranquilamente. Aquilo serviu para deixá-lo menos preocupado. Fechou novamente a porta. Nessa hora pensou se talvez devesse ficar ali com ela. Mas, olhando de novo para a porta e enxergando Tommy, decidiu que era mesmo a hora da aventura.



A chuva caiu ainda mais forte naquela manhã. As árvores balançavam atingidas por fortes rajadas de vento. O clima era o ideal para uma grande aventura. E lá estavam os dois amigos avançando em direção ao desconhecido. Às vezes paravam de andar e começavam a chutar as poças de água a fim de molhar ainda mais um ao outro.

Quando enfim chegaram perto da árvore que denominaram de “a marca da fronteira”, fizeram questão de verificar se a goma de mascar ainda estava grudada. E ela estava lá. Sinal da conquista anterior. Marca de suas presenças. Agora estava tudo pronto. O território vizinho estava à espera.

Antony seguia Tommy de perto. O amigo parecia bem mais determinado que ele. Em pouco tempo estavam na rua de baixo. Sim! Estavam no bairro vizinho.

Antony parou por um instante e observou a rua. Percebeu que o bairro vizinho em nada lembrava os campos de batalha que ele e Tommy imaginavam. E nem mesmo parecia tão perigoso assim. A rua assemelhava-se à sua. Já as casas tinham um aspecto mais pobre. Tudo indicava que ali moravam pessoas mais humildes, o que alegrou muito a Antony. De repente, o que antes era visto por ele como um inimigo desconhecido passou a ser visto como algo agradável e interessante.

Durante os primeiros minutos de caminhada pelo bairro vizinho, foi impossível encontrar pessoas pelas ruas. Tudo o que Antony viu foi um cachorro que corria de um lado para o outro procurando um lugar para abrigar-se da chuva. Algumas casas tinham lonas nas janelas em lugar de vidros. A grama das calçadas, em sua maioria, era mais alta que o normal e havia também muitas garrafas de bebidas espalhadas pelos cantos. Foi impossível não se lembrar de Sophia. Por um instante Antony pensou na mãe e sentiu vontade de voltar para ver se estava tudo bem com ela. Mas um grito de Tommy o chamando o trouxe de volta à realidade.

A caminhada pelas ruas desertas continuou por mais algum tempo. A chuva começou a diminuir, e as árvores não balançavam mais como antes. Tudo parecia mais calmo. O ar estava gostoso de respirar.

A primeira pessoa que viram no bairro vizinho foi uma senhora já bem idosa que apareceu na janela de uma casa para dar uma olhada no tempo. Ela era negra e tinha o rosto largo, aparentando ter uns cem quilos ou mais. Os dois pararam assustados quando a viram, mas logo foram acalmados por um sorriso gentil e um aceno simpático, que trataram logo de responder.

À primeira vista, o bairro vizinho causou uma ótima impressão em Antony. Estava começando a gostar daquele lugar e com certeza voltaria sempre que pudesse.

De repente Tommy cutucou Antony e apontou para algo impressionante. Juntos avançaram para olhar mais de perto, para ver melhor do que se tratava.

– Parece a barraca que meus pais tinham – disse Tommy, acelerando os passos na frente de Antony. – Quer dizer, um pouquinho diferente.

Antony não achou a barraca em nada parecida com uma de acampamento. Na verdade, era feita de lona, com cordas esticadas que se prendiam em pregos grudados a um grande muro, que parecia menos firme do que a própria barraca.

Aproximando-se, Antony ouviu uma música que parecia vir de um desses rádios antigos, movidos a pilha. A música era alta e muito divertida. Com certeza havia alguém dentro daquela barraca.

– O que estão querendo aí, seus moleques?

Antony deu um pulo para trás tamanho o susto que levara. Um homem com a barba grande e o rosto sujo, enrolado em um pequeno cobertor tão furado quanto o dele, aproximou-se por trás e gritou com eles.

– Me respondam. O que estão fazendo aí, seus enxeridos? Estão espionando minha casa? Querem que eu lhes mostre o que é bom?

O homem tirou uma garrafa de vodca que estava debaixo do cobertor e ameaçou-lhes. De repente a lona da barraca se abriu.

– Marcos, não assuste os meninos. São apenas crianças!

– Eles estavam espionando nossa casa – disse o homem esquisito dirigindo-se à mulher que saíra da barraca.

– Não, senhor! Não estávamos espionando – falou Tommy, sentindo certa confiança na senhora que acabara de sair da barraca.

– É claro que não – retrucou a senhora, que vestia uma camiseta velha e uma calça presa à cintura por um pedaço de barbante. – Não se assustem. Esse é meu marido, Marcos. Ele é um pouco exaltado assim mesmo. Eu sou Conceição. E vocês, quem são?

A voz doce daquela senhora fez Antony se acalmar e, pela primeira vez, tirar os olhos da garrafa de vodca que o homem segurava.

– Eu sou Tommy e esse é meu amigo Antony. Nós moramos no bairro vizinho e estávamos passeando por aqui pra conhecer um pouquinho. Nós achamos sua barraca muito legal e a música também. Vocês estão acampando?

Conceição riu enquanto tentava prender com um grampo os cabelos que estavam espetados para cima.

– Acampando? Quem me dera, meu filho! Digamos que estamos acampando há muitos anos!

– Como assim? – insistiu Tommy sem entender muito bem o que a senhora acabara de dizer.

– Marcos e eu moramos aqui.

– Nessa barraca? Que legal!

– Não é tão legal assim, garoto.

– Mas, se não é legal, por que não voltam para a casa de vocês?

– Não temos casa. Essa é a nossa casa.

– Mas todo mundo tem casa. A minha é pequena. Quando eu morava no centro, era bem maior!

– Que bom que você tem casa, Tommy. Mas não pense que é ruim morar em uma casa pequena. Morar em uma barraca como essa é bem pior.

– E por que você não compra uma casa?

– Eu não tenho dinheiro. Marcos também não.

– E você não tem pais?

– Não tenho mais. Meu pai morreu há alguns anos. Minha mãe casou-se novamente. O meu padrasto fez uma coisa muito feia comigo certa noite. Eu contei para minha mãe, mas ela não acreditou. Disse que eu estava inventando aquilo para atrapalhar o casamento dela. Eu tinha quinze anos. Depois ele tentou fazer aquilo comigo novamente e eu fugi de casa.

– Você fugiu? – gritou Antony, conseguindo enfim pronunciar suas primeiras palavras desde o início da conversa.

– Fugi. Eu não tinha outra saída. Pensei em chamar a polícia, mas fiquei com medo da minha mãe não me perdoar.

– E aí você montou essa barraca? – perguntou Tommy.

– Não. Essa barraca não é minha. É do Marcos. Eu o conheci na rua muitos anos depois de fugir. Ele também não tinha casa e me chamou para morar com ele nessa barraca. Antes eu dormia em qualquer lugar que parecesse mais confortável. Já passei muito frio.

– Ele também fugiu de casa?

– Não. Marcos estava preso. Foi condenado por tráfico de drogas. Quando saiu da cadeia, a família não quis aceitá-lo de volta. Ele não conseguiu emprego e veio pra cá. Desde então já moramos em vários lugares. Sempre somos expulsos das ruas e temos de encontrar outro lugar para montar nossa barraca. Mas já nos acostumamos.

Sem falar nada, Marcos entrou na barraca e começou a gritar lá de dentro, chamando por Conceição.

Antony estava assustado com o jeito de falar do homem. Conceição respondeu com o mesmo tom de voz, dizendo que entraria na hora em que

ela quisesse.

Antony cutucou Tommy disfarçadamente, como que o chamando para ir embora. Ao contrário de Tommy, que parecia tranquilo, ele não estava nada à vontade com os novos conhecidos. Sentia muito medo de Marcos. E sabia muito bem como uma pessoa podia ter reações estranhas quando estava bêbada.

– Vocês querem tomar um café, meninos? – convidou Conceição, exibindo seu sorriso falho de dois dentes.

– Não, a gente já vai embora! – respondeu Antony mais que rapidamente.

– Eu quero! – disse Tommy, frustrando todos os planos do amigo. – Está muito frio! Podemos ver sua barraca por dentro?

– Claro que podem! Venham. Acho que cabem os dois aqui.

Antony sentia as pernas tremerem. Assim que puseram os pés dentro da barraca, Marcos se levantou resmungando e saiu. De certa forma aquilo o acalmou.

Dentro da barraca, além do rádio antigo, havia dois pequenos colchonetes. Cobertor só aquele no qual Marcos estava enrolado. Em um dos cantos, alguns copos e potes. Conceição colocou um pequeno bule com café em cima de uma pequena grelha que ficava apoiada em cima de dois tijolos. Molhou um pedaço de papel com algo que cheirava como cachaça e ateou fogo em uns poucos gravetos que estavam entre os dois tijolos. Logo o café estava quentinho e fora servido aos dois em copos de vidro que, na verdade, eram potes usados de extrato de tomate.

A conversa na barraca arrastou-se por um longo tempo. Marcos não deu mais as caras por lá. Antony ficou impressionado com o jeito de Conceição conversar e contar histórias, histórias que deixavam em muito para trás as aventuras que ele e Tommy já haviam feito juntos.

Quando por fim levantaram-se para ir embora, Conceição se prontificou a acompanhá-los até a rua, embora o caminho fosse apenas de dois passos.

– Obrigado pelo café, Conceição. E por deixar-nos conhecer sua barraca! – falou Tommy.

– Eu é que agradeço pela visita de vocês! Voltem mais vezes!

Enquanto saíam da barraca e caminhavam de volta para casa, Antony reparou que eram observados por dezenas de olhares. Pessoas de todo o tipo haviam aproveitado a estiagem para sair de casa. Muitas se

aglomeravam pelas calçadas, conversando alto e gargalhando. Por onde passavam os dois atraíam a atenção dos moradores do bairro. Muitos homens sem camisa e mulheres grávidas dividiam as calçadas. Havia música alta por todo lado e um cheiro gostoso de frango frito.

Antony não sabia bem se eram observados por estarem em um bairro que não era o deles ou por terem sido vistos saindo da barraca de Marcos e Conceição.

Dessa vez foi Antony quem acelerou o passo, enquanto Tommy olhava boquiaberto para cada um dos moradores daquela rua.

Quando atravessaram novamente a "fronteira", como costumavam dizer, os dois comemoraram a tão esperada vitória. O bairro vizinho agora era território conhecido e explorado.

Durante um longo tempo, os dois conversaram sobre tudo o que tinham visto: a barraca de lona, Marcos e sua garrafa de vodca e o medo que sentiram dele no início. Tommy fez questão de escrever no caderno de Antony, onde estava registrado o sonho dos dois de chegar ao bairro vizinho, a palavra "realizado". Depois ele propôs a Antony que escrevesse mais um sonho. O de dar um par de sapatos a Conceição, porque ele havia percebido que, todo o tempo em que conversou com eles, ela estava com os pés descalços. E aquilo deveria machucar muito os pés dela.

Antony não concordou, a princípio. Para dizer a verdade, ele ainda estava querendo acabar com aquela coleção de sonhos. Tommy insistiu muito e prometeu que aquele seria o último sonho e que depois Antony poderia fazer o que quisesse com a coleção. Se bem que ele não parecia muito satisfeito com a ideia, ainda mais antes de ganhar seu videogame.

Antony, por fim, concordou. Mas antes fez Tommy prometer que cuidaria de tudo sozinho, porque, se desse errado, ele nem mesmo ficaria sabendo. Então, depois de obter a garantia do amigo, escreveu o sonho no caderno, porém, fez questão de não se esquecer do que queria.

Sonho do Tommy:
Obs.: Último sonho da coleção.
Dar um par de sapatos à Conceição do outro bairro.
Como realizar? Tommy cuidará de tudo sozinho.

nove

Durante aquela semana, Antony ouviu tantas piadas na escola que pensou que não aguentaria. Às vezes sentia vontade de revidar, mas havia aprendido em um programa de TV, o qual ele nunca perdia: “a vingança nunca é plena, mata a alma e a envenena”. A mãe explicou o que aquilo significava: “Quando você faz mal a alguém, quem sofre é você”, dizia ela sempre que o percebia irritado. E por isso ele aguentava as gozações na escola; não queria sofrer mais do que já sofria.



Quando o sábado chegou, Antony vibrou! A primeira coisa que fez quando se levantou foi cantar segurando um pente que em nada parecia com um microfone, mas o substituiu muito bem. Só de pensar em não ver mais seus coleguinhas que “tanto se importavam com ele” e davam mais atenção aos seus sapatos do que às matérias as quais a professora ensinava, sentia uma vontade de pular e correr até se esgotar. Era muita alegria para um garoto tão pequeno.

Sophia havia saído na noite de sexta e só chegaria no dia seguinte. Era a forma de pagar pelos dias que havia ficado em casa, debilitada em função do consumo exagerado de álcool.

Os passeios faziam falta, é verdade. Mas existia um lugar que começava a chamar mais a atenção de Antony: o bairro vizinho, na “distante” rua de baixo. E como não estava ocupado com nada, aproveitaria para dar uma passadinha por lá. Acompanhado de seu fiel escudeiro, é claro!

As batidas fortes na porta foram os sinais que Antony esperava. Ansioso, correu até a porta e recebeu com um abraço o amigo, que parecia um pouco mais gordinho que da última vez.

– Vamos, Antony. Não temos tempo a perder. Temos que visitar a Conceição.

– Tudo bem! Mas temos que tomar cuidado com o Marcos. Ele pode estar bêbado.

– Não tem problema. A Conceição dá um jeito nele. – Tommy riu.

Antony não achou tão engraçado assim. Ele sabia o que uma pessoa bêbada podia fazer. Mas a vontade de se aventurar, como sempre, falou mais alto, e lá se foram os dois amigos, contando piadas, rindo e caminhando bem devagar para que Tommy não se cansasse muito.

A rua de baixo estava ainda mais suja depois das chuvas da semana. As bocas de lobo pareciam estar entupidas. Garrafas de refrigerante e sacos de lixo se aglomeravam sobre elas. Antony tapava o nariz sempre que passava perto daquelas sobras, que tinham um cheiro horroroso!

Uma laranja velha se tornou a diversão principal durante boa parte do caminho. Os dois amigos iam tabelando, chutando a laranja um para o outro como se estivessem em um grande estádio. Só pararam quanto avistaram algo muito, mas muito estranho mesmo!

– Olha aquela mulher, Tommy. – Antony balançava a cabeça para o amigo, apontando de um jeito mais discreto. – Ela está andando de joelhos e tem duas muletas.

– Mas por que ela anda de joelhos se tem as muletas? Será que ela é doida? – Tommy girou o dedo em volta da orelha.

– Eu não sei. Mas é melhor a gente correr – disse Antony acelerando na frente e esquecendo-se de que Tommy não era tão veloz assim.

Mais à frente, os dois pararam de correr. Antony riu ao ver Tommy deitando-se sobre a calçada, ofegante. Ali os dois ficaram se perguntando por que aquela senhora de cabelos grisalhos e sujos se apoiava em muletas e arrastava os joelhos no chão, além de gritar um montão de nomes feios. Assim que chegaram à barraca de Conceição, foram logo perguntando.

– Olá, Conceição. Nós viemos te visitar! – disse Tommy, invadindo a barraca sem nem mesmo ser convidado.

Antony achou aquilo um absurdo. Ele sabia que, antes de se entrar na casa de alguém, devia-se pedir permissão. Mas Conceição não pareceu se importar e o convidou para entrar também.

– E então, meninos, por que estes rostos vermelhos? Vocês andaram aprontando, não é?

– Nós corremos muito – respondeu Antony abaixando a cabeça, tímido. – Tinha uma mulher muito esquisita lá em cima. Ela anda de joelhos e fala coisas feias.

– Sei de quem vocês estão falando. Já vi aquela senhora algumas vezes. Mas não sei como se chama. Sei que ela anda daquele jeito porque não tem uma das pernas. Vocês não repararam? É por isso que precisa das muletas. Imagino que seja muito difícil para ela caminhar. Faz pouco tempo que apareceu por aqui. Desde que chegou tenta ser atendida por um médico no hospital do bairro, mas, por ser moradora de rua, as pessoas nem mesmo olham para ela. A perna que lhe resta está cheia de feridas, e já começaram a infeccionar. Em breve, ela a perderá também, se não morrer antes.

– É por isso que ela xinga tanto?

– A vida é muito difícil para ela. Quem sabe o que aquela mulher já passou? Acho até que ela é forte demais para aguentar tudo isso. Eu, no lugar dela, dificilmente aguentaria. Além disso, acho que não anda muito bem da cabeça. Às vezes o sofrimento altera as percepções das pessoas e elas começam a ver o mundo de uma forma diferente. Tudo que sei é que, se para nós já é uma situação revoltante, para ela, que vive tudo isso, deve ser muito mais. Acho que é por isso que ela fala tantos palavrões. Mas isso não quer dizer que vocês devam falar palavrões quando tiverem problemas. Palavrões são palavras que não deveriam nem mesmo existir. É muito feio ouvir uma criança dizer tais palavras.

– Eu nunca digo palavrões – disse Tommy mais que depressa.

– É verdade, mas você chama as pessoas de vaca! – completou Antony.

– Mas vaca não é palavrão. É o nome de um animal, não é, Conceição?

– É, Tommy. Mas é importante que você não tenha a mania de xingar as pessoas. Seja com palavrões ou mesmo com palavras que possam ser ofensivas. Por exemplo, se você chama uma pessoa de vaca, ela pode se ofender e retribuir com um xingamento pior, e assim por diante, levando até a uma briga.

A conversa caminhava muito bem, até que Antony percebeu a lona da barraca se abrindo. Marcos enfiou a cabeça o assustando. O homem gritou.

– Conceição! O que esses moleques estão fazendo aqui, sua vaca? Eu estou com fome. Deveria cozinhar e não bater papo.

– Viu só, Tommy? – completou Conceição um tanto quanto sem graça. – Não é nada bonito ser chamada de vaca! Agora me deem licença que a vaca tem que cozinhar para um boi raivoso. É melhor vocês saírem.

Antony levantou-se e puxou Tommy pelo braço. Estavam saindo da cabana quando sentiu a mão de Marcos atingir sua cabeça. Por sorte, o tapa pegou de raspão. Mas foi o suficiente para eles correrem ainda mais rápido que da vez anterior.

Tommy pareceu pensativo. Antony deduziu que ele não gostava do jeito que Marcos tratava Conceição. Talvez por aqueles insultos lembrarem as palavras duras que seu pai costumava usar com ele e sua mãe Cristina quando moravam juntos.

Difícil também era entender por que Conceição continuava a aceitar os insultos dele dia após dia. Talvez por falta de condições de procurar um lugar para morar ou, então, por gratidão, já que Marcos a tinha acolhido quando ela mais precisou de ajuda. Seja qual fosse a explicação, entender as razões daquela situação era complicado demais para sua cabeça de oito anos.

Em uma das conversas, Conceição havia dito que amava Marcos de todo o seu coração e que não poderia viver sem ele. Tommy até se lembrou de uma vez quando, em uma visita à casa dos tios, ouviu uma das primas dizendo que por amor as pessoas eram capazes de fazer e aceitar coisas que muitas vezes pareciam impossíveis. Talvez aquele fosse o jeito de Conceição amar, aceitando coisas que para a mãe de Tommy foram impossíveis de aceitar.

Antony caminhou de volta para casa. Tommy permanecia calado. Parecia pensar em algo sem solução.

– No que você está pensando, Tommy?

– Precisamos ajudar a Conceição. Você viu que ela estava descalça hoje? E, o pior, aquele cara nunca vai comprar um chinelo ou um sapato pra ela. Isso é muito triste. Eu queria muito que o sonho que você escreveu se realizasse logo. Mas eu não sei como. A não ser que… – Tommy coçou a cabeça e seus olhos pareceram brilhar.

– A não ser o quê?

– Eu acho que sei o que fazer. Tenho que ir pra casa, Antony. Amanhã nos falamos – disse Tommy correndo desta vez mais rápido que de costume.

Antony ficou surpreso e ao mesmo tempo confuso. Pensou em acompanhar o amigo até em casa, mas acabou desistindo. Achou melhor esperar para ver o que seu grande amigo atrapalhado ia aprontar. Então preferiu voltar para casa chutando pedras, que até podiam ser duras, mas nem de longe se assemelhavam à sua vida, e muito menos com o que estava prestes a acontecer.

dez

Tommy não deu as caras no domingo. Talvez tivesse saído para passear com sua mãe. Quem sabe comprariam um par de sapatos para Conceição? Antony sorriu ao vislumbrar a possibilidade. Seria o segundo sonho realizado de sua coleção. Aproveitou a ausência do amigo para limpar a casa. Afinal, sua mãe não trabalharia na manhã seguinte e ele não queria que ela gastasse seu dia de folga varrendo a casa e se estressando com meias espalhadas pelos cantos. Então, deixando tudo de lado, Antony pegou todas as ferramentas necessárias para fazer uma faxina digna de um garoto de oito anos com corpo de seis.

"Parece um deserto!", pensou Antony ao ver o monte de poeira que saía dos cômodos que varria. Enquanto limpava, descobriu também que varrer dava uma dor danada nas costas. Várias vezes desejou desistir e assistir à televisão. Mas perseverou. Transpirou como nunca antes e, no final, achou ter valido a pena. Tudo brilhava. O chão estava limpo; os pratos e copos, bem lavados. Até o banheiro estava cheiroso depois que ele derramou xampu no vaso e deu descarga. A técnica funcionou tão bem que ele se perguntou por que sua mãe nunca fazia aquilo.

O dia valeu a pena. Sophia não precisaria mover uma palha sequer no dia seguinte. Antony estava feliz, embora não conseguisse mais se manter acordado. Preferiu deixar o banho para a manhã seguinte, antes de se arrumar para a escola. Sim, a escola, as piadas, o Arthur e tudo mais que ele "amava"!

Antony deitou-se em sua cama e imaginou como seria bom que a mãe chegasse sóbria em casa. Quis até mesmo escrever aquele sonho em seu caderno, mas o sono era tão forte que ele adormeceu sem nem mesmo imaginar que o dia seguinte ficaria marcado para sempre em sua vida.

Antony levantou-se imediatamente após ouvir aquele barulhinho nada agradável do despertador. Olhou pela janela e observou as árvores que eram jogadas de um lado para o outro pelo vento forte da manhã. O céu estava nublado, com um tom cinza escuro, quase preto. As nuvens pareciam carregadas, e o vento trazia pequenas gotículas que deixavam o ar cada vez mais úmido e frio. O vidro da janela ficava embaçado a cada respiração, e Antony rapidamente o limpava com uma das mangas da blusa de frio verde-clara com a qual tinha dormido. Não havia ninguém nas ruas. Tudo parecia deserto. Era possível ouvir o ruído do vento, que a cada minuto parecia mudar de direção, levando e trazendo as folhas secas e qualquer outra coisa que estivesse pelo caminho.

Não demorou muito para uma tempestade desabar e deixar Antony ainda mais desanimado. Se não parasse de chover logo, não teria como ir à escola. Pensou em usar a capa de chuva que Tommy o havia emprestado no dia em que saíram para brincar e chegaram até o bairro vizinho. Assim poderia chegar à escola sem muitas dificuldades.

Desconsolado, Antony se vestiu e sentou-se em sua cama na esperança de que a chuva diminuísse e ele não precisasse atravessar aquele monte de poças d'água que se formavam nas calçadas. Arrumava sua mochila quando ouviu as batidas leves de sua mãe na porta.

Com um sorriso imenso e um brilho sem igual no olhar, Antony abriu a porta. Sophia pareceu surpresa ao vê-lo pronto para sair. Seus olhos estavam marejados. Ela estava sóbria! O sonho de Antony havia se realizado, mesmo sem estar em sua coleção. O sorriso de Sophia acalentou o coração de Antony por um instante. Subitamente lembranças lhe vieram à mente. Recordou-se da mãe contando como foi a primeira vez que o pegou no colo após seu nascimento. Como haviam sido difíceis aquelas duas semanas na maternidade, vendo o filho lutar pela vida dentro da incubadora.

Antony era frágil e pequenino. Havia nascido após sete meses de uma gestação complicada e dolorida. Era possível segurá-lo com apenas uma das mãos e ainda sentir como se não carregasse nada. O dia de levá-lo para casa foi comemorado com muitos sorrisos e lágrimas de alívio.

– Bom dia, meu filho! Como você está bonito. Isso tudo é para ir estudar?

– É, mamãe. Preciso crescer inteligente. – Antony jogou-se nos braços da mãe.

– Mas está chovendo tanto, meu filho. – Sophia acariciou a cabeça dele e logo após o beijou. Sua boca cheirava a morango e seus lábios brilhavam. – Eu pensei em fazer alguma coisa aqui em casa mesmo. De repente podemos assistir a um filme juntos. Que tal?

– Mas e a escola, mamãe?

– Vamos deixar a escola para amanhã. Com essa chuva é perigoso sair de casa. Além disso, faz tanto tempo que não ficamos juntinhos.

Antony abraçou sua mãe com mais força. Encostou a cabeça em seu peito e pôde sentir o coração batendo forte. Depois, desvencilhando-se, a segurou pela mão e a puxou em direção à sala.

– Calma. Devagar. Desse jeito você arranca meu braço.

– Desculpa, mamãe, é que quero escolher logo o filme a que vamos assistir.

– Ainda não, Antony. Primeiro temos de tomar o café da manhã. Conversaremos um pouco sobre a escola e depois teremos o dia inteiro para aproveitarmos.

– Tudo bem então, mamãe. Se a senhora diz.

– Ótimo! Então vamos. Sente-se à mesa que eu vou preparar torradas de pão adormecido e um chocolate bem quentinho para o meu menino.

Antony sentou-se à mesa como Sophia dissera. Pelo barulho estridente sobre o telhado, era possível perceber que a chuva não daria trégua. Pela janela da cozinha já não se podia avistar mais nada. Apenas uma neblina espessa que tomava conta de toda a rua.

Enquanto Sophia preparava as torradas, Antony apreciava cada movimento seu. Era tão bom vê-la daquele jeito, feliz e sorridente. Sophia usava uma blusa de lã tingida de azul. Um azul que fazia Antony se lembrar do céu que tanto gostava de admirar. Antony riu ao perceber que, por coincidência, os dois usavam a mesma cor. A calça da mãe era de moletom branco. Além disso, Sophia usava meias, dois pares pelo que ele percebeu, e um chinelo de dedo azul, o qual ficava bem apertado em seu pé por causa do volume que as meias causavam. Era tão bonita! Seus cabelos negros e longos tinham um brilho incrível. Era a mesma cor escura dos seus cabelos. Apenas seu corpo, pelo que Antony reparou, não era o mesmo de anos atrás. Sophia havia perdido bastante peso e, mesmo

com a blusa de lã, que lhe acrescentava certo volume, a magreza se mostrava bem aparente.

Sophia sentou-se à mesa de frente para Antony e colocou sobre a toalha o tabuleiro cheio de torradas, além de um bule com chocolate quente. Aquele cheirinho fez Antony flutuar como a fumaça que saía do bule. Os dois estavam ali frente a frente, e aquilo pareceu a Antony o mais perfeito dos presentes. O dia estava apenas começando e ele já não se aguentava de tanta felicidade. Aquele dia seria inigualável como um sonho bom do qual ele nunca desejaria acordar. Mas como se esquecesse de avisar o mundo, Antony levou um solavanco que não só o acordou de seu sonho como o jogou direto no abismo de seu pior pesadelo.

Antony deliciava-se com seu chocolate quente quando batidas fortes e desesperadas vindas da porta da frente irromperam pela casa. Assustado, saltou da cadeira enquanto sua mãe corria até a porta.

Ainda na cozinha, Antony pôde escutar a força com que a chuva atingia as calçadas. A princípio não escutou voz alguma. Tentou forçar a audição e destacar os pequenos ruídos de conversa do barulho da chuva. Passos rápidos foram ouvidos. Sophia correu até a área dos fundos. Depois voltou segurando uma toalha e a levou à porta de entrada.

Quando Antony olhou para a porta da cozinha, pôde ver a mãe acompanhada. O sorriso de antes não existia mais. Aquele rosto ao seu lado era bem conhecido. Mas não fazia sentido algum. Não naquele dia. Estava chovendo muito. Era cedo demais e, a menos que algo de grave tivesse acontecido, ela não estaria ali.

Antony sentiu o coração batendo forte. Pegou novamente a xícara de chocolate quente, que tremeu em sua mão. Suas forças pareceram fugir de seu corpo. Sophia dirigiu-lhe um olhar assustado. Os três entreolharam-se. De repente os olhares se fixaram em um só ponto. O silêncio pairou por um instante. Ninguém pronunciou uma palavra sequer, como que esperando que o outro se manifestasse primeiro. O que teria acontecido? Pareciam querer saber de algo que apenas Antony sabia a resposta.

– Onde ele está, Antony? – Cristina invadiu a cozinha. Seus olhos estavam vermelhos e inchados.

– Eu não sei. Por quê?

– Como assim não sabe? Você tem que saber; tem que saber, entende? Só você pode saber. Onde o Tommy está, Antony? Por favor! Onde ele está?

Antony sentiu um frio percorrer sua espinha e teve vontade de vomitar. Em seguida tudo o que percebeu foi que estava sendo sacudido por Cristina, que apertava seus braços. Sophia interveio na conversa, afastando a amiga, que, naquela hora, usava uma força desproporcional.

– Filho, olhe para a mamãe. Cristina está aqui porque o Tommy sumiu. Desapareceu. Você entende, meu filho? Seu amigo Tommy saiu de casa e não voltou. Você sabe de alguma coisa, meu filho? Fala pra mamãe. O Tommy te falou alguma coisa? Ontem, quando vocês conversaram, ele disse alguma coisa?

– Não. Eu juro! – respondeu Antony com lágrimas escorrendo pelo rosto.

– Meu filho, tente se lembrar, por favor! Aonde Tommy poderia ter ido? Você tem que nos ajudar a encontrá-lo.

– Eu já disse que não sei!

Antony virou as costas e correu como nunca antes. Bateu a porta do quarto e a trancou. Jogou-se em sua cama e chorou. Sentiu medo. Não queria perder o único amigo. Começou a lembrar-se das brincadeiras e travessuras que aprontavam todos os fins de semana. Não conseguia compreender como a vida podia mudar assim de uma hora para outra. Estava tão feliz! Aquela que seria a melhor segunda-feira de sua vida, de repente, transformou-se na pior. Não era justo. Por que tudo de ruim acontecia a ele? Que mal teria feito para merecer tanto sofrimento?



De dentro do quarto, Antony conseguia ouvir os soluços altos de Cristina. As vozes dela e de Sophia pareceram se afastar. Percebendo que sairiam, levantou-se e espiou pela janela. De lá viu as duas saindo abraçadas embaixo de um guarda-chuva. Pensou em vestir imediatamente a capa de chuva e sair à procura do amigo, mas suas pernas tremiam tanto que ele se sentou novamente e ficou ali pedindo a Deus que tudo estivesse bem.



Aquele dia demorou a passar. Antony não pôde nem mesmo se lembrar de quantas voltas havia dado pelo quarto pensando em Tommy. A noite começava a cair quando Sophia chegou em casa.

O garoto permaneceu sentado em sua cama. Não se atreveu a abrir a porta. Sentiu medo quando ouviu sua mãe chamá-lo e pedir que abrisse a porta.

– Filho, abra a porta pra mamãe. Por favor! Vamos conversar um pouco.

Percebendo que a voz dela era calma, Antony levantou-se rapidamente e destrancou a porta. Sophia entrou imediatamente e o abraçou.

Ele sentiu o peito apertado, como se esmagassem seu coração. O rosto de Sophia vermelho, indicando que havia chorado, despertou-lhe o desejo de fugir.

– Acho que eu mereço um gole de vodca! – disse Sophia soltando-o e olhando para o chão.

Antony assustou-se.

– Ai, meu Deus! O que eu estou dizendo? Me perdoa, filho. Me perdoa.

Antony voltou a abraçar Sophia. Aquelas palavras o haviam deixado confuso e com ainda mais medo. Mas o carinho de sua mãe desta vez pareceu mais forte. Sophia enxugou seu rosto com as mãos quentes e disse-lhe que tudo ficaria bem. Depois se sentou na cama, onde continuou a afagar seus cabelos antes de deitá-lo em seu colo.

– Mamãe, eu não quero perder meu único amigo – falou Antony com a voz quase que interrompida pelas lágrimas que lhe escorriam garganta adentro. – Por que ele sumiu? Ele foi embora pra sempre?

– Você não vai perder seu amigo, meu filho. Eu te prometo. Ele deve estar em algum lugar por aí. Vai ver encontrou alguma brincadeira divertida e acabou perdendo a hora de voltar. Logo ele volta, você vai ver.

– Eu gosto muito dele, mamãe. Se ele não voltar, eu vou me sentir sozinho.

– Ai, Antony… – Sophia o olhou nos olhos. – Somente agora eu percebo a distância que criei entre nós. Deveria ser eu a estar o tempo todo ao seu lado. Antony, jamais deveria sentir medo de ficar sozinho. Deveria saber que eu sempre estarei com você, não importa o que aconteça.

O garoto não conseguiu dizer mais nada. Apenas abaixou a cabeça e voltou a encostá-la no ombro da mãe. Uma paz pareceu tomar conta de seu corpo. A sensação de estar junto com sua mãe era ótima. Pensou que a qualquer momento adormeceria. Lentamente foi fechando os olhos enquanto Sophia repetia em seu ouvido.

– Eu te amo, meu filho. Eu te amo!

onze

Antony acordou assustado. Seu sono fora confuso. Pesadelos, um após o outro, não o permitiram descansar. Sua camisa estava encharcada de suor. Arrancou os lençóis e os atirou no chão. A notícia do desaparecimento do amigo Tommy veio como uma batida forte em sua cabeça. Suas pernas tremeram. Negou-se a acreditar. Balançou a cabeça em forma de negação tentando achar uma resposta lógica que justificasse o sumiço do amigo.

Sophia não estava mais no quarto. Antony desceu da cama e lentamente caminhou até a porta. Temeu abri-la. Por um instante pensou ser melhor encarar tudo aquilo ali mesmo, dentro de seu quarto. Longe do mundo, longe de tudo. As respostas chegariam a ele de uma maneira ou de outra. E ele estaria seguro.

O dia anterior era apenas uma lembrança confusa em sua mente. Pelo que se lembrava, passara o dia chorando e dormindo no colo de sua mãe. Não havia passeado e tampouco assistido aos filmes. Tudo se resumira à visita inesperada de Cristina com a trágica notícia.

Lembranças do amigo Tommy começaram a tomar conta de seus pensamentos. Certo desespero por não saber o que fazer o obrigava a se levantar e deitar várias vezes, como que em um ensaio cronometrado. Diante da situação, não viu outra forma de distrair a cabeça sem se esquecer do amigo. Enfiou a mão dentro de sua mochila e pegou seu caderno. Aquele mesmo que por ele deveria ficar ali, para sempre, sem nunca mais ser tocado. Na última página escrita, estava o sonho de Tommy, o último da coleção, o de presentear Conceição com um par de sapatos novos.

Antony pegou seu lápis preto e tentou escrever sem ao menos se dar conta de que ele estava sem ponta. Criticou a si próprio pela distração. Pegou um apontador e pôs-se a apontar o lápis antes de voltar a escrever.

Mais um sonho meu:
Que meu amigo Tommy possa aparecer hoje!
Como realizar? Tanto faz. Ele só tem que aparecer e pronto.

O menino guardou o caderno na mochila e se levantou. Era dia de voltar para a escola. Outro desafio nada fácil de encarar, ainda mais em um momento tão difícil de sua vida. Se Tommy não aparecesse, para quem contaria tudo o que acontecia na escola?

Aprontou-se como sempre fazia. Pegou seu tênis, o mesmo do ano anterior, com o solado gasto, furado. Ao menos a chuva havia cessado. Seria mais fácil aguentar o chão quente do que a água molhando suas meias e deixando seus pés com aquele cheiro nada agradável. Pegou o ferro de passar e deu uma esticada rápida na camisa do uniforme. As letras já estavam quase invisíveis, mas estava limpa. Ele mesmo havia lavado e deixado bem guardada.

Quando acabou de se vestir, Antony caminhou até a cozinha e preparou um lanche rápido. Pão com ovo. Tudo o que ele mais gostava. Embora a mãe já o houvesse advertido antes do perigo de comer a mesma coisa todos os dias e nunca comer verduras. Devorou-o rapidamente e correu para o banheiro para escovar os dentes.

Olhando-se no espelho, Antony percebeu que não estava tudo tão bem quanto parecia. Uma grande mancha amarela estampava agora a sua camisa. Não havia dúvida:

– Gema de ovo! – gritou, esfregando a mancha com água, mas tornando-a ainda maior. – Que droga! Como eu vou sair assim? Que droga!

Antony ficou desesperado. Numa tentativa insana de esconder a mancha da camisa, pegou um pouco de creme dental e passou por cima dela na esperança de que ali a camisa voltasse ao branco original. Não funcionou muito bem, mas pareceu melhor do que estava.

Diante de tantos problemas, Antony pensou em ficar em casa. Ou então ir para a pracinha e esperar até dar o horário de voltar para casa. Mas não quis causar mais incidentes para sua mãe. Então, depois de conferir se estava tudo certo com sua camisa, abriu a porta e saiu lentamente em direção ao seu maior tormento.

A surpresa ao chegar à escola foi enorme. O creme dental havia sido absorvido pelo tecido da camisa. “Uma tragédia”, como definiu Antony.

As primeiras piadas não demoraram a acontecer. A camisa suja foi um prato cheio para os outros alunos.

– Olha só! Alguém comeu ovo antes de vir à escola. Só que comeu com a camisa! – falou a menina ruiva, a mesma do chocolate.

E todos riram, inclusive a professora.

Desta vez, Antony não aguentou. Não naquele dia. Sem pedir permissão, levantou-se e saiu da sala. Correu de volta para sua casa.



No caminho de volta, Antony se perguntava onde Tommy estava. Desejava saber para poder correr até lá e viver em um lugar diferente, onde existisse ao menos uma chance de ser feliz.

Antony sabia que receberia uma bronca da mãe por chegar tão cedo em casa. Teria que inventar alguma história, mesmo sabendo que ela provavelmente não acreditaria. O que diria? Talvez fosse a hora de contar à mãe tudo pelo que ele passava na escola e acabar de vez com aquela ideia tola da mantê-lo em uma escola particular. Quem sabe ela não o transferia para a escola pública, a mesma onde Tommy estudava? Tommy sempre dizia que amava estudar lá. E o melhor, se fosse transferido para a escola pública, a mãe poderia trabalhar menos, pois não teria uma mensalidade tão alta para pagar e talvez até mudasse de emprego e parasse de se embriagar.

Tudo eram especulações da mente de Antony. Na verdade, ele sabia que não conseguiria dizer nada daquilo à mãe. Poderia falar qualquer coisa, menos aquilo, porque ela sempre dizia que conseguir uma boa educação era a única salvação para ele. Portanto, era bom começar a pensar em algo bem mais convincente para explicar a volta tão rápida da escola.

Ao se aproximar e ao abrir a porta de casa, Antony repetia em silêncio as palavras que diria à mãe. Teria que parecer o mais verdadeiro possível e, o mais difícil, teria que demonstrar felicidade, pois, como a mãe sempre dizia, ele era um privilegiado. Mas a verdade é que Antony não precisou pronunciar uma palavra sequer ao chegar.

– Antony, meu filho, que bom que você chegou! Preciso muito falar com você! – Sophia o segurou pela mão e se acomodou no sofá. Olhou fixamente em seus olhos.

Antony não entendeu muito bem, mas sentiu-se aliviado pelo fato de a mãe não ter notado que horas eram.

– Filho, sua camisa está suja. Você andou comendo ovo com a camisa? E depois ainda escovou os dentes dela? – Sophia deu uma grande gargalhada.

Nessa hora Antony sentiu o cheiro de álcool saindo de sua boca.

– Brincadeirinha, meu filho. Não precisa fazer essa cara. O assunto agora é mais sério.

– O que foi, mãe?

– Cristina esteve aqui mais cedo. Pouco depois de você sair. Ela se lembrou de uma coisa que pode ajudar a encontrar o Tommy.

– O quê? – Antony levantou-se eufórico.

– Tommy perguntou se ela tinha algum par de sapatos que não usava mais. Ela disse que sim. Um que apertava seus pés. Então ela perguntou por que ele estava interessado em um par de sapatos, e ele disse que estava perguntando por perguntar. Acontece que hoje, quando ela foi se vestir, percebeu que a caixa com os sapatos não estava mais lá. Havia desaparecido. Você entendeu? Tommy pegou os sapatos e saiu para levá-los a algum lugar. Foi aí que ele sumiu. Agora ficou bem mais fácil! Se soubermos para que Tommy pegou os sapatos, com certeza descobriremos o que aconteceu. Agora, meu filho, me diga para que o Tommy queria os sapatos. Você sabe?

– Eu? – Antony abaixou a cabeça. Sua voz pareceu não sair.

– Claro, meu filho, você. Vocês conversaram muito no domingo. E Tommy sempre te contava tudo. Com certeza ele te disse o que ia fazer com o par de sapatos.

– Não, não disse.

– Você tem certeza, meu filho? Você entende a gravidade da situação? Se você contar, poderá salvar a vida do seu amigo.

Antony não sabia o que fazer. Ele queria muito encontrar o amigo, mas tinha medo de que Cristina o castigasse quando soubesse o real motivo pelo qual havia pegado os sapatos.

– Eu não sei – disse levantando-se.

– É claro que você sabe – Sophia gritou e apertou o braço dele. – Como você pode ser tão imbecil a ponto de esconder algo tão importante? Você acha que tem o direito de fazer as pessoas sofrerem por causa de uma besteira como essa que você chama de amizade? Quer saber de uma coisa? Amigos não existem. Ninguém é amigo de ninguém. Quando crescerem, se é que Tommy vai crescer, porque pelo que me parece você prefere que ele morra, cada um seguirá seu caminho e esquecerá que o outro existiu. Sinceramente, eu nunca pensei que teria um filho tão burro e imprestável como você. Mas quer saber de uma coisa, seu moleque imbecil? Você não é tão esperto quanto pensa. Se você não quer falar, deixa que eu descubro sozinha!

Antony começou a chorar. O cheiro forte de álcool parecia ter se impregnado no ar e em seu rosto devido às gotas de saliva que espirraram sobre ele enquanto Sophia gritava. Correu ao ver sua mãe entrando em seu quarto.

Da porta, Antony via suas coisas sendo arremessadas contra a parede. Pensou em impedir a mãe de abrir sua mochila, mas suas pernas não responderam. Sophia sentou-se na cama e começou a retirar seus cadernos.

– Aposto que tem algum bilhete dele por aqui. E eu vou encontrar.

Antony gelou quando viu Sophia de posse de seu caderno de sonhos. “Como eu sou burro”, pensou. Havia esquecido o caderno aberto. Os olhos arregalados da mãe eram do tamanho da encrenca em que ele acabara de se meter.

– Sonho do Tommy. – Sophia o encarou com um olhar furioso. – Dar um par de sapatos para Conceição do bairro vizinho.

Antony abaixou a cabeça e começou a chorar.

– Não sabe de nada, não é? – Sophia aproximou-se e levantou seu rosto, apertando seu queixo. – Quem é Conceição? Agora! Ou vai levar uma surra da qual jamais vai se esquecer. Vamos! Quem é Conceição?

Antony tentou falar, mas não conseguiu. Suas lágrimas e seus soluços travavam-lhe a garganta.

– Vamos. Pare de chorar. Você é homem ou uma bichinha? Vamos! Me diga quem é Conceição, a do outro bairro. Está aqui, olha. Está bem escrito aqui – Sophia esbravejava enquanto esfregava o caderno violentamente no rosto de Antony.

– Ela mora na barraca – disse Antony com a voz falha.

– Que barraca?

– A barraca cinza lá no outro bairro, na primeira rua.

– Como assim, na rua? Você está me dizendo que Tommy foi encontrar com uma mulher que mora na rua?

– Sim. Mas ela é boa.

– Boa, seu imbecil? Boa? Seu amigo sumiu e você diz que ela é boa? Você tem noção do tamanho do problema em que se enfiou? Se alguma coisa tiver acontecido com Tommy, você se sentirá culpado por toda a vida. Como é que você pode ser tão burro?

Sophia o soltou. Pareceu um pouco mais calma, arrumou os cabelos, prendendo-os atrás das orelhas. Olhou para o caderno mais uma vez.

– Tenho que levar isso para a Cristina. Espero que não seja tarde demais. Arrume seu quarto.



Antony entrou em seu quarto lentamente. Começou juntando suas roupas, que haviam sido jogadas no chão. Lamentou-se amargamente por ter um dia criado aquele caderno de sonhos. Colocou o colchão no lugar. Acabou de arrumar as gavetas. Quando teve certeza de que estava tudo no lugar, deitou-se. Ficou ali, observando o teto e as infiltrações causadas pela chuva do dia anterior. A lâmpada piscava forte como anunciando que sua vida útil estava prestes a terminar. Antony desejou ser como aquela lâmpada. Desejou que sua luz se apagasse para sempre. Perguntou-se se Conceição seria capaz de fazer alguma coisa ruim com seu amigo. Tentava encontrar uma resposta lógica quando, de repente, vozes na frente de sua casa o trouxeram de volta à realidade.



Pela voz, Antony percebeu que Cristina estava em sua casa. Aproximou-se da porta para tentar ouvir o que falavam.

– Não acredito, Sophia! Como meu filho foi capaz de se meter com pessoas desse tipo? Ele nunca teve coragem de sair dessa rua. Pedia-me para acompanhá-lo a qualquer lugar que fosse. Sinceramente, não entendo o que deu na cabeça dele. Tudo bem que ajudar as pessoas é uma coisa legal, mas não de uma forma tão irresponsável. E sabe o que mais? Eu fico

me perguntando por que ele não me contou nada. Ele sempre me falava tudo.

– Se acalme, Cristina, já avisamos a polícia sobre a tal Conceição, em breve devemos ter notícias.

– Ai, Sophia, eu queria tanto ter calma neste momento, mas não consigo. Eu queria entender de onde o Tommy tirou essa ideia de ir tão longe assim.

– A culpa foi do Antony. Eu não sei o que meu filho tem na cabeça. Ele inventou esse caderno ridículo de anotações e, com certeza, influenciou o Tommy a fazer isso.

– Será, Sophia? O Antony me parece tão responsável.

– Responsável? Eu é que sei quanto trabalho ele me dá.

– Mas lá em casa ele sempre me pareceu um menino excelente. Deixe-me ver esse caderno.

– Toma. E me perdoe por todas as besteiras que vai ver aí.

– Minha coleção de sonhos? Como assim? Antony coleciona sonhos? Mas isso é lindo, Sophia! Olha o que ele escreveu aqui, na primeira página.

"Realizar os sonhos dos outros."
"Realizar os sonhos dos outros."
"Realizar os sonhos dos outros."

– Isso é incrível. Como um garoto de oito anos pode ter uma ideia dessas? Está vendo, Sophia? Seu filho tem um coração maravilhoso!

– Acho que você está esquecendo que, por causa desse coração tão maravilhoso, é que estamos aqui, nesta situação.

– Não seja tão cruel, Sophia. Vamos ver o que mais diz aqui.

Sonho número um:
Sonho do Tommy: Ganhar um videogame novo!
Como realizar? Basta eu conseguir vinte reais.

– O sonho número um da coleção dele é um sonho do Tommy. Um videogame. Era o brinquedo preferido dele quando morávamos no centro. Ele passava o dia inteiro jogando no quarto. Era o passatempo ideal, já que nem eu, nem o pai tínhamos tempo para ele. Quando eu fugi para cá, não deixei que ele trouxesse o videogame. Talvez por orgulho. E o pior é que eu nem mesmo percebi que ele sofreria por isso. Antony teve uma atitude muito mais nobre do que as minhas para com meu filho. Ai, ai. Vinte reais! É até engraçado achar que com vinte reais se poderia comprar algo tão caro. Você percebe que coisa mais linda a inocência desse menino? Somos privilegiadas pelos filhos que temos. Pena que não pude dar uma vida feliz para o meu Tommy.

– Mas, Cristina, eu nunca entendi muito bem o porquê de você ter abandonado tudo o que tinha. Você não poderia ter resolvido as coisas de outra maneira?

– Talvez. Mas no momento me pareceu o mais apropriado.

– Mas o que aconteceu de tão grave? Se é que não se importa em contar, é claro.

– Eu me casei muito nova, Sophia. Charles era muito bonito, apesar de ser mais velho. Era carismático. Não foi difícil eu me apaixonar por ele. Ele trabalhava muito, era muito rico, me levou para conhecer lugares maravilhosos. Passamos a lua de mel em Veneza. Foi inesquecível. Nos amávamos muito. Passeávamos juntos quase todos os dias. Um dia ele me deu um desses botes com os quais se pratica esses esportes radicais. Fizemos várias loucuras com aquele barco. Nos amamos dentro dele. E em uma dessas vezes eu fiquei grávida.

– Do Tommy!

– Não, do Tommy não. Esse nem mesmo chegou a nascer. Charles ficou furioso comigo e disse que não queria um filho naquele momento, que aquilo estragaria toda a sua vida e, por amor a ele, eu dei um fim à gravidez.

– Você o quê?

– Isso mesmo, Sophia. Eu morria de medo de perder o Charles e não pensei antes de fazer essa tolice. Mas enfim… Depois disso nunca mais voltei a ser a mesma. Culpava-me todos os dias por ter tirado a vida do meu primeiro filho. Já não conseguia fazer mais nada. Não via Charles com tanto amor quanto antes. Ele percebeu minha tristeza e um dia, antes de dormirmos, me pediu perdão e disse que podíamos tentar apagar tudo o

que havia acontecido se tentássemos ter outro filho. Fiquei muito feliz naquela noite. Meu amor por ele renasceu. Pouco tempo depois fiquei grávida do Tommy. Tudo correu muito bem durante a gravidez. Nossa vida voltou a ser como no início. Éramos muito felizes. Mas não durou por muito tempo.

– O que aconteceu?

– Eu não sei muito bem. O que sei é que os negócios do Charles começaram a não dar mais tanto lucro como antes. Ele começou a chegar em casa tarde todos os dias e a nos tratar mal. Tentei ajudar, dar apoio, mas ele nunca aceitou. A cada dia se tornava mais distante. Passou a me agredir e culpar o nascimento de Tommy por seu possível fracasso. Segundo ele, depois que Tommy nasceu, não teve mais o tempo necessário para se dedicar aos negócios. Enfim, depois disso só nos falávamos quando estávamos brigando. Um dia Tommy me pediu para levá-lo até o serviço do pai. Charles não estava lá. Disseram-me que ele havia saído no horário de sempre. Corremos para casa na esperança de o encontrarmos lá, mas não o encontramos. Ele chegou bem mais tarde naquele dia e sem nenhuma cerimônia me disse que havia arrumado outra mulher. Discutimos por várias horas. Então ele disse que Tommy e eu não passávamos de um grande estorvo em sua vida, que tudo seria melhor se sumíssemos. E foi isso o que eu fiz. Na mesma noite arrumei minhas malas e as de Tommy e fomos embora. Passamos o resto da noite em um hotel, até que decidi que, assim que amanhecesse, procuraríamos uma casa para alugar. E aqui estamos.

– É, minha amiga, você sofreu um bocado! Sinto muito por tudo.

– Foi muito difícil, mas deixa isso pra lá. Vamos continuar a ver o caderno de sonhos do Antony. Veja esse.

Sonho número dois:
Sonho do Antony: Ter um montão de livros!
Como realizar? Não sei ainda. Já tenho um. Talvez tenha que crescer
antes e ficar rico para poder comprar os outros.

– Ter um montão de livros! Não sabia que Antony gostava tanto de livros assim, Sophia!

– Ele gosta. Eu o levei até uma livraria outro dia e ele ficou encantado. Dei até um exemplar de *O Pequeno Príncipe* para ele. Desde então ele colocou essa ideia na cabeça. Lembro-me mesmo de ele ter dito que seu maior sonho era poder comprar muitos livros. Mas, depois disso, não disse mais nada a respeito. Da última vez que saímos disse a ele que escolhesse um livro, mas ele preferiu uma barra de chocolate.

– Chocolate?

– É, chocolate.

– Engraçado. Tommy uma vez me disse que Antony não era muito fã de chocolate.

– Pois é, vai entender para que ele queria uma barra inteira de chocolate. Mas, continue, qual o próximo sonho da coleção?

– Bem, deixe-me ver… Não, não tem nada. Acho que ele começou a escrever e não terminou. Vamos ver o próximo…

– Já está bom, Cristina. As crianças acham que podem ser felizes com livros e videogames.

– De um videogame sinceramente eu não precisaria para ser feliz, mas de livros… Acho que quem não lê bons livros não pode ter felicidade. Não existe nada igual a se deitar em um lugar calmo e ler um bom livro. Existem livros capazes de nos tirar do mais profundo abismo e nos elevar a lugares os quais nunca pensaríamos alcançar. Ler é regar o coração. Se deixamos de ler, deixamos de regar nossas emoções e vemos aos poucos nossos sentimentos murcharem e nossa felicidade morrer.

– Eu sei. Não foi isso que eu quis dizer. Também acho que ler é muito importante. Se lendo Antony já faz tanta besteira, imagina se não lesse.

– Por favor, Sophia, já chega de falar assim do Antony. Não acho isso nada bonito da sua parte. Devia agradecer pelo filho que tem.

– Ah, tá… Não vamos brigar por causa disso…Vamos, passe as folhas para vermos o que mais está escrito.

Nessa hora Antony tremeu dentro de seu quarto. Ele sabia qual era o próximo sonho. Aquele mesmo que ele havia recortado e, por uma ideia tola, voltado a colar.

Sonho da menina ruiva da escola:

Comer uma barra de chocolate igual à do filme.
Como realizar? Comprar uma no mercado. Peço à minha mãe no sábado!

– Pois é! Agora já sabemos para que ele queria a barra de chocolate! – disse Cristina esboçando um sorriso.

Nessa hora, Antony deitou-se em sua cama. De lá escutou Sophia gritar.

– Como é? Menina ruiva da escola? Eu não acredito. Você tá vendo que tipo de filho eu tenho? Ele só tem oito anos e acha que pode se meter a namorar. Gastar meu dinheiro, que já é pouco, comprando chocolate para dar pra uma garota. É o fim do mundo. É o fim do mundo!

– Sophia, ele é uma criança. Crianças têm essas fantasias. Apaixonam-se sem maldade alguma, não passa de pura inocência.

– Inocência? Você é que não conhece o mundo da forma que eu conheço. Quer saber? Eu é que não vou ser avó antes dos quarenta.

– Avó? Você pirou? Ele só tem oito anos!

– Eu não quero saber. Ele vai me pagar por isso. E com certeza tem coisa pior aqui, não é? Cadê a página que você não leu? Com certeza quer me esconder alguma coisa.

Ver minha mãe curada, sem beber nunca mais!
Como realizar? Não sei! Vou pedir muito a Deus que me ajude.

– Ai, meu Deus, por favor, me diz que isso não está escrito aí.

– E por que não? É maravilhoso saber que seu filho quer seu bem.

– Eu o critiquei o tempo todo. Eu bati nele. E como ele me paga? Se preocupando comigo. Eu não mereço isso da parte dele. Eu sou uma pessoa desprezível, eu não mereço compaixão da parte dele.

– Sophia, ele é seu filho. Filhos amam os pais e pais amam os filhos. É assim que funciona. Antony cansou de me contar dos sábados que vocês passavam juntos. Ele ama seu jeito. Ele sabe que você é uma pessoa maravilhosa. Ele sabe muito bem que você não porque quer se embriagar.

Sophia, Antony acredita muito em você. Chegou a hora de você acreditar também.

– Mas eu não sei como fazer isso. Eu não consigo ficar naquele bar sem beber. É o único jeito de aguentar aquele lugar nojento.

– Mas por que você não deixa aquele lugar?

– Como eu posso deixar o bar? É de lá que tiro o meu sustento e o do meu filho. Sem ele eu não conseguiria pagar a escola do Antony.

– E para que pagar? Antony vive se queixando da escola com Tommy. Você pode muito bem colocá-lo na escola pública. Tommy ama estudar lá. Tem vários amigos. Escreve e lê perfeitamente. Veja quanto você economizaria! E tem mais, você pode muito bem arrumar outro emprego.

– Outro emprego? Aqui?

– É claro. Veja meu caso. Eu trabalho em casa fazendo bombons para vender. Não ganho muito, é verdade, mas, em compensação, tenho a satisfação de estar sempre perto do meu filho e conseguir nos sustentar. Não posso fazer loucuras como comprar um videogame, por exemplo, mas, mesmo assim, conseguimos ter nossas coisas.

– Mas eu não sei fazer nada.

– Claro que sabe. Você é inteligente! Já sei! Por que não me ajuda?

– Ajudar você?

– Claro. Podemos trabalhar juntas. O negócio dos bombons é fácil de aprender. Além do mais, sou a única da cidade que sabe fazer os tradicionais bombons ingleses. Vai ser um sucesso.

– Não sei. Tenho medo de atrapalhar você. Eu nunca trabalhei em um lugar decente, sabe?

– Como assim? Antony me disse que você trabalha no bar faz uns seis anos apenas. Disse que você tinha outro emprego antes do nascimento dele. E que você só aceitou trabalhar no bar porque ficou desesperada depois que seu marido morreu.

– Isso foi o que eu disse pra ele. Tem muita coisa que ele não sabe. Se ele soubesse o que eu fazia antes de trabalhar naquele bar… Se ele soubesse do que ele é fruto…

– Como assim? O que você fazia?

– Eu estudava publicidade. Eu não tinha como pagar meus estudos. Um dia conheci um homem que me ofereceu um emprego em uma de suas casas. Eu não sabia do que se tratava e fui até o local. Quando cheguei lá que me dei conta. Fiquei com muito nojo e fugi. Mas o medo de não

terminar os estudos me fez procurar aquele homem novamente. Aceitei o trabalho. Para conseguir fazer o que ele me mandava fazer, comecei a me embriagar. Acabei largando a faculdade faltando pouco mais de seis meses para me formar. Um dia descobri que estava grávida, e sabe de quem?

– De quem?

– Não sei. Não tenho a mínima ideia.

– Quer dizer que o Antony…?

– Isso mesmo. Eu inventei essa história de pai pra ele. Disse que o pai trabalhava muito e que um dia morreu em um acidente na empresa.

– Meu Deus!

– Viu por que eu só iria te atrapalhar?

– Você não vai me atrapalhar, Sophia. E, além do mais, você deve se preocupar em não mais atrapalhar sua vida com Antony. E, então, o que me diz? Vamos ou não realizar esse sonho?

Antony não conseguiu mais fechar a boca de tão admirado que estava. Sophia não sabia quem era seu pai. Ele era fruto de uma relação desconhecida. Como aquilo poderia ter acontecido? E por que o bar em que ela trabalhava era tão nojento?

Antony levantou-se da cama. Pensou em sair e perguntar à Sophia por que nunca havia lhe contado nada. Mas preferiu ficar onde estava. Nunca tivera pai e aquilo não faria a menor diferença. Levantou-se, então, e olhou pela janela. Nesse instante ouviu o telefone tocar. Rapidamente correu e encostou o ouvido na porta, mas não conseguiu escutar nada do que sua mãe falava. Tudo que percebeu é que Cristina saiu correndo depois que a mãe desligou o aparelho.

GD

Antony virou-se na cama quando ouviu a voz de Sophia.

– Meu filho, abra a porta. Vamos, abra a porta!

– Já vou, mamãe.

Um abraço apertado. Daqueles capazes de quebrar uma costela. Foi assim que Sophia recebeu o filho quando ele abriu a porta. Antony sentiu sua cabeça sendo apertada contra o tórax de sua mãe, que quase o sufocava.

– Eu te amo, meu filho. Me desculpe. Eu vi sua coleção. Eu vou mudar. Eu não vou mais beber. Vou ser uma mãe melhor.

– Calma, mãe. – Antony não entendeu por que Sophia falava tantas palavras sem parar. – Eu te amo. Sei que não fez nada por mal.

– Claro que não, meu filho. E tem mais, eu tenho que te contar a verdade sobre seu pai.

– Não precisa. Eu escutei tudo.

– Você o quê? Que vergonha. Me desculpe, filho, por favor. Você me desculpa?

– Claro, mãe. Sempre fomos só nós dois e isso não precisa mudar nunca. O importante é que eu tenho você.

Lágrimas corriam pela face de Sophia. Sem graça, Antony passava sua pequena mão tentando enxugar as lágrimas. Sophia o carregou no colo, mas por muito pouco tempo, menos de dois segundos. Afinal, ele já não era nenhum bebê.

– Ai, meu filho. Eu me emocionei tanto que me esqueci de dizer. Nós temos que ir agora.

– Vamos aonde?

– Acharam o Tommy.

– Acharam o Tommy? Onde ele está? – Uma euforia sem igual tomou conta de Antony.

– No hospital. Temos que ir até lá.

– No hospital?

Aquelas palavras o trouxeram de volta ao chão. Se algo acontecesse com Tommy, ele se sentiria culpado por toda a vida. E aquela palavra, "hospital", fez com que o tal sentimento de culpa começasse a penetrar em sua cabeça. Todas aquelas aventuras para chegar ao bairro vizinho, as conversas com Conceição, tudo parecia um motivo para se arrepender. Poderiam ter ficado ali mesmo, na rua, brincando. Poderiam ter fugido quando aquele desconhecido os pegou espiando pela lona da barraca. Enfim, alguma coisa poderia ter sido feita de forma diferente para que ele não precisasse pela primeira vez em sua vida sentir-se culpado e com medo de perder alguém.

doze

O vento soprava forte. Era fim de tarde e o céu começava a ficar escuro, indicando outra provável tempestade. Sophia abraçou Antony e o apertou contra seu corpo numa tentativa de protegê-lo do frio que começava a se intensificar. Tirou seu cachecol e enrolou-o no pescoço do filho.

– Toma, meu filho, me deixe enrolar isso no seu pescoço. Esse vento está muito forte.

– Não precisa, mamãe, pode ficar com ele.

– Nada disso, meu filho, se alguém tiver que sentir frio, que seja eu. Você tem ficar bem agasalhado. Além do mais, seu calor me esquenta. Vamos, grude seu corpo ao meu.

Antony estava abraçado à sua mãe quando o ônibus chegou. Juntos, sentaram-se na última poltrona. A viagem era um pouco longa. Mãe e filho continuaram abraçados como se tivessem nascidos grudados um ao outro.

Pelo caminho, Antony observava as ruas. Pessoas corriam apressadas procurando abrigo. Qualquer lugar que servisse para se protegerem da chuva que começara a cair. Mulheres com sacolas, mães carregando crianças pequenas e todos os tipos de pessoa se aglomeravam dentro das lojas ou embaixo dos pequenos toldos que cobriam os bancos das paradas de ônibus. Apenas um senhor que vendia guarda-chuvas continuava exposto ao tempo na esperança de acabar com todo o seu estoque.

Antony sentiu o calor do braço de sua mãe percorrer seu corpo e aquecê-lo. Não havia palavras para serem ditas. Tentava disfarçar, mas seu coração batia acelerado.

As janelas do ônibus ficaram completamente embaçadas. As luzes da cidade começaram a se acender. Com um olhar tímido, Antony encarou a

mãe, que imediatamente lhe respondeu com um sorriso. Era incrível o sorriso da mãe. O mais perfeito e belo sorriso que ele já tinha visto.

Tomado pela emoção, Antony apoiou a cabeça no ombro de Sophia e, esticando o dedo, desenhou um coração na janela, onde dentro se liam as letras A e S.

Uma lágrima correu pelo rosto de Sophia. Então beijou a cabeça de Antony e apertou-lhe ainda mais. Esticou a mão e, ao lado do coração, escreveu:

"Juntos e felizes para sempre."

– Juntos e felizes para sempre! – repetiu Antony fechando os olhos e desejando que aquele momento durasse para sempre.



A chuva ainda caía forte quando chegaram ao hospital. Um prédio alto, branco, com várias janelas, talvez mais de cem pelo que Antony deduziu. Um carro passou em alta velocidade e espirrou água sobre ele. Pessoas com rostos agoniados aglomeravam-se na entrada do prédio. Tudo parecia muito triste. Era a primeira vez que Antony entrava em um hospital. Um cheiro forte de eucalipto o fez voltar à rua e respirar novamente. Uma sirene soou alta e gritos foram ouvidos. Imediatamente correu para dentro, fechou os olhos e agarrou-se à mãe. Um homem alto, branco e calvo indicava a direção para Sophia.

– Décimo andar – repetia o homem. – Ala infantil. Visita até às vinte e duas.

– Obrigada. Vamos, meu filho. Vamos ver o Tommy.

– O que aconteceu com ele, mamãe?

– Não sei, meu filho. Quando o policial ligou, Cristina saiu correndo e eu nem perguntei o que tinha acontecido.



O décimo andar do prédio em nada lembrava um hospital. A ala infantil do hospital mais parecia uma loja de brinquedos. Pelo menos foi isso que Antony pensou. O chão era forrado por tapetes emborrachados com desenhos e letras do alfabeto. As paredes eram azuis de um lado e

rosas do outro, deixando bem claro de que lado ficavam os meninos e as meninas. As portas eram todas enfeitadas com figuras de personagens de desenhos animados. Nas paredes, vários murais com fotos e desenhos das crianças internadas ali davam um ar todo especial ao andar. Ao longo do corredor azul e rosa havia quatro grandes salas repletas de almofadas e brinquedos de todo o tipo. Antony sentiu-se encantado com tudo o que viu e logo se esqueceu do que tinha presenciado nos andares inferiores.

Ala B, quarto 37, lado azul do corredor.

Sophia abriu lentamente a porta. Antony viu Cristina de costas para a porta. Pareceu não notar que estavam ali. Entraram lentamente. O quarto era grande. As paredes, assim como as do corredor, eram azuis. Havia duas camas. Na cama do lado direito do quarto estava deitado um menino aparentando ter uns sete anos de idade. Antony viu quando ele abriu um dos olhos e espiou os dois novos visitantes. Naquele momento, ele estava só. Seus cabelos eram pretos e encaracolados. Era bem gordo e suas bochechas pareciam engolir sua boca. Sua pele era bastante rosada. Ele usava um pijama amarelo com vários carros desenhados. Antony sorriu para ele.

Cristina virou e acenou para eles. Não disse nenhuma palavra. Apenas fez sinal para que se aproximassem. Antony agarrou-se à mãe e caminhou lentamente até a cama onde Tommy estava deitado. Os olhos do amigo permaneciam fechados e seu rosto, pálido. Ao contrário do menino da cama ao lado, estava coberto com um grosso cobertor que escondia todo o seu corpo, inclusive o pescoço.

– Oi, minha amiga, que bom que veio! – disse Cristina com a voz baixa, quase imperceptível. – Ei, Antony, como você está?

– O que aconteceu, Cristina? Como ele está? – perguntou Sophia acariciando o ombro da amiga.

Antony sentiu-se bem com as perguntas que a mãe fizera. Tudo o que ela perguntou era exatamente o que ele queria saber, só que jamais teria coragem de perguntar.

– Ele está bem agora. Está dormindo. Teve que passar por uma cirurgia.

– Mas o que aconteceu?

Cristina olhou para Antony de um jeito que ele entendeu muito bem. Pensou em disfarçar e continuar ali, mas, percebendo que a mãe também o encarara, achou melhor sair depressa do quarto e fechar a porta.

Do lado de fora do quarto, Antony pensou em ir até a sala lateral onde havia um monte de brinquedos, mas uma curiosidade sem igual tomava conta dele. Disfarçando, como sempre fazia quando queria descobrir alguma coisa, aproximou-se e encostou-se à porta do quarto. Sentia a cartilagem de sua orelha se mexer enquanto tentava distinguir as palavras ditas pela mãe e por Cristina. Para sua sorte, as duas pareceram se aproximar da porta.

– A polícia o encontrou com um ferimento muito grave, Sophia. Um corte profundo nas costas. Quase atingiu um dos pulmões. Felizmente os médicos conseguiram salvá-lo.

– Mas como aconteceu? Onde ele estava?

– No outro bairro.

– Com a tal Conceição?

– Com ela mesma. Dentro de uma barraca de lona. Ferido desse jeito.

– Mas como assim?

– Eu não a vi. Não tive coragem de olhar para ela. Tudo o que ela disse foi que estava cuidando dele.

– Como assim cuidando dele?

– Aquela mulher é louca! Segundo ela, Tommy foi visitá-la para levar o par de sapatos. Ela o recebeu e o convidou para entrar. O homem que vive com ela, um tal de Marcos, ficou com ciúmes do que viu e atacou Tommy com uma garrafa quebrada.

– Mas Tommy sumiu há três dias!

– Isso mesmo. Segundo o que o policial me contou, ela ficou com medo do que poderia acontecer com o companheiro e por isso não fez nada. Preferiu cuidar dele.

– Mas que absurdo! E o tal homem?

– Fugiu. Se é que ele existe mesmo. Isso foi o que ela disse, mas me parece algo muito mentiroso.

– Com certeza esse homem não existe. Foi ela quem o feriu, com certeza. E provavelmente estava esperando que ele melhorasse para pedir algum tipo de resgate ou sei lá o quê.

Antony ficou chocado com o que escutou. Ele sabia que Conceição estava falando a verdade. Marcos havia ferido Tommy. Ele precisava fazer alguma coisa. Mas e se não acreditassem nele? Se pensassem que ele estava defendendo uma criminosa?

Sentindo um pavor como nunca antes, Antony começou a andar de um lado para o outro no corredor. Até que pensou no quanto Conceição poderia sofrer por algo que não fez. Talvez sentisse o mesmo que ele na escola quando o acusavam de ser um ladrão de chocolate. Então, mesmo correndo o risco de ser mal interpretado, tomou coragem.



Antony entrou feito um raio no quarto.

– Mamãe, ele existe, o Marcos.

Cristina levantou-se da cadeira e o arrastou para fora do quarto.

– Antony, você tem certeza do que está falando?

– Sim, tenho. Ele existe. Fica o tempo todo bêbado, com uma garrafa na mão. Ele disse que não gostava de nós. Ele é muito assustador, mas Conceição disse que ele era bom, que tinha tirado ela da rua. Só que ele a trata mal também e a chama de vaca.

– Oh, meu Deus. Temos que contar isso à polícia para que possam prendê-lo também. Onde vocês estavam com a cabeça para terem contato com pessoas desse tipo?

– Conceição é boa. Ela não fez nada. Eu tenho certeza. Ela é muito boa. Ela só mora com ele porque não tem outro lugar para morar.

– Agora ela tem.

– Tem?

– Sim, Antony, na cadeia.

– Mas ela não fez nada. Quem fez foi o Marcos.

– Mas ela participou, querido. Ela é tão culpada quanto ele.

– Não é, não. Você mesmo disse que ela estava cuidando dele. Tenho certeza de que ela o protegeu do Marcos. Você tem que acreditar. Tem que pedir para soltar a Conceição.

– Não sei, Antony. Você acha mesmo que ela não teve nada a ver com isso?

– Eu tenho. Ela é pobre igual à gente. Ela gosta do Tommy.

– Mas a polícia não vai querer saber disso. A não ser que prendam esse homem, ela continuará sendo considerada culpada.

– Ela gostou dos sapatos?

– Dos sapatos? Eu não sei. Eu não a vi. A polícia está com os sapatos como prova de que ela esteve com Tommy.

– Ela não tinha sapatos.

– Eu sei. Eu sei. Olha, Antony, vamos deixar isso para depois. Vou apenas avisar a polícia que o tal Marcos existe. Depois veremos o que pode ser feito. No momento, tenho que me concentrar no Tommy. Vamos entrar. Sua mãe ficou sozinha lá dentro.

Antony e Cristina voltaram para o quarto. Sophia deu um beijo no filho. Logo em seguida, as duas saíram novamente. Nessa hora, Antony percebeu que o menino da cama ao lado continuava sorrindo para ele.

– Ei, você se chama Antony, não é? – disse o menino fazendo uma força descomunal para se encostar à parede ao lado da cama.

– Sim, me chamo Antony, e você?

– Eu me chamo Gabriel.

– E por que você está aqui?

– Eu fui atropelado por um carro.

– Atropelado?

– Isso mesmo. Eu estava correndo atrás de uma pipa e não vi o carro vindo na rua, aí ele me atropelou.

– E doeu muito?

– Não sei. Eu desmaiei na hora. Quando eu acordei já estava aqui. E você, por que está aqui?

– Eu vim ver o meu amigo.

– Seu amigo? Que legal? Eu não tenho amigos onde moro. Me mudei pra lá faz pouco tempo e os meninos da rua são todos mais velhos que eu.

– Que pena! Tommy e eu somos muito amigos e vamos ser amigos até ficarmos grandes.

– E o que aconteceu com ele?

– Um homem bêbado cortou as costas dele com um pedaço de garrafa.

– Ah, entendi. Ele já está dormindo faz um tempão. Você vai dormir aqui também?

– Não. Temos que ir embora quando acabar o horário de visitas.

– Que pena que você vai embora, senão poderíamos brincar. Você viu quantos brinquedos têm aqui?

– Vi sim, são muitos!

– Do que você gosta de brincar, Antony?

– Gosto muito de aventuras. Correr e jogar futebol!

– E você não se cansa muito?

– Às vezes, mas aí eu descanso lá perto de casa, em um lugar que eu e o Tommy encontramos.

– Vocês encontraram?

– Encontramos quando estávamos tentando chegar ao bairro vizinho, mas ninguém sabe disso.

– E como é lá?

– É um parque vazio, aonde não vai mais ninguém. Lá tem apenas um banco. Ele é verde-claro e muito bonito. É lá que Tommy e eu sentamos para descansar. Às vezes nós compramos balões, os enchemos e soltamos para ver o vento levá-los embora até o céu.

– Que legal! Eu também gosto muito de soltar balões.

– E futebol? Você não gosta de jogar?

– Eu gostava. Mas agora não gosto mais.

– Por que não?

Gabriel coçou a cabeça e passou a mão pelos cabelos encaracolados. Puxou o lençol que o cobria da cintura para baixo e sentou-se na cama.

– Por isso.

Antony deu um passo para trás. Percebeu que um emaranhado de gaze cobria o que lhe sobrara de uma de suas pernas, amputada um pouco acima do joelho. A outra estava intacta.

Antony olhou impressionado para o novo amigo que o encarava sem graça, como que se sentindo um pouco envergonhado por não ter mais as duas pernas.

– O que aconteceu com sua perna? – perguntou Antony depois de alguns minutos em silêncio.

– Os médicos cortaram.

– Por que eles cortaram sua perna?

– Quando o carro me atropelou, ele esmagou a minha perna. Meu pai disse que, se não cortassem minha perna, eu poderia morrer.

– E como você faz para andar?

– Eu ando com aquelas muletas ali. – Gabriel apontou para um par de muletas que estavam encostadas em uma das paredes do quarto. – E às vezes na cadeira de rodas.

– E você vai ficar assim pra sempre?

– Não. Meu pai vai colocar uma perna nova no lugar.

– Uma perna nova? E eles vão tirar de quem?

– Não! Não é uma perna de gente. É uma perna de metal e plástico que se parece muito com uma de verdade. Chama-se prótese. Quando meu pai colocá-la em mim, ele é médico aqui do Hospital, eu vou poder andar normalmente. Só não vou poder jogar futebol. Mas até andar de bicicleta eu vou poder.

– Que interessante. Eu vi uma mulher lá no bairro vizinho que também não tem uma perna. Ela poderia colocar uma dessas também. Aí ela não ia precisar andar se arrastando pelo chão e nem dizer tantos palavrões.

– Se você quiser, peço para o meu pai dar uma pra ela de presente.

– Por quê? Seu pai tem mais de uma dessas pernas?

– Ele tem um monte. Ele poderia colocar nela uma perna igual à que ele vai colocar em mim, só que rosa.

– Mas se ele colocar uma perna igual à sua ela vai ficar com uma perna de criança e uma de adulto!

– Ha-ha-ha! É mesmo! – E os dois caíram na gargalhada. – É melhor ser maior.

Sophia e Cristina voltaram pouco antes do horário de visitas chegar ao fim. Sophia despediu-se da amiga com um abraço demorado. Deu um beijo na testa de Tommy e saiu do quarto. Antes de sair, Antony despediu-se de Gabriel e também de Tommy, mesmo sabendo que o amigo não podia ouvi-lo, e prometeu aos dois que voltaria mais vezes. A visita ao hospital até que não havia sido das piores para ele. Afinal, quando entrou, tinha apenas um amigo, mas agora tinha dois.

Agora bastava a Antony voltar para casa ao lado de sua mãe e agradecer a Deus por estar tudo bem com seu melhor amigo e também por sua mãe ter se dado conta do quanto ele a amava e se preocupava com ela. Enfim, depois de dias terríveis, o menino finalmente poderia dormir um sono tranquilo.

treze

Quando a primeira luz da manhã refletiu pela janela do quarto, Antony pulou da cama. Estava ansioso para voltar ao hospital e brincar com Gabriel e, é claro, para conversar com Tommy, perguntar-lhe sobre tudo o que havia acontecido.

Um cheiro gostoso de café tomou conta da casa. O garoto abriu a porta e caminhou até a cozinha. Espiou discretamente. Sophia estava lá. Ela não precisava mais trabalhar naquele bar "nojento". Agora faria bombons com Cristina e provavelmente deixaria de beber. Ficou muito feliz de vê-la ali, sóbria, como na noite anterior. Lembrou-se das palavras escritas por ela na janela do ônibus e repetiu a si mesmo:

"Juntos e felizes para sempre."

– Oi, meu amor! Você está aí? Vem aqui dar um beijo na mamãe!

– Bom dia, mãe! – Antony correu e se jogou nos braços de sua mãe.

– E, então, conseguiu dormir direito?

– Sim. Mas tive vários sonhos com o Tommy.

– Eu imaginei. Nunca é fácil para uma criança assimilar esse tipo de coisa que está acontecendo. Mas o importante é que Tommy está fora de perigo e em breve vocês vão estar por aí, correndo e aprontando todas. Não é mesmo?

– É sim. E também vamos chamar o Gabriel.

– Ah, seu novo amigo?

– Isso mesmo. Ele é muito legal.

– Que bom ver você fazer uma nova amizade, Antony. Com certeza vocês vão se divertir muito juntos. Hoje à tarde podemos ir até o hospital novamente. O que acha?

– Eu acho ótimo! Mas por que não vamos agora?

– Porque você tem aula, rapazinho. Ontem você não foi. Hoje precisa ir. Lembre que a frequência é importante para suas notas finais.

Ir para a escola. Estava tudo muito bom para ser verdade. Alguma coisa sempre acontecia para atrapalhar os momentos felizes de Antony. Desta vez, era a escola. Teria que enfrentar seu maior tormento depois da camisa suja de gema de ovo. Pelo menos a vontade de ir até o hospital para encontrar os amigos o ajudaria a distrair-se.

– E, então, meu filho, vamos tomar nosso café? A mamãe fez bolo e pães de queijo.

– Oba! Pão de queijo! Eu amo pão de queijo. Havia muito tempo que você não fazia, mãe!

– É verdade, meu filho. Para dizer a verdade, já faz muito tempo que eu deixei de fazer muita coisa. Mas, de agora em diante, vou voltar a fazer tudo o que eu fazia antes.

– Podemos levar um pouco para os meninos no hospital?

– Oh, meu filho, até que podemos, só que à tarde esses pães de queijo parecerão mais com borrachas de queijo. Eles gostam de desenhar? Vão poder usá-los para apagar os erros!

– Não tem problema – disse Antony rindo. – De um jeito ou de outro vai servir para eles.

A casa estava mais feliz naquela manhã. As gargalhadas de Antony e Sophia eram tão altas que ele pensou que os vizinhos pudessem escutar. Tudo estava voltando ao normal.

Não importava mais o fato de não ter todos os livros que ele queria. Não importava ter que esperar até crescer e ficar rico para conseguir os "vinte reais" para comprar o videogame. Nem mesmo o fato de ser a piada da escola o incomodava tanto. Não! Aquele sonho, o de ver a mãe curada do vício, era com certeza o mais valioso. Era tudo o que Antony precisava para poder ser completamente feliz.

Ele comeu muitos pães de queijo. Depois se vestiu e foi para a escola, esperando que as horas voassem para que pudesse encontrar seu fiel escudeiro e dar-lhe um abraço, daqueles que só grandes amigos podem dar. E ele esperou, esperou, até que todas aquelas aulas acabaram e ele pôde voltar correndo para os braços da mãe.

Sophia estava sentada no sofá quando Antony chegou. Era uma sensação nova e agradável chegar em casa e vê-la bem, parecendo estar feliz.

Antony tirou a mochila. Quando se aproximou de Sophia percebeu que ela segurava algo nas mãos. Ele não pôde acreditar quando viu o que era. Seu caderno. Sua coleção de sonhos. Sophia o havia encapado com uma linda capa de couro verde. Sua cor preferida. E escrito em letras grandes e brancas na frente do caderno:

Coleção de sonhos do Antony

– O que achou? Gostou? – perguntou Sophia entregando-lhe o caderno.

– Gostei muito, mamãe. Ele está lindo. Tommy vai achar muito legal. Pelo menos eu acho, já que é por culpa dessa coleção que ele está no hospital.

– O que aconteceu com Tommy foi uma fatalidade, meu filho. Não foi culpa da coleção. Acho que ele vai ficar muito feliz de ver seu caderno bonitão. Mas, e aí, já sabe qual o próximo sonho da coleção?

– Ainda não, mamãe. Na verdade, eu nem sei se quero continuar com essa coleção.

– Por que não, meu filho? Eu já disse que o que aconteceu com Tommy foi uma fatalidade.

– Mas não é só por isso.

– Então por quê? Vem aqui. Me dá um abraço bem apertado e me conta tudo.

Antony abraçou sua mãe e, sentindo uma vergonha imensa, contou-lhe o que tinha acontecido na escola.

Sophia escutava atentamente tudo o que ele dizia. Ouviu a respeito da menina ruiva da escola, e a opinião do filho sobre ajudar as pessoas. Para ele não estava bem claro o motivo de algumas pessoas não gostarem de serem ajudadas e, ainda por cima, tratarem mal as pessoas que lhes ajudavam.

– Olha aqui, Antony. A bondade é uma coisa que fazemos para a nossa própria satisfação. Não precisamos esperar nada em troca. Ajudamos porque isso nos deixa felizes. Se a outra pessoa fica feliz, que bom! Ótimo! Compartilhamos a felicidade dela. Se, por outro lado, a

pessoa despreza nossa ajuda, ficamos felizes por termos a capacidade de amar aos outros independentemente da reação deles para conosco. Por isso você vai continuar com sua coleção e vai ajudar outros a realizarem seus sonhos. E quanto a essa menina da sua escola, sabe o que eu acho dela?

– O quê?

Sophia aproximou-se do ouvido de Antony e falou bem baixinho:

– Ela é uma vaca! Mas isso é um segredo!

– Acho que não, mamãe. O Tommy me disse a mesma coisa. – Antony sorriu.

– Então isso é um segredo de nós três. Agora vamos. Temos que ir ver o Tommy. Vá trocar de roupa.

Antony correu para seu quarto. Lá vestiu novamente sua camiseta com o desenho de um sorriso. Agora sim combinava com ele. Estava radiante, contente por não ter que esperar o sábado chegar para ficar com sua mãe. Pensou em como seria bom se todas as crianças do mundo tivessem mães que as amassem daquele jeito. Sorriu em frente ao espelho. Jogou sua franja para trás e saiu, pronto para encontrar seus dois inestimáveis amigos.

catorze

No hospital tudo continuava do mesmo jeito. Na portaria, o senhor calvo dizendo que as visitas terminavam às vinte e duas e que Tommy se encontrava no décimo andar, ala infantil. Pelo menos o cheiro de eucalipto não estava mais tão forte como no dia anterior. O elevador, sempre lotado de visitantes. Mas todos desceram no meio do caminho. Somente Antony e Sophia foram até o décimo andar.

Cristina os recebeu na porta com um grande sorriso.

– Olá, meus amigos. Que bom ver vocês aqui.

– Oi, minha amiga. Pelo sorriso, dá pra ver que tem boas notícias.

– Tommy está fora de perigo. O médico me disse que em poucos dias ele poderá ir pra casa.

– Que notícia boa, Cristina. Estou tão feliz. Posso falar com ele?

– Ele está dormindo agora. Estava sentindo algumas dores ainda e o médico preferiu mantê-lo sedado por mais uma noite para descansar melhor o corpo. Mas amanhã estará livre dos sedativos. Aí é só esperar para irmos embora daqui.

– Que bom! Você ouviu isso, Antony? Ué, cadê ele?

Antony correu para o quarto. Puxou uma cadeira e se sentou ao lado da cama onde Tommy repousava. Enquanto segurava a mão do amigo, que continuava dormindo, conversava com Gabriel. Entregou-lhe o caderno de sonhos. O garoto o abriu e começou a folhear. Pelo que parecia, estava fascinado.

Sophia entrou no quarto acompanhada de Cristina. Como na noite anterior, afagou os cabelos de Tommy e deu-lhe um beijo na testa. Desta vez aproximou-se também de Gabriel e da mesma forma afagou-lhe os cabelos. Depois tirou da bolsa um pote com pães de queijo que, ao contrário do que ela mesma havia dito, não pareciam borrachas. O menino abriu o pote imediatamente. Sentiu o cheiro dos pães de queijo e passou a

comê-los numa velocidade assustadora. Antony olhou para a mãe e os dois riram, talvez por entenderem finalmente o porquê de Gabriel estar tão acima do peso.

– Filho. Nós vamos lá embaixo tomar um lanche. Você quer vir?

– Não, mamãe, obrigado. Vou ficar aqui conversando com o Gabriel.

Antony pegou sua cadeira e a levou para perto do novo amigo. Enquanto conversavam, vez por outra ele espiava o leito de Tommy. Não disse nada, mas por dentro tinha muita esperança de que ele acordasse antes da hora de ir embora.

Enquanto o tempo passava, Antony aproveitava para conversar com Gabriel sobre a coleção de sonhos. O garoto ficou tão encantado com aquela coleção que, assim que seu pai entrou no quarto para vê-lo, foi logo pedindo um caderno de presente para começar sua própria coleção de sonhos.



O pai de Gabriel, Miguel, era muito alto, com quase dois metros de altura. Sua pele era tão clara e rosada quanto à do filho. Aparentava ter uns quarenta anos. Seus cabelos eram negros e alguns fios começavam a ficar grisalhos. Ele usava uma roupa toda branca e um grande jaleco onde, acima do bolso, havia seu nome bordado, "Dr. Miguel". A calça que ele usava estava um pouco curta. Talvez pela altura. Em seu pescoço, um estetoscópio já bastante antigo. Antony olhou-o de cima a baixo quando ele entrou. Por um instante desejou ser médico quando crescesse.

– Olá, filhão. Como você está? – perguntou Miguel passando a mão sobre os cachos do filho.

– Estou bem, papai. Esse é o Antony. Ele é meu amigo agora.

– Ah é? Um amigo novo? Que bom! Oi, Antony, prazer em conhecê-lo.

– O prazer é todo meu.

– E então, quer dizer que vocês agora são amigos?

– Isso mesmo. Seu filho é muito legal.

– Isso, com certeza, ele puxou ao pai. E você, Antony, como veio parar aqui?

– Eu vim visitar meu amigo Tommy. É este aqui.

– Claro! Tommy. Eu participei da cirurgia dele. Em breve estará em casa.

– O Gabriel também vai voltar rápido pra casa?

– Vai sim!

– O senhor já trouxe a perna nova dele?

– Perna? Ainda não. Ela já está pronta, mas Gabriel terá ainda que fazer alguns exercícios para fortalecer os músculos antes de poder usá-la. Não é, garotão?

– Isso mesmo, papai. Vou fazer tudo direitinho para poder usar logo minha perna.

– Que bom, meu filho. Você está bem mais animado hoje. Vejo que a nova amizade lhe fez muito bem.

– Fez sim. Antony disse que vai me levar ao parque onde ele e Tommy passeiam. Lá tem um banco verde e eles brincam de encher balões e soltá-los.

– Que bom! Faço questão de levar você até lá.

Miguel sentou-se na cama ao lado do filho. Começou a afagar seus cabelos e a examinar a perna. A expressão em seu rosto indicava que a recuperação do filho estava progredindo de maneira favorável. Antony ficou feliz com aquilo. De repente o médico pegou seu caderno de sonhos.

– O que é isso, meu filho?

– É do Antony, papai. É uma coleção de sonhos.

– Coleção de sonhos?

– Isso mesmo. Eu também vou querer uma. Você compra um caderno pra mim também?

– Claro que compro, meu filho, mas primeiro gostaria muito que Antony me explicasse como funciona isso. Tudo bem, Antony?

– Tudo bem, senhor Miguel.

– Venha cá. Sente-se aqui.

Antony sentou-se na cama ao lado de Miguel.

– Então, meu amiguinho, como funciona sua coleção?

– Não é uma coleção muito legal, não. Eu escrevo os sonhos que eu gostaria de realizar e também escrevo o sonho das outras pessoas. Assim eu posso tentar ajudar os outros a realizarem.

– Que incrível, Antony. Você tem noção da importância disso?

– Como assim?

– Imagine se todas as pessoas tivessem um caderno desses. Se cada pessoa se preocupasse em ajudar os outros, o mundo seria muito melhor. As pessoas se tornaram muito egoístas. Pensam em seus objetivos, em seus sonhos, mas se esquecem de ajudar também os outros. Os seres humanos não são mais capazes de pensar um pouco no próximo, e você, em vez de brigar pelas suas vontades e realizar os seus próprios sonhos, preocupa-se em ajudar os outros. Isso parece até um milagre. Sinceramente. Quer saber de uma coisa? Não vou só dar um caderno ao Gabriel, vou comprar um pra mim também.

– Pra você?

– Claro. Quero experimentar essa pureza que vocês, crianças, têm. Vou escrever sonhos dos meus pacientes. Acho que não preciso de nada mais além do que já tenho: uma boa saúde e uma linda família. Chegou a hora de ajudar os outros. Diga-me, Antony, há algo que eu possa fazer por você?

– O senhor teria uma dessas pernas que o Gabriel vai usar um pouco maior?

– Uma prótese? Para quê?

Antony passou a explicar a Miguel tudo o que havia acontecido desde o dia em que decidiu inventar a coleção de sonhos para poder enfim ser igual aos outros meninos de sua idade. Contou como começou a amizade com Tommy, as aventuras que passaram para poder chegar até o bairro vizinho. Deu detalhes da vida de Marcos e Conceição. E, claro, falou sobre a senhora que não tinha uma das pernas e que se arrastava apoiada às muletas. Perguntou a Miguel se existiam mesmo próteses maiores e, se possível, cor-de-rosa para presentear aquela desconhecida.

O doutor, por sua vez, explicou-lhe tudo! O funcionamento de uma prótese, o material do qual era feita, todo o processo que o paciente tinha de enfrentar antes de poder usar uma e muitos outros detalhes e curiosidades sobre assuntos médicos, como o porquê de nascer um ovo na canela de Antony toda vez que ele levava uma pancada.

Gabriel alegrou-se muito com a ideia do pai de ter seu próprio caderno de sonhos. Os três ficaram discutindo sobre os sonhos que poderiam realizar. Miguel e Antony discutiram sobre quem escreveria o sonho de encontrar e dar uma nova perna à senhora do outro bairro. Decidiram escrever no caderno de Antony mesmo porque era o único que estava ali, já que os outros ainda nem existiam.

O horário de visita estava quase acabando quando, pela primeira vez, Tommy mexeu-se na cama. A esperança de Antony cresceu diante da possibilidade de ver o amigo acordar. Tommy mexia-se muito, mas em momento algum abriu os olhos.

Antony ficou triste de não ver o amigo acordado, mesmo assim quis compartilhar com ele o novo sonho de sua coleção. Abriu o caderno e leu bem baixinho perto do ouvido de Tommy.

Sonho da mulher do bairro vizinho:
Ter uma perna nova. Pelo menos eu acho que ela quer.
Como realizar? O Dr. Miguel vai ajudar.
Obs.: Primeiro temos que encontrá-la.

Aquele foi mais um dia especial para Antony. Era incrível como, em apenas dois dias, havia encontrado dois amigos e, o mais interessante, um amigo adulto, como ele nunca imaginou que pudesse ter. Para ele, os adultos não tinham mais tempo para amizades como a dele e a de Tommy, pois estavam sempre muito atarefados e correndo para conseguir cada vez mais dinheiro, mas o Miguel era diferente. Ele gostava das crianças e gostava de ajudar as outras pessoas. Antony até achou que ele era parecido com aquele médico famoso, Patch Adams, que tinha ganhado até um filme e o qual Sophia sempre usava como exemplo na hora de falar de pessoas boas. O Miguel era tão bom que convidou Antony para almoçar em sua casa no dia seguinte. Sophia não queria deixar, pois Antony perderia outro dia de aula, mas acabou cedendo após o filho contar-lhe tudo o que havia conversado com Miguel.

Naquele dia, Antony voltou para casa de ônibus com Sophia. Os dois fizeram planos para o futuro. Sua mãe estava muito animada com a ideia de aprender a fazer os tais bombons ingleses de que Cristina tanto falava.

Antony respirou o ar fresco que atravessava a janela do ônibus. Através dela, via as luzes que davam um visual diferente às ruas da cidade. Fechou então os olhos e agradeceu a Deus por sua vida estar finalmente entrando em harmonia. Mas ele sabia que havia ainda muitos sonhos para realizar. E que o dia seguinte seria especial para ele e sua coleção!

quinze

A casa onde Miguel e Gabriel moravam era enorme. A sala era tão grande que Antony ficou com receio de se mover nela. O chão era todo coberto por piso laminado e, no canto, havia uma enorme lareira, igual àquelas que ele via nos filmes. O sofá era tão macio que, ao se sentar, suas pernas ficaram para o alto, deixando-o muito envergonhado e ainda mais nervoso com a novidade. Desde que fora convidado para almoçar, não pensava em mais nada a não ser em conseguir fazer tudo certo. Não queria por nada nesse mundo fazer alguma coisa errada, como sujar a camisa com gema de ovo, por exemplo.

A mãe de Gabriel chamava-se Anna, e foi ela quem veio socorrer Antony e tirá-lo de dentro do sofá. Ela era baixa e, assim como o marido e o filho, também tinha as bochechas rosadas. Seus cabelos eram bem negros e encaracolados como os de Gabriel, só que bem mais compridos. Era jornalista. Na parede, havia molduras com recortes de reportagens escritas por ela. Era uma mulher muito doce. Sempre que conversava com Antony o abraçava e brincava com ele, jogando sua franja para trás só para vê-la fazer o caminho de volta. Para ele, aquilo não era mais engraçado. Afinal, desde os cinco anos ele tentava sem sucesso pentear os cabelos para trás. Mas Anna se apaixonou pelo jeito como a franja dele sempre voltava ao mesmo lugar.

O almoço foi muito divertido. Miguel e Anna ficaram contando piadas e ensinando a Antony todas as brincadeiras que haviam ensinado a Gabriel. Era a primeira vez que ele convivia com um casal de verdade.

Miguel contou a Anna sobre a coleção de sonhos de Antony, e ela ficou emocionada com o que ouviu. Rapidamente pegou um gravador e começou a fazer perguntas sobre a coleção. No final do almoço, disse a Antony que também queria colecionar sonhos. Antony concordou e, pela

primeira vez em muito tempo, teve a certeza de que aquela coleção era algo realmente bom.

O mais importante, porém, aconteceu depois do almoço.

– Antony, se importa de me mostrar a senhora de quem me falou? – Miguel rodava a chave de seu carro em um dos dedos.

– Mostro sim, senhor – disse o garoto, empolgado com a oportunidade de, pela primeira vez na vida, entrar em um automóvel.

– Então vamos! Depois deixo você em casa.

Antony despediu-se de Anna. Agradeceu-lhe o almoço suculento e entrou no carro de Miguel. Antony não sabia qual era o modelo do automóvel, mas sabia que era muito macio e confortável. Deu até vontade de dormir. E quem resiste a uma soneca depois de um almoço daqueles? Mas ele manteve-se acordado enquanto Miguel contava-lhe tudo o que Gabriel já havia aprontado desde que nascera.

Antony sentia-se seguro ao lado de Miguel. Imaginou que, se um dia tivesse um pai, ele seria daquele jeito.

A viagem demorou um pouquinho. Miguel morava no centro. Bem perto de onde Tommy dizia ter vivido. Mas, entre curvas e esquinas, Antony teve a certeza de que sua vida estava tomando um rumo melhor do que ele poderia sonhar um dia.

Miguel dirigia lentamente o carro enquanto Antony procurava pela senhora que andava usando os joelhos. Passaram por várias ruas, inclusive em frente à barraca de Conceição e Marcos. Ele não pôde evitar se lembrar de que a amiga estava presa. Ficou triste com aquilo.

Pouco tempo depois, Antony avistou a senhora sentada em uma calçada. Mostrou-a para Miguel, que aproximou o carro da senhora. Ela parecia bem mais acabada que da última vez que Antony a vira.

– Olá, senhora, como vai? – Miguel aproximou o carro da calçada onde a mulher estava deitada e falou com ela pela janela.

– Vai pro inferno. Eu sei que você quer me roubar – respondeu a mulher levantando uma das muletas e tentando acertar o carro.

– Calma, senhora. Não vou lhe fazer mal.

– Não vai me fazer mal. Vai fazer o que, então? Não me diga que veio aqui só pra me pagar uma pinga?

– Não, senhora. Não vim aqui para lhe pagar bebida alguma. Quero apenas te ajudar.

– Ajudar com o quê? Se quiser me ajudar mesmo é só me pagar uma pinga, que aí eu bebo até morrer.

– A senhora não precisa morrer. Olha, esse é meu amigo Antony.

– Olá, garoto. Como vai? Você é muito bonito. Com certeza é um desses riquinhos que passam e jogam lixo em cima de mim, não é? Vocês não prestam mesmo, são um bando de viadinhos.

– Senhora, por favor. Antony é um menino bom e nós queremos ajudar a senhora de verdade. Soube que a senhora tenta ser atendida no hospital do bairro e não consegue. Então! Eu sou médico e vou atender a senhora. Vamos cuidar da sua perna.

– Eu não tenho perna. Você por acaso é cego?

– A outra, senhora. Está bastante ferida. Se não se cuidar, acabará perdendo-a também.

– Mas como você vai conseguir me levar ao hospital? Sempre me expulsam de lá. Além disso, já xinguei todo mundo que trabalha lá. Se eu for pra lá, eles vão acabar me matando.

– Não vamos ao hospital do bairro. Vamos ao Hospital Central. É lá que eu trabalho. Lá, eu prometo que vão tratar a senhora com muito carinho.

– Mas eu não tenho dinheiro pra pagar.

– Não cobraremos nada, é por minha conta.

– Por que está fazendo isso? Isso não está me cheirando nada bem.

– Digamos que quero realizar um sonho do meu amiguinho aqui. E, então, vamos?

– De que jeito?

– Comigo, aqui, no carro. Eu ajudo a senhora a levantar-se.

– Tudo bem. Eu vou. Mas, se isso não for verdade, eu vou chutar sua… Ah, deixa pra lá, tem criança aqui, e criança não pode ouvir essas coisas.

Miguel desceu do carro e ajudou aquela velha e doente senhora a entrar no carro. Colocou-a no banco da frente, ao seu lado, já que Antony não tinha idade suficiente para andar na frente. Antony pegou as muletas dela. O cheiro da mulher era insuportável, mesmo assim ele ficou feliz. Já imaginava a perna nova que Miguel daria a ela. O único detalhe que ainda não sabia é que não seria rosa como ele e Gabriel imaginavam.

No caminho até o hospital, a mulher não parou de reclamar. Pelo menos não falava mais palavrões, o que para Antony era um alívio. Estava visivelmente embriagada. Antony agradeceu a Deus por sua mãe ter parado de trabalhar naquele bar. Sentiu seu corpo arrepiar-se só de pensar que a mãe poderia ter o mesmo fim daquela senhora.

Miguel até que tentou, mas não conseguiu descobrir muito a respeito dela. Pelo menos descobriu o seu nome. Léia. Antony gostou daquele nome. Soava-lhe bem. Ensaiou até algumas palavras com ela.

– Dona Léia, a senhora mora onde?

– Ali mesmo, no boteco. E você?

– Eu moro no outro bairro.

– Que gracinha! Você me lembra muito o meu neto.

– A senhora tem um neto?

– Claro que não.

– Então…

– Eu só tenho quinze anos, como queria que eu tivesse neto?

Antony não entendeu mais nada. Miguel ria ao ouvir as bobagens que ela falava.

Miguel finalmente deixou Antony em sua casa. Ele estava radiante e correu para contar à mãe tudo o que havia acontecido. Não importava o fato de não poder conversar com aquela senhora ou de ela cheirar mal e estar bêbada. Antony estava feliz por finalmente vê-la ser atendida por um médico. Ajudando aquela senhora, mais um sonho da sua coleção se realizava. Agora só faltava Tommy acordar para dizer que sua vida estava perfeita. E foi exatamente o que aconteceu no dia seguinte quando entrou no quarto 37, da ala B, no lado azul do corredor do Hospital Central.

dezesseis

Antony vibrou quando viu Tommy em pé, vestido, pronto para ir embora. Perguntou como o amigo estava e confessou que tinha sentido muito medo de perdê-lo. Mas o amigo não parecia tão preocupado. Segundo ele, era o máximo aquela história de ficar desmaiado e ter a atenção de todos voltada só para ele. Parecia um filme em que os heróis saem do hospital e são reconhecidos por todos como uma grande celebridade. É claro que esse não seria o caso. Todos estavam muito felizes, mas seriam apenas cinco pessoas a ficar felizes pela ocasião. O fato é que ele gostou muito de toda a atenção dada a ele. Sentiu-se importante respondendo a todas aquelas perguntas, inclusive as da polícia, que foi até lá para pegar mais informações a respeito do ferimento que havia sofrido.

Antony contou a Tommy sobre a prisão de Conceição. Percebeu que o amigo ficou triste com a notícia, pois ela havia tentado protegê-lo quando Marcos o atacou.

A conversa prosseguiu por um longo período. Antony e Gabriel riram quando ficaram sabendo que o motivo que havia originado a briga com Marcos foi o elogio feito por Tommy a Conceição enquanto ela calçava o novo par de sapatos. Ele havia dito que os pés dela eram muito bonitos. Isso acendeu a ira do homem, que quebrou a garrafa na parede e saiu correndo atrás dele. Enquanto Marcos o perseguia, ele ainda tentou justificar-se gritando que só estava querendo ser gentil, que na verdade achava os pés dela horrorosos.

As gargalhadas foram inevitáveis com a explicação de Tommy. Ficou difícil saber o que havia deixado Marcos mais furioso, se o elogio que ele havia feito no início ou a sinceridade do menino dizendo que os pés da esposa dele não eram nada bonitos.

– Imagino a cara dele! – comentou Gabriel. – Ele correndo atrás do Tommy com a garrafa dizendo que nenhum gordinho diria que a mulher dele era bonita.

– Mas é verdade! – completou Tommy. – Eu só disse que os pés dela eram bonitos para deixá-la um pouco mais feliz. Os pés dela não eram nada bonitos. Estavam sujos e rachados e, ainda por cima, tinham um chulezão.

– Eca! – disse Antony demonstrando espanto. – Imagina só você, Tommy, falando o quanto os pés dela eram bonitos e depois dando um beijinho naquele pé todo suado e fedorento! Deve ter sido muito engraçado!

– Seu bobo! Eu não beijei o pé dela, não. Pra falar a verdade, eu nem conseguia chegar muito perto deles.

– Já sei! – completou Gabriel, quase não conseguindo falar, de tanto rir. – Que tal Antony colocar no caderno dele…

"Sonho do Tommy: Comprar um talco contra chulé para poder beijar os pés de sua amada."

– Ou melhor! – retrucou Antony. – Imagine Tommy fazendo com ela igual no filme da Cinderela. Ele chega à casa dela e diz:

"Tenho que encontrar a mulher que dançou comigo ontem à noite, no baile. Só preciso dar uma cheirada no pé dela para saber quem é."

– Aí ela diz:

"Com certeza, meu príncipe, não apenas cheire-o, como também pode enchê-lo de beijos e lambidas em sua sola."

Aquela tarde no hospital foi muito divertida. Todos tinham lágrimas nos olhos, mas lágrimas de alegria, causadas pelo excesso de riso. Todos fizeram muitas brincadeiras e em momento algum lembraram o fato de Tommy quase ter morrido com o ferimento. Não era necessário. Tudo havia corrido bem, e o futuro com certeza seria bem melhor. Daquele episódio restaria apenas uma cicatriz nas costas de Tommy, mas essa ele nem mesmo conseguiria ver.

Gabriel gostou muito de Tommy. Os dois eram muito parecidos fisicamente, principalmente no peso. Cristina disse que Gabriel estava bem mais gordinho. Miguel retrucou dizendo que Tommy tinha as bochechas maiores e que era bem mais "fortinho". Para acabar com a discussão sobre quem era o mais gordinho, Antony disse que a única

diferença entre os dois era o endereço, pareciam gêmeos e que o doutor Miguel deveria indicar um belo regime aos dois.

Tommy também ficou muito curioso com a perna de plástico e metal que Gabriel iria usar. Fez muitas perguntas a Miguel sobre a prótese. E na hora de ir embora, depois de abraçar Gabriel, perguntou-lhe se seu pai já havia explicado a ele, alguma vez, por que toda vez que alguém batia a canela nascia um ovo. Gabriel disse que nunca havia perguntado, mas que perguntaria a ele e depois contaria a resposta.

Os três garotos marcaram de se encontrar. Sophia e Cristina prometeram levá-los ao hospital sempre que possível para rever Gabriel e também Miguel. Antony pediu para ser o primeiro a ver a perna nova do amigo. Sugeriu a Gabriel que pedisse a seu pai uma perna azul bem brilhante.

Miguel despediu-se dos amigos e agradeceu por terem tornado a nova realidade do filho bem mais fácil. Prometeu ser como um novo pai para eles e ajudá-los sempre que possível a realizarem os sonhos de suas coleções. Sugeriu que Antony e Tommy dividissem aquela tão brilhante coleção. Que o caderno fosse usado para que os dois pudessem continuar ajudando ainda mais pessoas.

Cristina não conteve as lágrimas quando viu aquelas paredes azuis e rosas ficando para trás. Era tão bom poder levar o filho de volta para casa! Antony perguntou o motivo de tanta emoção.

– Por um instante lembrei-me do dia em que saí do hospital, há oito anos, carregando um embrulho todo especial. É tão bom ver meu filho andando, saudável. Não sei o que faria se eu o perdesse.

A conversa continuou pelos corredores. Enquanto andavam acelerados na frente de suas mães, Antony contou a Tommy sobre Léia e sobre como tinham ido até o bairro vizinho buscá-la para levá-la ao hospital. Contou também como Gabriel e os pais deles haviam decidido também ter uma coleção de sonhos.

– Eles vão ter uma coleção de sonhos, Antony? Como assim? Eles não são adultos?

– São, mas isso não tem nada a ver. Eles têm o coração bom! E é isso que importa na hora de ter uma coleção de sonhos.

– Mas que tipo de sonhos eles vão colecionar? Você sabe?

– Não sei direito, mas o Miguel me disse que quer usar a coleção para ajudar muitas pessoas, principalmente àquelas que ficam no hospital e não

têm dinheiro para pagar.

– Então ele não vai cobrar nada da Léia?

– Nem um centavo. Pelo menos foi isso o que ele disse.

– Que legal! Você está percebendo uma coisa, Antony?

– O quê?

– Sua ideia! A coleção de sonhos está ficando famosa. Antes você era o único que tinha. Agora já são quatro coleções e, com certeza, mais pessoas vão querer ter uma.

– E será que isso é bom mesmo?

– Com certeza. Assim todo mundo vai ajudar os outros a realizarem seus sonhos. Imagine só se todo mundo tiver uma dessa e colocar sonhos de outras pessoas. Vai chegar o dia em que todos os sonhos poderão ser realizados. Por exemplo, se um filho quer que o pai e a mãe não briguem mais, ele conta isso pra alguém que tenha uma coleção. Então essa pessoa ajuda os pais dele a não brigarem nunca mais.

– Verdade. E se as pessoas quiserem sempre realizar o sonho das pessoas que não têm comida em casa. Então todos vão começar a arrumar comida pra todo mundo e aí ninguém mais vai ficar com fome.

– E as crianças poderão ter mais brinquedos!

– E mais livros!

– E todo mundo que não tem perna vai poder ganhar uma perna nova.

– Mas e as pessoas que não aceitam as coisas, como a menina lá da escola?

– Não tem problema. Por que as pessoas que precisam de verdade nunca vão recusar. Além disso, se uma pessoa não quiser, é só apagar o sonho dela e no lugar colocar outro sonho. A sua coleção continuou funcionando mesmo depois de ela não ter aceitado seu presente, não foi?

– Foi.

– Então. Nós temos que mostrar nossa coleção para os outros e assim, em pouco tempo, todo mundo vai querer ter uma. O importante é não deixarmos a coleção de lado.

– Claro que não. E sabe de uma coisa, Tommy? Você acabou de me dar a ideia para o meu próximo sonho.

Sonho do Antony e do Tommy:
Que todos tenham uma coleção de sonhos igual a nossa.

Como realizar? Pediremos ajuda aos adultos e vamos mostrar para as outras crianças. Assim a coleção vai se espalhando, se espalhando, até todo mundo ter uma.

Aquele foi um dia especial para Antony. Sua mãe não havia bebido e seu melhor amigo estava de volta, com saúde. Tudo parecia estar tomando um rumo. Apenas o fato de ter que ir à escola no dia seguinte ainda o desanimava um pouco. Ele não havia contado a ninguém, mas até mesmo sua professora ria quando os outros alunos faziam piadas a seu respeito. Mas como tudo estava dando certo naquele dia, Antony desejou muito que as coisas no dia seguinte fossem melhores. Porém, aquele era um sonho que jamais conseguiria realizar.

Antony entrou na sala e foi logo escutando um barulho semelhante a um grunhido de porco. Segundos depois, uma das meninas da classe completou com uma das suas piadinhas.

– Que vontade de comer gema de ovo! Me lambuzar toda, até a camisa.

Antony olhou em volta e percebeu que todos riam. Mas o que mais o chateou foi o fato de a professora, que escrevia no quadro negro, ter parado de redigir e gargalhado em vez de pedir que os alunos o respeitassem.

Em todas as outras ocasiões em que fora humilhado daquela forma Antony permaneceu calado. Muitas vezes teve que segurar as lágrimas que insistiam em querer escapar. Mas naquele dia, por alguma razão que nem mesmo ele conseguiu explicar, uma vontade imensa de se defender, de mostrar a todos que estavam errados, fez com que se levantasse.

A professora que apagava a primeira parte do quadro negro logo o encarou com um olhar de fúria, mas que não o intimidou. A encarada foi seguida por palavras duras.

– Você é retardado, menino? O que está fazendo aí em pé?

– Não, senhora. Eu não sou retardado. Acho que estou bem longe de ser. Sou o melhor aluno da classe, a senhora lembra?

– Você, o primeiro da classe? – A mulher fez uma cara de deboche. – Só se for na matéria “sujeira”.

Todos riram.

Antony sentiu seus olhos enchendo-se de lágrimas, mas, ao contrário do que faria em uma situação daquelas, ele não se sentou, tampouco saiu correndo da sala de aula.

– Se a senhora chama o fato de eu usar uma camisa manchada, por sinal, a única que eu tenho, de sujeira, tudo bem. Então eu sou o primeiro lugar nisso também. Mas minhas notas foram as maiores também. A senhora pode não querer conviver com uma camisa manchada, mas terá que conviver o resto da vida com uma consciência suja. Quanto a vocês que dão risada de mim todos os dias, eu sinto vergonha. Por que acham que eu sou pior que vocês? Por que eu sou pobre ou, como dizem vocês, por que eu tenho uma condição financeira pior que a de vocês? E daí? Isso não altera em nada a minha felicidade. Eu sou feliz. Talvez por isso vocês se sintam tão incomodados comigo. Afinal, o menino pobre, sujo e morto de fome tira notas maiores que as suas; consegue ser melhor que vocês.

– Cale-se agora, seu marginal. Aqui sou eu quem dá as ordens. – A professora atirou o apagador no chão.

– Marginal? A senhora esqueceu quem roubou meu direito de ter uma educação boa? Marginais são vocês, que roubam as coisas de vocês mesmos. Eu posso ser pobre, posso ser morto de fome, mas tenho honra e isso vocês não têm. Vocês têm muitas coisas, muitos brinquedos e dinheiro, mas têm atitudes que fazem de vocês mais pobres do que eu. Eu tenho muito mais que vocês.

– Só se for piolho! – gritou um dos alunos, que Antony não pôde identificar.

– Não! Eu tenho amigos verdadeiros. Amigos que cuidam de mim, que se alegram com tudo o que eu consigo. Eu tenho uma mãe linda e eu tenho uma coleção de sonhos capaz de mudar o mundo. É claro que será bem difícil, porque sempre haverá pessoas iguais a vocês, que não gostam de ajudar os outros. E sabe de uma coisa? Meu amigo Tommy, ontem, escreveu um lindo sonho nessa coleção. Ele pediu para que eu pudesse sair dessa escola e ir para uma escola onde ensinem realmente o que significa ser humano. E adivinhem só? Esse sonho acaba de se realizar. A partir de hoje eu não estarei mais aqui para incomodá-los com a minha dignidade.

Quanto à minha coleção, ela está aqui. E eu fiz questão de completá-la antes de sair de casa.

Antony abriu a mochila e retirou seu caderno de sonhos. Abriu na página que havia escrito seu novo sonho e em voz alta leu:

Sonho do Antony:
Que todos os alunos da escola e também a professora possam meditar sobre o que fizeram comigo e se tornar pessoas melhores, porque eu acredito em todos eles.
Como realizar? Isso deverá ser escolha de cada um.

– Agora eu tenho que ir – disse Antony guardando seu material e colocando a mochila nas costas. Pela primeira vez em dois anos ele não ouviu nada. O silêncio tomou conta da classe.

Antony saiu da escola pela porta da frente. Seu coração batia forte e ele sentia-se incrédulo, como que não acreditando que havia feito algo tão louco. Ele havia se demitido da escola e sua mãe nem sabia disso. Mas ele já tinha um plano. Dizer a verdade. Contaria a Sophia, sem esconder nenhum detalhe, tudo o que passou desde o dia em que entrou por aquele enorme portão de ferro. Diria a ela que não existe educação onde falta coração. E foi exatamente isso a primeira coisa que ele fez quando chegou em casa.

– Mamãe, mamãe!?

– O que foi, Antony? Por que você chegou cedo? – Sophia enxugava um copo com seu pano de pratos.

– Preciso de um grande favor seu.

– O que, meu amor?

– Quero estudar na escola pública com o Tommy.

– Mas por que, meu filho? Tem alguma coisa a ver com a menina do chocolate?

– Não, mamãe. Não tem a ver com ninguém. Apenas comigo. Eu quero estudar em um lugar onde eu possa ser feliz.

– Tudo bem, meu filho. Se for para você ficar feliz, amanhã bem cedo vou à escola pegar os papéis da transferência e levá-los até a escola pública. Mas, por favor, se você tiver aprontado alguma, é melhor me contar.

Antony sentou-se à mesa e começou a contar tudo o que se lembrava de ter passado desde o seu primeiro dia de aula. Enquanto contava, percebeu os olhos de Sophia se encherem de lágrimas e muitas vezes demonstrarem uma sensação de fúria, principalmente em relação à professora. Mas Antony pediu-lhe que não arrumasse confusão. Ele queria apenas mudar de escola e deixar tudo aquilo para trás.

– Tá certo, meu filho. Amanhã eu vou à escola pedir sua transferência. Vou fingir que nada do que me disse realmente aconteceu. Não vai ser fácil, mas eu vou conseguir.

– Oba! Obrigado, mamãe! Vou à casa do Tommy contar pra ele! – Antony beijou o rosto de Sophia antes de sair correndo.

– Calma, meu filho. Não vá ainda. A mamãe tem que contar uma coisa.

Antony usou o que restava da sola de seus sapatos para frear pouco antes de atingir a porta de saída.

– O que, mamãe?

– Sente-se, meu filho. Preciso que me escute bem.

Antony sentiu um clima de tristeza no ar e um tom de angústia na voz de sua mãe.

– Filho, você percebeu que a mamãe parou de trabalhar, não é mesmo? Pois bem. Acontece que, por mais que eu tente, não consigo parar de beber. Todos os dias depois que você vai dormir, eu ainda bebo. Não como eu bebia no bar, mas ainda bebo. E eu quero me livrar disso, meu filho. Por nós! Pela nossa felicidade juntos. Então me inscrevi em um programa para dependentes em álcool. Só que esse tratamento exige que eu fique internada por dois meses inteiros. O lugar para onde eu vou tem um tratamento muito eficaz. Quando eu voltar, estarei totalmente livre desse vício. É a única forma de eu conseguir.

– Como assim, você vai embora?

– Claro que não, meu filho. Eu vou apenas me tratar. São só dois meses. Passam voando.

– E eu?

– Você vai ficar com Cristina e Tommy. Já deixei tudo certo com eles. Pode ser?

– Pode. Se for pro seu bem. – Antony abaixou a cabeça. – Vou sentir saudades.

– Também vou sentir saudades, meu amor. Mas depois poderemos ser felizes de verdade.

– E depois que voltar, como a senhora vai trabalhar?

– Lembra-se dos bombons que Cristina faz para vender? Adivinha! Nós vamos montar uma sociedade para expandir o negócio. Vamos trabalhar juntas.

– Que legal, mamãe. Assim você, Cristina, Tommy e eu vamos ser uma grande família.

– Vamos sim, meu filho, uma linda família! Agora vá contar ao Tommy as novidades enquanto eu procuro os papéis necessários para fazermos sua transferência de escola.

Antony correu. Um vento frio atingiu-lhe o rosto. Queria contar para Tommy que passariam dois meses morando juntos e que poderiam gastar aquele tempo ajudando as pessoas a fazendo suas próprias criações de sonhos. E, embora tivesse que fazer tudo aquilo longe de Sophia, ele sabia que ficaria bem, pois estaria ao lado das duas pessoas em quem ele mais confiava e que eram, para ele, como belos sonhos realizados.

dezessete

Antony teve certeza de que nada no mundo era capaz de demorar tanto como aqueles dois meses em que sua mãe ficou fora. Notícias ele só tinha pela recepcionista da clínica. Sophia estava incomunicável. Era assim que funcionava o tratamento. Nada de visitas ou distrações familiares. Tudo para vencer o vício.

Mas aquele período de saudades e esperanças serviu também para ele se acostumar com seus novos amigos. Sim! Antony havia sido transferido para a escola pública, a mesma na qual Tommy estudava. E o melhor daquilo tudo é que estavam na mesma turma.

A notícia de que tinham uma coleção de sonhos se espalhou por toda a classe, e os alunos vinham até Antony para que ele lhes ensinasse como começarem sua própria coleção. Ele nem mesmo se lembrava da escola antiga.

As férias se aproximavam e, com certeza, no ano seguinte tudo seria ainda mais perfeito. Antony poderia estudar com amor, sabendo da importância de se ter uma boa educação.

Tudo que acontecia de novo era guardado a sete chaves dentro de seu coração. A euforia e a vontade de contar tudo para Sophia eram cada vez maiores. Talvez por isso os dias pareciam se arrastar durante aqueles intermináveis dois meses.

Mas como tudo que começa termina, a espera chegou ao fim. Antony não conseguiu conter as lágrimas naquele que até hoje ele chama de “o melhor dia da minha vida”.

Antony praticamente não dormiu. A ansiedade era tanta que, assim que amanheceu, levantou-se rapidamente. Estava tão atrapalhado, sem

saber o que fazer, que esbarrou duas vezes na cama de Tommy. Felizmente o sono do amigo era profundo e ele não fez nada mais que dar um leve resmungão.

A mãe chegaria em casa naquela manhã. Cristina a buscaria na clínica. Antony queria recepcioná-la com uma grande festa. Por isso, no dia anterior, pediu que Tommy quebrasse seu cofrinho e comprasse um cento de salgados e duas garrafas de refrigerante. Era pouca coisa, ele sabia, mas era de coração.

Antony arrumou tudo na cozinha. Forrou a mesa com a toalha mais bonita que encontrou. Uma cor-de-rosa com flores vermelhas e amarelas bordadas que Cristina guardava em um cesto embaixo da pia da cozinha. Em seguida, pegou as garrafas de refrigerante e as alinhou perfeitamente com quatro copos feitos de potes de requeijão.

Tudo estava pronto. Faltava apenas o mais importante: a mãe. Antony até pensou em esperá-la no meio da rua, mas preferiu aguardar dentro de casa. Queria mostrar à Sophia que tinha aprendido a se comportar como um verdadeiro homenzinho na sua ausência.

Antony esperou, esperou e esperou. Seu coração parecia querer saltar pela boca à medida que o tempo passava.

"Era muita ansiedade para um garoto de oito anos com corpo de seis", pensou.

Só conseguiu parar de roer as unhas quando finalmente ouviu a porta da frente abrir-se.



Antony não aguentou. Saiu da cozinha correndo e se jogou nos braços da mãe. Depois ele chorou. Chorou muito, até que todo aquele sentimento causado pela espera fosse embora, deixando-o em paz e permitindo que respirasse aliviado.

– Eu te amo, mãe. Eu te amo muito!

– Eu também, meu filho. Também te amo. Agora pare de chorar. – Sophia esfregava o rosto do filho ao mesmo tempo em que lhe enchia de beijos. – Você cresceu. Está um homenzinho lindo.

– Senti muitas saudades, mãe. Você faz muita falta.

– Eu nunca mais vou me separar de você, Antony. Eu prometo. Mamãe está curada.

A recepção a Sophia foi muito alegre. Antony conseguiu parar de chorar e aproveitou para comer os salgadinhos antes que Tommy comesse tudo. Cristina preparou um almoço todo especial para complementar a festa. Pela primeira vez ela se maquiou e se vestiu bem. Era linda, assim como Tommy costumava dizer.

Antony cantou, dançou e até derramou refrigerante no sofá de Cristina. Isso tudo antes de Cristina pedir a palavra e dar-lhes uma ótima notícia.

– Queria informá-los que a polícia prendeu o tal Marcos que machucou o meu bebê.

Antony riu ao ouvir o apelido carinhoso do amigo. Tommy estava vermelho.

– Ele confessou tudo. E eu, como sou muito boazinha, e aproveitando que Sophia está de volta, resolvi retirar a queixa contra a dona Conceição. Amanhã mesmo ela sairá da cadeia – concluiu Cristina.

– Que bom! – gritou Antony tentando ser ouvido. – Então ela vai poder voltar para a barraca dela.

– Melhor do que isso, Antony – completou Cristina. – Liguei para o abrigo do bairro e eles disseram que tem uma vaga para ela. Lá ela terá um quarto e poderá fazer atividades de artesanato e aprender alguma profissão. Assim não precisará mais viver nas ruas.

Antony vibrou com a notícia. Ainda mais depois que Cristina contou que o par de sapatos que Tommy havia levado poderia ficar de presente para Conceição.

“Realizado!”, com essa palavra Antony confirmou que sua coleção de sonhos era mesmo um sucesso. Ele estava tão feliz que pensou que nada de mais extraordinário poderia acontecer. Mas como criança que é criança sempre atrai muitas coisas boas, os dias seguintes foram simplesmente espetaculares.

dezoito

Gabriel enfim ganhou sua nova perna. Só que ela não era azul como Antony e Tommy imaginaram que seria. Mas não tinha problema. O importante para eles era ver o amigo voltar a andar. E Antony estava lá quando o amigo deu os primeiros passos com a ajuda de um andador. Ele não precisaria daquilo para sempre, apenas enquanto seus músculos se fortaleciam.

No início tudo parecia muito difícil. Dias e mais dias na fisioterapia apoiado em muletas para poder fortalecer a musculatura da perna. Às vezes Gabriel chorava de dor, e Antony saía da sala para não chorar também. Mas o amigo não desistia. Logo estava ele se esforçando de novo, empurrado pelos gritos e aplausos dos amigos e dos pais.

– Vamos, meu filho, você está ótimo! Continue assim! – gritava Miguel com os olhos marejados de orgulho.

Gabriel sorria a cada novo incentivo. As tardes eram pesadas. Tinha esteira e piscina para ele se exercitar. Antony notou que, além de fortalecer a perna, ele estava também perdendo os indesejáveis quilinhos a mais.

– Tommy, você deveria fazer isso também – brincava Gabriel.

– Eu não preciso! Isso aqui é excesso de fofura! – dizia balançando a barriga. Todos riam muito.

As visitas a Gabriel eram sempre muito divertidas. Miguel fazia questão de buscar os meninos em casa e levá-los até o local onde o filho fazia o tratamento, a AACD (Associação de Assistência à Criança Deficiente). Era lá que Gabriel recebia toda a atenção dos profissionais que o tratavam como um filho. Na associação Gabriel podia brincar, desenhar, assistir à televisão e tudo o que faria se estivesse em casa.

A coleção de sonhos de Gabriel já estava bem maior que a de Tommy. Ele havia conhecido muitas outras crianças na AACD e, em seu caderno,

anotava todos os sonhos delas e também de seus pais. Mas o sonho que Antony achava o mais bonito de todos era:

Sonho do Gabriel:
Que a amizade entre Tommy, Gabriel e Antony seja eterna.
Como realizar? Já está realizado!

Era como Sophia sempre dizia. Aquela era a amizade mais bonita que existia no mundo. E para celebrar tanta afinidade, Antony convidou o amigo para finalmente conhecer o banco verde, na praça onde ele e Tommy se sentavam para descansar e brincar de encher balões sempre que iam ao bairro vizinho.

Miguel achou uma grande ideia e combinou acompanhá-los até aquela que seria a primeira aventura de Gabriel desde que sofrera o acidente. Antony, como sempre, não conseguiu dormir, ansioso à espera de mais um daqueles dias inesquecíveis.

dezenove

Aquela tarde na praça foi marcante para Antony. Ele viu Gabriel chegar caminhando ao lado de seu pai. O menino sorriu quando os viu. Seu olhar estava direcionado para o banco verde-claro de que Antony tanto havia falado. Tanto que se sentou logo nele.

A praça, apesar de pouco frequentada, era um lugar maravilhoso para descansar. Dezenas de árvores formavam um corredor que findava em um lago onde os três brincaram de atirar pedras para ver quem conseguia fazer a bolha maior.

O lugar onde o banco ficava era bem amplo. Uma espécie de argila cinza cobria o solo. O verde das árvores parecia refletir no céu e transformá-lo em uma mistura inigualável de verde e cinza.

Naquela tarde todos leram suas coleções de sonhos, inclusive Miguel. Foi ele quem deu a ideia e que Antony chamou de "a melhor ideia de todos os tempos".

– Sabem de uma coisa, garotos? Eu pensei em algo que possa ser a solução para realizarmos um sonho do Antony, que com certeza é também um sonho de vocês.

– O que pensou, papai?

– Antony quer ter um montão de livros e escreveu que, para realizar esse sonho, precisava antes crescer e ficar rico. Só que isso talvez não seja necessário.

– Como assim, Miguel? – Os olhos de Antony brilhavam enquanto ouvia atentamente.

– Já pensou em ter sua própria biblioteca?

– Uma biblioteca? Mas como eu vou fazer isso? Eu só tenho um livro!

– Exatamente, Antony. Então você já pode começar! Deixe-me explicar. Vocês podem pedir doações às pessoas. Só que, em vez de

dinheiro, pedirão livros. As pessoas, em sua maioria, têm livros em casa que não leem mais. Elas com certeza darão esses livros a vocês, meninos. Vocês só precisam organizar uma grande campanha de doações de livros usados. Eu vou divulgar no hospital e vocês, na escola. Em breve teremos centenas de livros. E poderemos montar uma biblioteca. E o melhor de tudo isso, Antony, é que, além de você, centenas de outras crianças terão um montão de livros para ler sem ter que crescer e ficar ricas. Entendeu?

– Entendi. Vai ser a melhor biblioteca de todo o mundo. Mas onde vai ser?

– Bem, eu conversei com a Anna e ela concordou em disponibilizar a garagem vaga que temos em casa. A porta fica para a rua. É ideal para nossa biblioteca. Na próxima semana começaremos a preparar as prateleiras. E vocês correrão atrás dos livros. Reúnam os colegas na escola. Falem com os professores. Arrecadem o máximo de livros que puderem. A organização vocês podem deixar comigo.

– Você é muito bom, Miguel. Por que você faz tudo isso?

– Digamos que eu estou apenas realizando um sonho antigo que eu guardava comigo antes mesmo de podê-lo colecionar.

– Quando eu crescer quero ser tão bom quanto você!

– Continue sempre ajudando as pessoas, Antony, e será muito melhor do que um dia eu imaginei ser.

A euforia tomou conta dos garotos. As ideias para a biblioteca não paravam de surgir. Queriam começar naquele dia mesmo a arrecadar livros. Não podiam esperar a hora de ter sua própria biblioteca.

O sol começava a afastar-se no horizonte quando Miguel foi até o carro e voltou com um cilindro vermelho que Antony achou muito esquisito.

– Crianças, sabem o que é isso?

– Não. É alguma coisa do hospital?

– Negativo. Isso é um galão de gás hélio. E sabe para que servem? Para isso! – Miguel tirou uma bexiga verde do bolso, engatou na ponta do cilindro e virou a válvula.

Os olhos de Antony se arregalaram. Uma bexiga cheia em menos de um segundo!

– Tentem. É fácil.

Antony foi o primeiro a encher sua bexiga, depois Gabriel e Tommy, respectivamente. E assim por longos minutos.

Em pouco tempo havia dezenas de balões, todos verdes, dançando pelo céu e sendo carregados pelo vento. E, lá embaixo, três crianças, com os olhos cheios de esperança e sonho imaginavam onde cada um daqueles balões iria pousar. Quem sabe na casa de alguma criança que sonhava em ter um balão para brincar?

vinte|

Tommy estava deitado em sua cama; Antony, no chão. Era assim que funcionava sempre que os dois dormiam no mesmo quarto, ou melhor, sempre que ficavam conversando no mesmo quarto. Dormir mesmo só quando o dia já estava clareando e a conversa já não conseguia ser compreendida por nenhum dos dois.

Naquela noite não foi diferente. Após muita conversa e bagunça, os amigos finalmente adormeceram.



Estava clareando quando Antony escutou uma conversa vinda da sala. Cutucou Tommy, que abriu os olhos e pareceu se assustar com os ruídos. Cristina conversava com alguém.

A outra voz era de um homem, mas não alta o suficiente para ser distinguida. Antony levantou-se assim que percebeu que Tommy sairia do quarto.

De repente um barulho mais alto foi ouvido. Cristina começou a chorar. O coração de Antony disparou e ele não se conteve. Correu até a sala.

– Mãe! – gritava Tommy estridentemente.

– Vá para o seu quarto, filho, por favor.

– Ah, então você está aí, não é? E você me disse que ele não estava, sua canalha – gritou o homem que Antony imaginou ser o pai de Tommy. – Você vai voltar comigo, Tommy. Seu lugar é do meu lado. Não com esse estorvo da sua mãe.

– Mas foi você que mandou a gente embora! – gritou o garoto.

– Eu não mandei vocês embora. Sua mãe é que fugiu com você. Vamos voltar para a nossa casa. Lá você tem tudo, aqui não tem nada. E,

além do mais, papai arrumou uma mãe bem melhor para você.

– Eu não quero outra mãe. Eu amo a minha mãe. Você não podia ter arrumado outra mulher. Eu não gosto de você e não vou voltar.

– Como assim não vai? Esqueceu que eu sou seu pai? Eu mando em você, entendeu?

– Suma daqui, seu animal. Deixe-nos em paz. – Cristina atirou uma cadeira sobre o ex-marido.

– Você não aprende, não é?

Ao ver a mãe sendo agarrada pelos cabelos, Tommy correu até a cozinha e pegou uma garrafa de vidro. Apontando-a para o pai, o ameaçou:

– Solte a minha mãe agora senão…

– Senão o que, rapazinho? Venha cá, você não aguenta nem o peso da garrafa.

E com um só golpe o homem tomou a garrafa da mão de Tommy, quebrou-a na parede e foi em direção ao filho. Aquela garrafa brilhando em suas mãos fez Antony lembrar-se de Marcos. Tommy tentou correr.

Antony arregalou os olhos e gritou. Deu um pulo e correu para a cama do amigo.

– O que aconteceu, Antony? – Tommy sentou-se.

– Eu tive um pesadelo horrível, muito horrível.

– Pesadelo?

– Eu sonhei que seu pai tinha voltado para te levar embora e tinha te cortado com a garrafa do Marcos.

– Antony, não tinha nada melhor pra você sonhar, não? A última coisa que meu pai ia querer era me levar de volta. Fique tranquilo e vá dormir. Eu tô quebrado.

– Você pode ir lá na sala ver se não tem ninguém lá mesmo?

– Não tem nada lá, Antony. Foi apenas um pesadelo. Podemos voltar a dormir agora. Não esqueça que amanhã nós vamos sair para arrecadar livros.

– Tudo bem. Pode apagar a luz que vou tentar dormir.

– Você está empolgado com a ideia da biblioteca?

– Claro que estou. Miguel já conseguiu um monte com um amigo dele que tinha uma livraria.

– É verdade. Em breve inauguraremos nossa biblioteca. Vai ser muito legal!

– Vai sim – disse Antony sentindo os olhos pesarem.

vinte e um

Tommy, Antony, Gabriel, Miguel, Sophia, Anna, Cristina. Todos saíram às ruas nos fins de semana seguintes para arrecadar livros. Em questão de poucos dias já tinham conseguido livros suficientes para montarem não uma, mas duas bibliotecas.

Os fins de semana eram de muito trabalho. Os adultos cuidavam da pintura do local enquanto as crianças separavam os livros e os colocavam cada um em sua respectiva prateleira, segundo Miguel os havia instruído.

Às vezes o serviço ficava lento. Afinal, quem resistiria, com tantos livros por perto, a não parar um minuto sequer para folheá-los? O exemplar de *O Pequeno Príncipe* que Antony havia ganhado tinha sido emoldurado e recebido um lugar de destaque por ser o primeiro livro da biblioteca.

Crianças de toda a vizinhança iam até a frente da casa antes mesmo da inauguração para verem os meninos e seus montes de livros.

As paredes foram cobertas por um papel enfeitado com fotografias de livros. As prateleiras foram sendo organizadas uma a uma. A pedido dos meninos, Miguel colocou almofadas em um dos cantos da biblioteca e espalhou livros por cima. A ideia era que os leitores se sentissem à vontade para ficarem o quanto quisessem.

Mesmo depois de tudo pronto, livros ainda continuavam chegando pelos correios, vindos de todos os lugares. Esses começaram a ser catalogados para doação. Assim, eles poderiam ajudar outras pessoas a montarem suas próprias bibliotecas.

Faltava um dia para a inauguração quando Miguel chamou a todos para uma reunião final. A casa de Gabriel estava um alvoroço. Antony

estava muito empolgado, assim como os demais.

Anna pediu que todos se acomodassem. O silêncio tomou conta da sala. Miguel abriu a cortina e deixou à mostra um cavalete onde, em cima, uma espécie de quadro estava coberto por um tecido vermelho. Os olhos de todos fixaram-se na peça. Anna colocou-se ao lado do cavalete e contou até três antes de revelar o conteúdo.

Biblioteca Colecionadores de Sonhos

Uma linda placa feita em madeira com o nome esculpido. O nome perfeito para aquele lugar.

– Então, o que acharam?

– É perfeito! – disse Antony correndo e abraçando Miguel.

– Que bom! Fico feliz que tenham gostado. Agora só nos falta pendurar isso lá fora. Quem me acompanha?

Todos acompanharam Miguel até a entrada da garagem, onde a placa foi erguida sob o som de aplausos e gritos. Tudo estava pronto. Antony não podia esperar para ver mais um lindo sonho realizado.

vinte e dois

A inauguração foi perfeita. Pessoas de todos os lugares vieram conhecer a Biblioteca Colecionadores de Sonhos. Os pais traziam seus filhos, que traziam ainda mais amigos e assim por diante.

Crianças se espalhavam sobre as almofadas e agarravam os livros como se jamais fossem soltá-los.

Tommy e Antony eram responsáveis por pegar os livros nas prateleiras mais altas, com a ajuda de uma escada. Gabriel ajudava as crianças a escolherem os melhores livros infantis.

Por um instante Antony percebeu o quanto era importante ajudar as pessoas e descobriu que para isso não era necessário ter muito dinheiro. Ele aprendeu que as pessoas precisam de livros, de alegria, de sorrisos, de estarem juntas umas às outras, ajudando-se e sonhando cada vez mais alto.

Sempre que uma pessoa sonha, pode ter certeza de que outra pessoa em algum lugar anota em um caderno qualquer aquele sonho e faz de tudo para um dia poder realizá-lo.

Antony sentou-se em uma almofada perto da mãe. Os dois se abraçaram e juntos admiraram a alegria que exalava de cada sorriso dado por aquelas crianças que se perdiam pelos corredores, sem saber por onde começar. Por um instante, Antony fechou os olhos e agradeceu a Deus por ter a oportunidade de ajudar tantos meninos e meninas que, assim como ele, conseguiam encontrar a felicidade nos pequenos detalhes que só os grandes corações conseguem perceber.

vinte e três

A biblioteca continuou a ser o ponto mais visitado da cidade. Autores iam até lá pessoalmente para doarem seus livros e conversarem com as crianças.

Antony, Tommy e Gabriel ficaram responsáveis por cuidar do bem mais precioso da comunidade.

Miguel voltou para o hospital e continuou a ajudar os pacientes a se alegrarem. Como? Lendo para eles e os ensinando a colecionar sonhos.

Léia também ganhou seu presente. Uma prótese novinha. Não era rosa, mas era perfeita. Ela fez tratamento para parar de beber na mesma clínica de Sophia, e nunca mais falou um palavrão sequer. Antony ficou impressionado com aquilo. Nem mesmo de vaca ela chamava mais as pessoas.

Marcos continuou na cadeia. Conceição saiu do abrigo e começou a trabalhar. Onde? Na fábrica de bombons de Cristina e Sophia. Ela alugou uma pequena casa e chamou Léia para morar com ela.

Com o tempo a fábrica expandiu os negócios. Os bombons ingleses eram devorados por todos que passavam em frente à casa de Cristina e sentiam aquele cheiro irresistível de chocolate.

Com o crescimento do negócio, Léia juntou-se às três e mostrou-se uma doceira de primeira. As quatro mulheres tornaram-se amigas inseparáveis.

Gabriel voltou a correr com sua prótese adaptada. Ele nem se lembrava mais de como era antigamente.

Antony e Tommy continuaram a estudar na escola pública. Os dois passaram de ano e ganharam juntos uma bicicleta por serem os dois melhores alunos da escola. A bicicleta ficava cada semana na casa de um deles.

As visitas à pracinha tornaram-se semanais. O banco verde-claro começou a perder a cor. Centenas de balões foram lançados ao céu pelos três amigos.

Colecionar sonhos tornou-se inevitável. Era impossível não ver as pessoas caminhando pelas ruas com seus cadernos e ajudando umas às outras. Por menor que fosse o sonho, ele iria descansar em uma página de caderno, esperando sua vez de ser realizado. E muitos desses sonhos estavam repousando nas páginas da coleção de Antony.

vinte e quatro

E foi assim que tudo aconteceu.

Por um longo tempo, graças a esse menino que mora aí, na sua cidade e na sua rua, pessoas passaram a tratar melhor umas às outras e a se ajudar mutuamente. As crianças puderam ter mais brinquedos e não precisaram mais trabalhar.

Por um longo tempo a violência e a fome diminuíram. As pessoas passaram a sorrir e a agradecer mais.

Por um longo tempo aquela nobre ideia de colecionar sonhos, que um garoto de oito anos com corpo de seis chamado Antony resolveu inventar, fez do mundo um lugar melhor.

Apenas um sonho ainda não havia sido realizado.

– Antony, você está em casa?

– Miguel! Que bom te ver.

– Eu digo o mesmo, garotão.

– Entre.

– Agora eu não posso. Tenho uma operação marcada para daqui a uma hora. Passei rapidinho só para lhe dar isso, espero que goste. Depois nos vemos. Tchau!

– Tchau!

Antony não entendeu por que Miguel foi embora tão rápido. Mas a dúvida logo deu lugar à curiosidade diante do lindo pacote embrulhado em papel azul brilhante que foi logo arrancado.

Antony não podia acreditar no que estava vendo. Aquela caixa! Aquele objeto tão bem descrito por Tommy durante tanto tempo. Um

videogame! Sim! Aquilo era um videogame! Ele não sabia como usar, mas com certeza sabia o que fazer com ele.



O sol brilhou mais forte. O azul do céu refletiu a cor da felicidade. O vento forte jogou a franja de Antony para trás enquanto ele corria descalço pela rua com o pacote na mão, gritando o nome do amigo.

– Tommy! Tommy!

SAIBA MAIS, DÊ SUA OPINIÃO:

Conheça - http://www.novoseculo.com.br

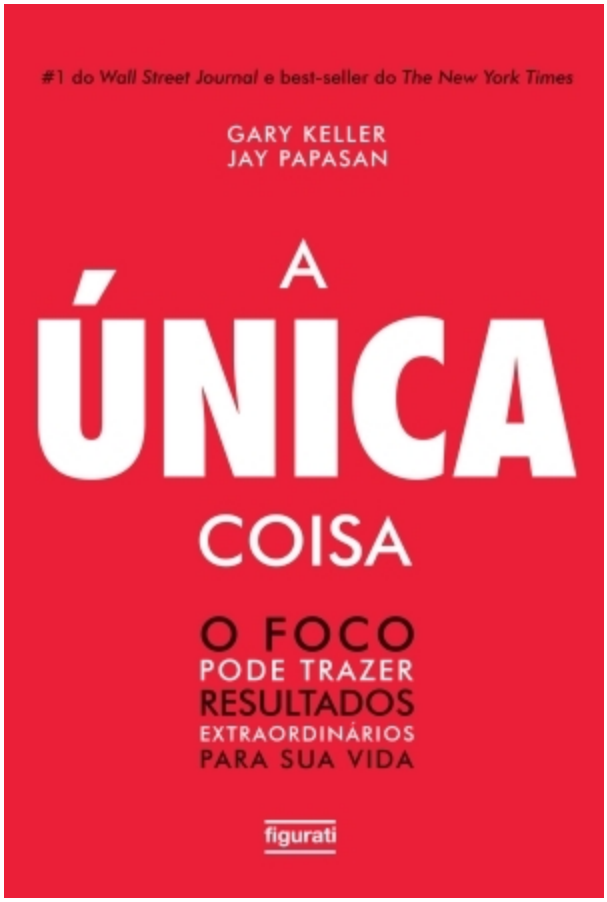
Leia - www.novoseculo.com.br/blog

Curta - /NovoSeculoEditora

Siga - @novoseculo

Assista - /EditoraNovoSeculo

novo século®


#1 do Wall Street Journal e best-seller do The New York Times
GARY KELLER
JAY PAPASAN
A
ÚNICA
COISA
O FOCO
PODE TRAZER
RESULTADOS
EXTRAORDINÁRIOS
PARA SUA VIDA
figurati

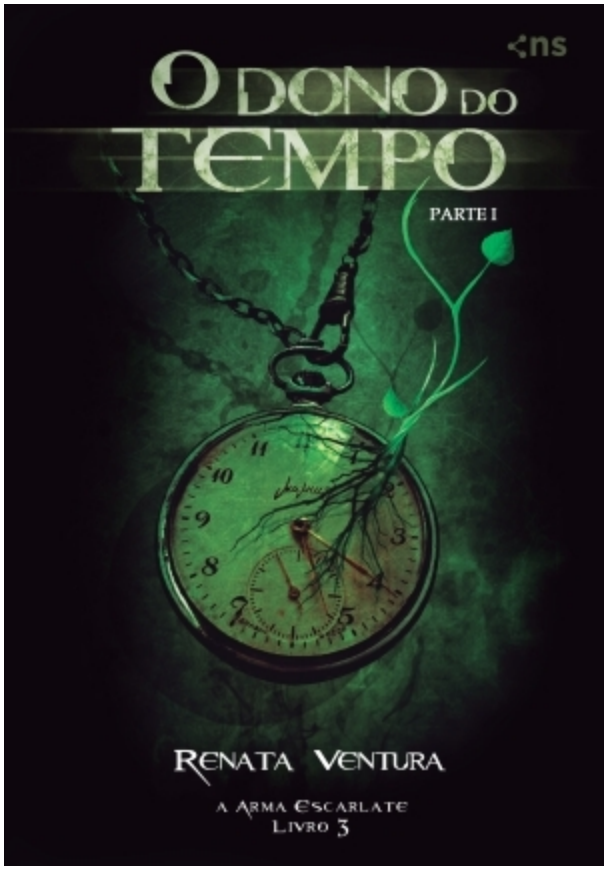
A única coisa

Keller, Gary
9788542802443
208 páginas

Compre agora e leia

#1 DO WALL STREET JOURNAL E BEST-SELLER DO THE NEW YORK TIMES. MAIS DE 50 MIL EXEMPLARES VENDIDOS NO BRASILOcupado demais para ler um livro?Tudo bem, não há nada de errado em se dedicar a seu trabalho, a sua família, a seu futuro. A questão é: você está focado no que é realmente importante? Você dedica, hoje, a maior parte de seu tempo a alguma coisa, uma ÚNICA coisa, que sintetize seus sonhos, seus desejos, suas aspirações?Os resultados que você obtém são diretamente influenciados pelas escolhas que faz. Alcance resultados extraordinários em todas as áreas de sua vida. Acabe com a desordem de sua rotina, siga e mantenha-se firme em direção a sua meta. Torne-se um mestre no que realmente importa para você.Focando em sua ÚNICA coisa, é possível alcançar mais, fazendo menos.Qual é a sua única coisa?• O best-seller da editora em uma nova reimpressão.• Mais de 50 mil exemplares vendidos só no Brasil.• Este livro ensinará a eliminar a desordem, alcançar melhores resultados em menos tempo, construir ímpeto em direção a objetivos, superar o estresse e outros sentimentos oprimidos, retomar a energia e dominar o que é importante para você.

Compre agora e leia


O DONO DO TEMPO
PARTE I
RENATA VENTURA
A ARMA ESCARLATE
LIVRO 3

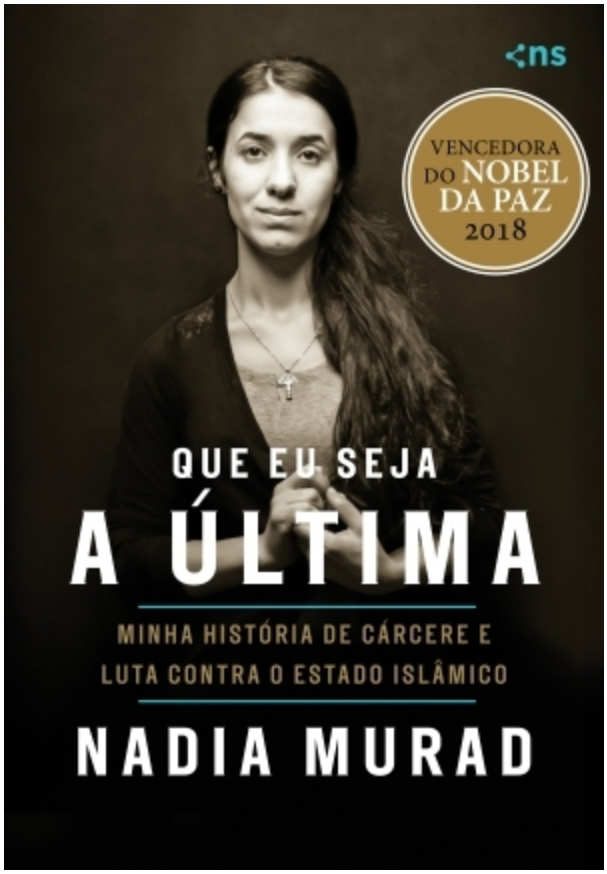
O Dono do Tempo

Ventura, Renata
9788542815726
512 páginas

Compre agora e leia

Palavras têm poder. Elas podem reerguer uma pessoa ou atingi-la com a força de mil feitiços. Em seu terceiro ano como bruxo, Hugo terá de aprender, de uma vez por todas, que sua varinha vermelha não é sua maior arma, nem a que mais machuca. Após um dos anos mais conturbados na história da comunidade bruxa brasileira, 1999 começa derrubando a porta com todos os cruéis efeitos do ano anterior, e enquanto um dos amigos de Hugo lida com as duras consequências do heroísmo de seus atos, outro precisará muito de sua ajuda. Alguém a quem Hugo feriu mais do que a todos, com suas palavras irrefletidas. Movido pelo remorso e pelo profundo desejo de salvar alguém que tanto admira, Hugo terá de fazer uma perigosa jornada pelo interior da gigantesca floresta amazônica, numa corrida contra o tempo para consertar o inconsertável, porque, como diz a inscrição em tantos relógios antigos pelo mundo... Todas as horas ferem. A última mata. "Hugo tem um potencial tão grande para se tornar uma pessoa boa, que nós comemoramos sempre que ele acerta e nos entristecemos toda vez que ele falha, tornando-o muito real para nós." "The Guardian" "Uma história fascinante! A riqueza, a trama, o desfecho... Eu quase tive um ataque!" Caco Cardassi, canal Caldeirão Furado "Um dos livros mais corajosos e importantes que já li. Se eu já tinha 'A Arma Escarlate' e 'A Comissão Chapeleira' como meus livros favoritos, eles ganharam um peso ainda maior com 'O Dono do Tempo'. É uma saga que todos deveriam ter como livros de cabeceira." David Ernando, "Paralelismo"

Compre agora e leia


ns
VENCEDORA DO NOBEL DA PAZ 2018
QUE EU SEJA
A ÚLTIMA
MINHA HISTÓRIA DE CÁRCERE E LUTA CONTRA O ESTADO ISLÂMICO
NADIA MURAD

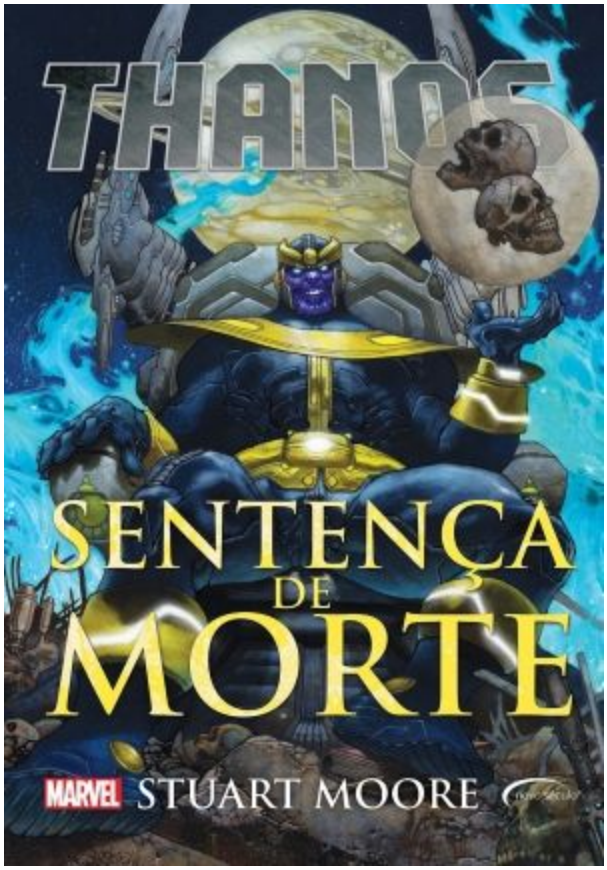
Que eu seja a última

Murad, Nadia
9788542815689
336 páginas

Compre agora e leia

Nestas intimistas memórias de sobrevivência, uma ex-prisioneira do Estado Islâmico conta a sua angustiante, mas inspiradora história. Em 15 de agosto de 2014, quando Nadia tinha apenas 21 anos de idade, sua vida terminou. Os terroristas do Estado Islâmico massacraram o povo de sua aldeia, executando os homens que se recusaram a se converter ao Islã, e as senhoras idosas demais para se tornarem escravas sexuais. Seis dos irmãos de Nadia foram mortos, e pouco depois, também a sua mãe. Os corpos foram jogados em valas comuns. Nadia foi transportada à força a Mossul e, junto com milhares de outras moças iazidis, vendida como escrava pelo Estado Islâmico. Nadia fora mantida em cativeiro por vários terroristas, e passou a ser continuamente estuprada e espancada. Contudo, ela conseguiu fugir pelas ruas de Mossul, encontrando guarida no lar de uma família muçulmana sunita, cujo filho mais velho arriscou a vida para contrabandeá-la a um local seguro. Hoje, a história de Nadia — como testemunha das atrocidades do Estado Islâmico, sobrevivente de estupro, refugiada, iazidi — forçou o mundo a prestar atenção ao genocídio em andamento no Iraque. É um chamado à ação, um testamento à vontade humana de sobreviver e uma carta de amor a um país perdido, uma comunidade frágil e uma família destroçada pela guerra.

Compre agora e leia


THANOS
SENTENÇA DE MORTE
MARVEL
STUART MOORE

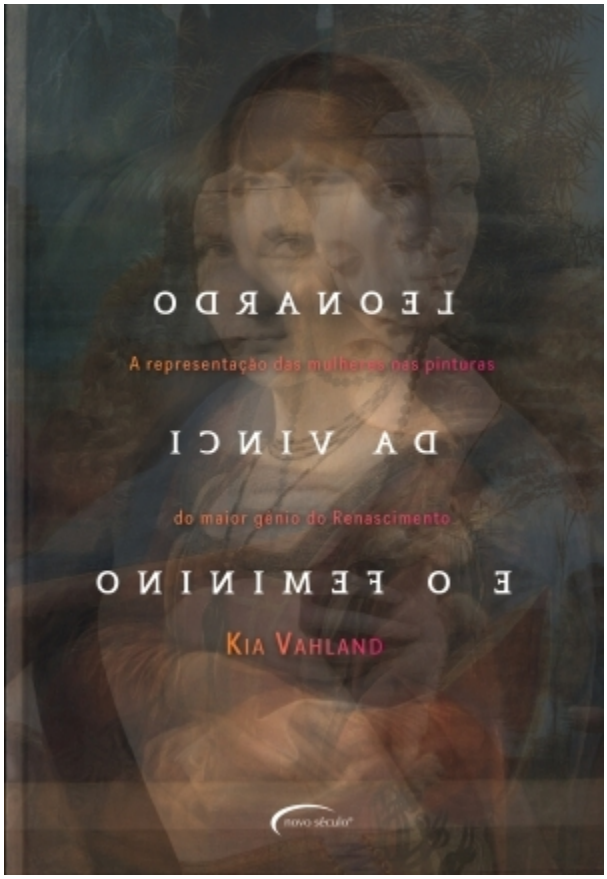
THANOS SENTENCA DE MORTE

MOORE ,STUART
9788542813920
320 páginas

Compre agora e leia

UM ROMANCE INÉDITO ESTRELANDO O MAIOR VILÃO DA MARVEL!É uma luta antiga: Thanos conquista as Joias do Infinito, Thanos perde as Joias do Infinito. O mundo é, então, reconstruído. Desta vez, no entanto, a Morte perdeu a paciência com o poderoso Titã Louco. É hora de mudança.A Morte está cansada de esperar. Essa incessante busca de Thanos pelas Joias do Infinito sempre o definiu. Mas quando os heróis da Marvel o derrotam mais uma vez, a Morte, amada de Thanos, concede-lhe uma última chance. Desprovido de seus poderes e de sua velha pele, Thanos embarca num itinerário cósmico para reafirmar seu poder sobre si mesmo e sobre o Multiverso. "Thanos: Sentença de morte" é uma história original que explora os aspectos mais profundos de um dos personagens mais poderosos do Universo Marvel. Thanos tem em suas mãos a chance de se tornar algo completamente diferente. Ele manterá suas ilusões de grandeza, ou seria este um novo caminho para um deus perdido? Confira neste 19º livro da Série Marvel, trazida a você com exclusividade pela Novo Século.

Compre agora e leia


LEONARDO
A representação das mulheres nas pinturas
DA VINCI
do maior gênio do Renascimento
E O FEMININO
KIA VAHLAND
novo século

Leonardo da Vinci e o feminino

Vahland, Kia
9788542813005
352 páginas

Compre agora e leia

UM NOVO OLHAR SOBRE A VIDA E OBRA DO GRANDE GÊNIO 500 ANOS APÓS A SUA MORTE.Com suas inspirações, perspectivas visionárias, máquinas de sonho e estudos de anatomia, Leonardo da Vinci é tido como o precursor dos tempos modernos. Menos conhecido, no entanto, é seu retrato revolucionário da mulher moderna séculos antes de movimentos feministas como Me Too, Time's Up e muitos outros.Antes de Da Vinci, os retratos das mulheres eram sem vida, impessoais e as mostravam principalmente de perfil. Leonardo quebrou esses limites: fez várias de suas cobaias, incluindo Mona Lisa, olharem para o espectador, dando-lhes poder e autoridade, duas coisas que certamente não faziam parte do universo feminino da época.Nesta biografia, a historiadora de arte e jornalista Kia Vahland relata toda a vida de Leonardo e mostra como ele conseguiu se tornar o grande artista da sua época: aliando-se às mulheres. O livro inclui esboços e pinturas que evidenciam a nova abordagem de Leonardo e também mostra como Raphael, Giorgione e o jovem Ticiano foram influenciados pelas mulheres de Da Vinci, enquanto Michelangelo criou imagens masculinizadas que se contrapõem às de Leonardo.Este novo olhar sobre a vida de Leonardo da Vinci explica como o artista quebrou convicções e, desse modo, desenvolveu uma nova visão da natureza e da arte, das mulheres e dos homens, da ciência, da religião e da política. E, com isso, mudou para sempre a maneira como o feminino é representado.

Compre agora e leia

Table of Contents

um|
dois|
três|
quatro|
cinco|
seis|
sete|
oito|
nove|
dez|
onze|
doze|
treze|
catorze|
quinze|
dezesseis|
dezessete|
dezoito|
dezenove|
vinte e um|
vinte e dois|
vinte e três|
vinte e quatro|